



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Renata Morais Lima

Experienciar: entre cartas e constituição docente

São Gonçalo

2017

Renata Morais Lima

Experienciar: entre cartas e constituição docente



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosimeri de Oliveira Dias

São Gonçalo
2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

Lima, Renata Moraes.
Experienciar: entre cartas e constituição docente / Renata Moraes
Lima. – 2017.
148f.

Orientadora: Rosimeri de Oliveira Dias.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Formação de Professores

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Renata Morais Lima

Experienciar: entre cartas e constituição docente

Texto dissertativo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Aprovada em 28 de junho de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rosimeri de Oliveira Dias (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ

Prof. Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF

Prof^a. Dr^a. Anelice Astrid Ribetto
Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ

São Gonçalo

2017

AGRADECIMENTOS

À Rosimeri de Oliveira Dias, minha orientadora, sorte por este encontro que me transformou e que continua nas afirmações dançantes da vida.

Ao José Renato (*in memoriam*), pai amoroso, amigo, obrigada pela vida partilhada, pelas rosas vermelhas.

À minha mãe, Edna Morais, por me acolher quando a solidão ronda e as pernas não firmam mais.

À Tia Célia, por ser mais do que uma amiga, mais que madrastra, por ser minha mãe.

Ao Emanuel, meu paidrasto amoroso, obrigada pelos “leites quentes” que me mantiveram aquecida e forte.

Ao Ítalo, por me fazer rasgar o estabelecido e resistir pelos acontecimentos, te amo!

Às amigas, que são perfumes em qualquer previsão de tempos: Cristiane, Evelin, Geruza, Kaluany, Laélia, Rodrigo, Shirley, Suzana, amor na/com/pela vida.

À Tia Rita, por termos transformado nossa relação familiar em amizade e risos, lembrarei sempre dos seus gestos carinhosos nos momentos de alegria e tristeza.

À Tia Ana, Tio Carlos, Leo, Vanessa, Tio José Carlos, Eduardo, Gabi, Bruno, Carol, pela amizade e companheirismo.

À Michelle e João, pela parceria com o Fajó de Minas, que fez sonhos se transformarem em realidade.

À família que, mesmo à distância, enviou-me solidariedade e votos de realização.

Ao grupo de pesquisa constituído por Hélio, Gabriela, Adriana, Gabriel, Lívia, Robson, Priscilla, Renata e Giselle, pelas intervenções, ideias, aberturas, alegrias, amizade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais, turma de 2015 e professores, pelos potentes encontros: vocês estão em minha carne.

Ao Marcus Vinícius por cuidar tão bem das burocracias que envolve esta trajetória.

À Professora Anelice Ribetto e Chico: o amor entre vocês me provocou olhares impossíveis, o mestrado.

À Professora Maria Tereza: com a senhora pude a dimensão da alteridade que a vida constitui ganha força.

Professora Jacqueline Morais, como pode sorriso e exigência caberem tão bem em uma mistura? Grata pelos sorrisos exigentes!

Aos professores Anderson Ferrari e Walter Kohan por intervirem nos processos de invenção de uma dissertação-experiência que transforma esta professora.

Aos meus antigos e atuais professores que participaram desta pesquisa.

À Sandrela e Rosinha amigas de muitas estradas, que nossos caminhos continuem pelos atravessamentos.

À Rosa Paiva, Jornlandro Louzada e Hélio Eduardo, uma trupe que vai ficar sempre no cartaz do meu circo, não tenho palavras para vocês...grata!

Wiliam, pela amizade que nasceu das necessidades. Obrigada por vender meus fajós!

À CAPES que financiou parte da pesquisa de 2016 a 2017.

Foi uma alegria para mim ler muitas vezes esse soneto e sua carta; portanto agradeço pelos dois. Não se deixe enganar em sua solidão só porque há algo no senhor que deseja sair dela. Justamente esse desejo o ajudará, caso o senhor o utilize com calma e ponderação, como um instrumento para estender sua solidão por um território mais vasto. As pessoas (com o auxílio de convenções) resolveram tudo da maneira mais fácil e pelo lado mais fácil da facilidade; contudo é evidente que precisamos nos aferrar ao que é difícil; tudo o que vive se aferra ao difícil, tudo na natureza cresce e se defende a seu modo e se constitui em algo próprio a partir de si, procurando existir a qualquer preço e contra toda resistência. Sabemos muito pouco, mas que temos de nos aferrar ao difícil é uma certeza que não nos abandonará. É bom ser solitário, pois a solidão é difícil; o fato de uma coisa ser difícil tem de ser mais um motivo para fazê-la (*RILKE, 2009, p. 64-65*).

RESUMO

LIMA, R. M. . *Experienciar: entre cartas e constituição docente*. 2017. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Talvez... todos os professores se formem e transformem. Quem nunca tremeu, se sentiu inseguro, ou teve aquela sensação de que lhe roubaram o “ser”? Esta busca por experiências que deixem ver a constituição docente, atenção, presença, silêncio, ganha corpo com as cartas. Elas são um convite, um jogo de cartear, que ao enviar e receber palavras, acompanha processos. Aqui, professoras e professores são artistas de si, pois, deram a ver as linhas de subjetivação que compuseram seus processos formativos, como cada uma e cada um se constituíram docentes. Com a escrita de cartas também busquei por uma autoformação, transformando esta pesquisa em uma dissertação-experiência, em que vida e pesquisa não se dissociam. A experiência também se caracteriza pela transformação que acontece com a escrita, dando forma ao pensamento, provocando desaprendizagens. Esta pesquisa atravessada por correspondências, de cartas, de e-mails, de lembranças, enfim de encontros, tentou capturar os ares de uma estética de si docente. Em suma, as cartas são um dispositivo metodológico que emergiu do texto “A escrita de si” de Michel Foucault, e com os atravessamentos durante o percurso do Mestrado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores do Estado do Rio de Janeiro. Com Michel Foucault mostro como a carta age e produz presença. Com estes princípios da correspondência, como está no texto a “escrita de si”, esta pesquisa se desenhou em três momentos, explicitados por meio de verbos no infinitivo- enviar, escrever e experienciar – que crivam, na experiência a força de um encontro, seus diversos modos de usá-los, suas presenças e a invenção de si por si mesmo.

Palavras- chave: experiência. cartas. formação de professores. estética docente

RESUMEN

LIMA, R. M.. *Experiencia: entre cartas y constitución docente*. 2017. 148 f. Disertación (Maestría en Educación) - Facultad de Formación de Profesores, Universidad del Estado de Río de Janeiro, São Gonçalo, 2017.

Quizas... todos los profesores se formen y transformen. ¿Quién nunca tembló, se sintió inseguro, o tuvo aquella sensación de que le han robado el “ser”? Esta búsqueda por experiencias que dejen a ver la constitución docente, atención, presencia, silencio, gana cuerpo con las cartas. Ellas son una invitación, un juego de cartas, que al enviar y recibir palabras, acompaña procesos. Aquí, profesoras y profesores son artistas de sí, pues, dieron a ver las líneas de subjetivación que han compuesto sus procesos formativos, como cada una e cada un se han constituido docentes. Con la escritura de cartas también he buscado por una autoformación, transformando esta investigación en una disertación-experiencia, donde vida y investigación no se disocian. La experiencia también se caracteriza por la transformación que ocurre por la escritura, dando forma al pensamiento, provocando desaprendizajes. Esta investigación atravesada por correspondencias, de cartas, de e-mails, de recuerdos, por fin de encuentros, intentó capturar los aires de una estética de sí docente. Sumamente, las cartas son un dispositivo metodológico que emergió del texto “A escrita de si” (FOUCAULT, 2010a) y con los atravesamientos mientras de daba el curso de Mestrado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores do Estado do Rio de Janeiro. Con Michel Foucault nuestro como la carta actúa y produce presencia. Con estos principios de la correspondencia, como esta en el texto “escrita de si”, esta investigación se ha diseñado en tres momentos, explicitados por medio de verbos en el infinitivo- enviar, escribir y experimentar – que crivan, en la experiencia la fuerza de un encuentro, sus diversos modos de utilizarlos, sus presencias y la invención de sí por sí mismo.

Palabras- clave: experiencia, cartas, formación de profesores, estética docente

SUMÁRIO DE IMAGENS

Figura 1 -	Cartas enviadas aos docentes	22
Figura 2 -	Fragmentos I da carta do professor Antônio Maurício	33
Figura 3 -	Fragmentos I da carta da tia Celes	39 e 40
Figura 4 -	Fragmentos I da carta da Sueli	44 e 45
Figura 5 -	Fragmentos I da carta da tia Cida	47 e 48
Figura 6 -	Fragmentos I da carta da tia Neuza	51
Figura 7 -	Fragmentos I da carta da Sandrelena	53 e 54
Figura 8 -	Fragmentos I da carta da Rosinha.....	55, 56 e 57
Figura 9 -	Fragmentos I da carta da tia Leninha.....	67
Figura 10 -	Fragmentos II da carta da Rosinha.....	69
Figura 11 -	Fragmento II da carta da tia Leninha	71
Figura 12 -	Fragmento II da carta de tia Neuza.....	78
Figura 13 -	Fragmentos II da carta da Sueli.....	79
Figura 14 -	Fragmento II da carta do Antônio Maurício.....	79
Figura 15 -	Fragmento II da carta da tia Celes.....	79
Figura 16 -	Fragmento II da carta da tia Cida.....	79
Figura 17 -	Fragmento II da carta da carta da Sandrelena.....	80
Figura 18 -	Fragmentos III da carta da tia Leninha.....	80
Figura 19 -	Fragmento III da carta da Rosinha.....	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ENVIAR	14
1.1 Efeitos de uma metodologia	26
2 ESCREVER	32
3 EXPERIENCIAR	59
CONCLUIR E/ OU CORRESPONDER?	73
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85

Introdução

Abrir os horizontes para as múltiplas possibilidades de estar na educação é uma proposta ampla, como são amplas as experiências que podemos ter no cotidiano escolar. Foram essas experiências que me despertaram na busca por maneiras de nos constituirmos como professora.

Colei grau em Filosofia em janeiro de 2005 e, nessa época, não pensava em lecionar. Trabalhava como secretária e, com o certificado de nível superior, poderia prestar concurso alcançando uma estabilidade e um salário melhor. Durante algum tempo, vivi entre escritórios, acreditando que passaria em um concurso público. A verdade é que nunca tive motivação para estudar para esses concursos, talvez por isso, os resultados eram sempre frustrantes.

Em 2008 deixei o trabalho administrativo e fui arriscar a vida profissional como vendedora. O produto era algo no qual não acreditava; talvez por essa razão não conseguisse fechar muitas vendas. Depois de alguns meses desempregada, resolvi escutar dois amigos que sempre me disseram que levava jeito para professora. Eles tinham razão: foi amor à primeira aula!

De 2009 em diante, meus esforços têm sido para ampliar as possibilidades de educar. No ano de 2010, realizei concomitantemente com a Especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea, um curso de formação de professores na Faculdade de Educação – ambos na Universidade Federal de Juiz de Fora. Nesse curso, conheci uma doutoranda que estava estudando o filósofo francês Henri Bergson. Sua apresentação me afetou de tal forma que duas semanas depois estava fazendo parte do grupo de estudo sobre o filósofo. Seis meses após o início desse encontro com Bergson, o professor coordenador dos estudos convidou-me a ingressar no Grupo de Pesquisa Bergson e a Educação.

Esse grupo estava iniciando um encontro com uma escola que utilizava uma pedagogia pouco conhecida, a Pedagogia Waldorf. Criada pelo alemão Rudolf Steiner, para atender às necessidades dos trabalhadores de uma fábrica de cigarros, que perceberam a necessidade de educar suas crianças, já que a instrução proporcionada pela família a cada dia se tornava mais difícil por conta da empregabilidade também das mulheres.

Os encontros foram realizados três vezes por semana, por três bolsistas do grupo, e durou o primeiro semestre de 2013. Quando as bolsistas contavam as experiências vivenciadas nessa escola, todos no grupo éramos contagiados por uma alegria de habitar aquela escola e por percebermos ser possível estar na escola de uma maneira outra. O desejo de mergulhar mais naquele cotidiano de uma escola Waldorf, para contar sobre os encantamentos/ ensinamentos, ficou guardado para um outro momento.

Em 2013, terminei a especialização em Filosofia, mas a pesquisa em Educação continuou. A busca por possibilidades outras de nos tornarmos professora apenas havia se iniciado.

Como professora do Estado de Minas Gerais, muitos acontecimentos me fizeram despertar e repensar minhas práticas, como as vezes em que os discentes perguntavam “para que serve Filosofia?” ou “para que ela será útil em minha vida?”. Acreditei que eles queriam ser convencidos a estarem por inteiro, a estarem atentos, presentes, em aula. Então lançava a eles outra pergunta: “por que vocês vêm à escola?”. Alguns diziam por obrigatoriedade dos pais. Outros convencidos pela esperança de que serão “alguém”, lançavam para o futuro sua expectativa de algo melhor. A questão que se coloca é que, nos dois casos, existe uma esperança em um futuro, o que pode “vir a ser” - e parecia ser o suficiente para estarem dentro dos muros escolares. Mas não por inteiro!

E o momento passa. Passa sem que eles, os atores que compõem essa ode escolar, percebam o que lhes passou, o que lhes aconteceu, sem se deixarem tocar pelos detalhes que compõem cada instante desse palco chamado escola e vida. Muitas coisas nos acontecem, mas poucas se tornam experiência (AGAMBEN, 2005). “A experiência não é outra coisa se não a nossa relação com o mundo, com os outros e com nós mesmos” (LARROSA, 2008, p. 186). Isto quer dizer que há um discurso econômico e social de poder que prepondera. Talvez um único discurso?

Essa curiosidade, por encontros em que as diferenças são afirmadas, colocou-me em direção ao Mestrado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse espaço, encontrei com professoras(es)/pesquisadoras(es) que nos proporcionaram repensar nossas práticas. Junto delas e deles, descobri autores e maneiras outras de pensar a educação. Percebi que não existem respostas prontas, mas um mundo de desafios que um professor atento, presente, é capaz de buscar. Que devemos estar atentos à singularidade do que

vivemos, pois cada momento é único, cada encontro traz uma particularidade que não irá se repetir.

Nesse fluxo das transformações, as questões que se relacionam com a formação de professor ganharam ênfase e abertura ao procurar por experiências constituidoras de si: fui colocada em contato com as forças que afirmam as possibilidades de um *êthos* – não apenas uma ética, mas também a liberdade que imprime uma estética da existência. Então nós, docentes, quando nos colocamos à disposição do outro, fazemos criamos um encontro e deixamos apenas que o nosso olhar atento, diante do tremor que o outro nos provoca, aconteça algo, com o diz Larrosa (2008, p. 188-189),

o tipo de relação que não desperdiça o que existe talvez não seja o da intenção, mas o da atenção. Porque atenção e intenção são inversamente proporcionais. Quanto mais intenção, menos atenção, e vice-versa. Quanto mais crítica e mais juízo, menos atenção, e vice-versa. E o sujeito da experiência não é um sujeito intencional, nem crítico, nem jurídico, mas um sujeito atento.

Foi com esse olhar atento, transformado e que se transforma, que coloquei-me por trilhar os caminhos da pesquisa com o objetivo de buscar as experiências capazes de dar visibilidade a uma estética da existência professoral, utilizando a escrita de cartas como dispositivo de pesquisa e intervenção (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA; 2009).

Como tornar visível uma experiência que é fluxo? “Porque o resultado subjetivo da experiência é a transformação do sujeito da experiência” (LARROSA, 2007) mas como dar a ver a estas singularidades?

Portanto, há três momentos deste trabalho, divididos por verbos no infinitivo, que dão a ver ações e presenças traçadas entre correspondências/cartas endereçadas a professores. Os verbos no infinitivo permitem trazer as ações com múltiplos sentidos e forçam a pensar modos de usá-los, a partir de uma necessidade de um modo de criar/inventar em vez de analogias marcadas por interpretações e significações.

Buscar-se-iam outros sentidos, reerguer a linguagem para um plano criativo, talvez algum plano menor porque não dominante, encontrar no galope dos fatos a suavidade do eterno retorno da diferença, uma vez que nos saberíamos fazedores de efeitos de superfície causados pela queda oblíqua nos lençóis do tempo puro, para além do Eu penso, do Eu sinto, do que Eu ajo e imagino (FONSECA; NASCIMENTO; MARASCHIN, 2012, p.11)

Enviar é o capítulo 1: nele a busca por um professor que se constitui, que se forma e transforma, que está presente nos acontecimentos. Envio-o ao leitor como engendrou-se uma metodologia de pesquisa: a correspondência, por meio de encontros com professores do mestrado, com Foucault (2010a) e Deleuze (1996, 1998, 2008), e o desejo de corresponder com antigos professores deram o tom desta pesquisa.

Escrever, no segundo momento, assume o processo de formação que se faz na relação com o outro e na relação consigo mesmo, por meio da escrita. Inspirado no texto “A escrita de si”, de Foucault (2010a), constata-se que a escrita funciona como movimento do pensamento, uma ferramenta para a pesquisa, que deixa ver como nossos antigos professores se constituíram.

Experienciar é o terceiro momento desta pesquisa, para mostrar o que foi possível afetar e se deixar afetar com os endereçamentos das cartas e sua função/dispositivo metodológico de formação. Ler, reler, escrever e pensar.

Esses verbos no infinitivo funcionam como gestos de formar, que dão movimento ao pensar com e sobre nossa passagem por este mundo, visto que ela contou e ainda conta com muitos acolhimentos; é prestar nosso respeito por todos aqueles que nos formaram, que nos tocaram e nos auxiliaram em nossa formação. Não nos constituímos sozinhos: em nós há muitos educadores, uma mistura heterogênea realizada por nós, e impossível de ser repetida.

1 ENVIAR

Em minha mais alta estima, começo este percurso dissertativo ao enviar àquelas e àqueles que dão sentido a estas linhas, uma metodologia e uma pesquisa que foi se constituindo ao longo do Mestrado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Este capítulo recebe o nome de *enviar* na tentativa de expressar um movimento, um gesto, uma entrega do que foi vivido em uma pesquisa, um agenciamento “um *rosto*, rosto largo com bochechas brancas e perfurado por olhos negros, isso ainda não se parece com um rosto” (DELEUZE, 1998, p.15).

Às vezes, o costume de desenvolver raciocínios por uma lógica linear, um hábito talvez, ainda nos force a cunhar inícios, a tentar encaixar o que foi falado com o que virá em seguida. Porém, neste espaço-tempo, nossa história constituída coletivamente segue pelo fluxo, pelo devir, pelos encontros. Não vamos então nos preocupar se este início virá imaculado por fins, meios, vírgulas, flores ou qualquer lógica que possa ganhar sentido pelo perfume que estamos buscando construir. Quero dizer que será mostrado os encontros e os sentidos atribuídos a eles.

Estudar em uma universidade na periferia do Rio de Janeiro poderia parecer uma mudança nas lógicas políticas da atualidade brasileira, se não fosse pelo descaso que os direitos adquiridos vêm sofrendo com o desmantelamento de instituições públicas do país. Marcar esse lugar de onde falo se faz necessário também pelos enfrentamentos que esta universidade vem passando.

Realizamos em 2016 uma dura e combativa greve de quase cinco meses, com intensa mobilização da categoria e difíceis negociações com o governo, que resultaram na aprovação de importantes alterações no Plano de Carreira Docente (corrigindo distorções do plano anterior) e dos servidores técnico-administrativos, reajuste nas bolsas estudantis e o compromisso do governo de finalmente repassar pelo menos uma quantia emergencial para a manutenção da UERJ. Dentre os compromissos assumidos estava também a criação de um Grupo de Trabalho envolvendo as Secretarias de Fazenda (Sefaz), de Planejamento (Seplag) e de Ciência e Tecnologia (Secti), além do Líder do Governo na Alerj (Edson Albertassi) e da Asduerj, com o objetivo de viabilizar o encaminhamento de um projeto de lei sobre a incorporação da Dedicção Exclusiva ao vencimento-base dos docentes da UERJ.

<https://www.asduerj.org.br/index.php/component/content/article/78-noticias-da-asduerj/180-mais-do-que-nunca-e-hora-de-resistir>

Servidores e estudantes, ainda em 2017, vêm se mobilizando em ações para que seus direitos sejam cumpridos. Manifestações que agora exigem o pagamento atrasado: do 13º salário referente ao ano de 2016, de salários e de bolsas auxílio. Mas esses atos não pesam somente pela ampla defesa da Universidade pública, gratuita, de qualidade e popular, mas também pelo direito a uma aposentadoria em idade adequada, com contribuições possíveis, e direitos trabalhistas mantidos para todo povo brasileiro.

Esta pesquisa foi produzida no meio da militância; por isso, foi possível acompanhar e ver a força das professoras desta universidade que integro como mestranda. Conheci apenas um professor neste percurso.

Mineira, cheguei em novos territórios e não tive a oportunidade de conhecer todos os professores do Programa. A expressividade dessas mulheres, porém, deram-me novos contornos, outros aromas, um daqueles cheiros e cores que ao sentir novamente nos lembramos de casa: não a casa dos confortos, mas um outro lar de atividades.

E, como diz Moraes (2016, p.48), “neste tornar-se com o outro as histórias importam. Muitas histórias importam”. Essa dimensão do coletivo que vai se constituindo, o encontro, a alteridade, os aspectos das histórias, ou seja, as conversas que se travam, que nos afetam e transformam: sim, elas importam. Como então ver esta celebração do encontro?

Deleuze e Parnet (1998, p. 06) nos diz que um encontro é talvez o mesmo que um devir. Encontram-se pessoas, movimentos, ideias, acontecimentos que designam um efeito; algo que passa e se passa entre dois, uma dupla-captura. Ele e ela continuam: “encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação”.

Para explicitar tal preparação, no início do mestrado, em março de 2015, cursei uma disciplina – Fundamentos da Educação, ministrada pelas professoras Anelice Ribetto e Jaqueline Moraes. Leidiane Macambira, uma companheira dessa aula, enviou-me uma carta (Anexo 16, p. 143), como forma de analisar uma apresentação que fiz. Em tal carta, ela falou do meu olhar apaixonado e que “o olhar apaixonado, fixado, pode nos impedir de ver aquele espaço de outros modos” (idem). Nesta época, pensava em pesquisar uma escola que possibilitasse outra lógica em relação às aproximações entre docentes e discentes, discentes e docentes. E do olhar apaixonado ela escreve, sobre algum livro que leu:

Castañeda foi ao povoado de Sonora, no México, para conhecer um bruxo chamado Don Juan, a quem pediu que o ensinasse a ver. Assim Don Juan interna-se com Castañeda, no meio da selva mexicana. (...) E, de repente, Don Juan exclama: “Olha, olha o que há aí! Viste?” Castañeda lhe responde: “não...não o vi”. Continuam caminhando e, uns dez minutos mais tarde, Don Juan volta a deter-se exclama: “Olha, olha aí! Viste?” Castañeda olha e responde: “não ... não vi nada”. “Ah!”, é a lacônica resposta de Don Juan. Seguem sua marcha e volta a acontecer a mesma coisa duas ou três vezes, mas Castañeda nunca vê nada; até que, enfim, Don Juan encontra a solução: “agora entendo qual é o teu problema!” – lhe disse: “tu não podes ver o que não podes explicar. Trata de esquecer de tuas explicações e começarás a ver” (Anexo 16: Carta recebida por Leidiane Macambira, p. 143).

As palavras dessa companheira, uma amável advertência, ou talvez, um “conselho” para a atenção, estão no corpo desta dissertação de duas formas: lembrando os cuidados que devemos tomar com a razão, nos propondo a momentos de suspensão, e destacando que é preciso aproveitarmos os acontecimentos triviais do dia a dia, nos deixarmos afetar por eles. Esse mergulho, essa abertura proporcionada pelo gesto trazido por uma correspondência foi uma alegria, uma surpresa. As palavras dela foram como vaga-lumes mantendo a atenção para as possibilidades.

Durante as sextas-feiras, na disciplina Cotidiano Escolar, Leitura e Escrita, éramos convidadas e convidados a colaborar com as professoras Mairce Araujo e Regina Fátima, a partir das leituras de Michel de Certeau (1994), para discutirmos outros modos de habitarmos o espaço institucional educativo. As alunas e os alunos participavam ativamente da confecção das aulas. E, em uma das aulas, Allan Rodrigues e eu pensamos em produzir uma intervenção, de modo que pudéssemos dar a ver a proposta dessas professoras.

Os efeitos produzidos aí quem nos mostra é nossa parceira Rutyê Abreu em seu registro de atividade do dia 29/05/2015 (Anexo: 17, p.141), a partir da música dos Paralamas do Sucesso “Tendo a Lua”, que ouvia, enquanto dirigia para as atividades professorais:

após nosso encontro de sexta-feira, ouço essa música a caminho da escola. Parece vestir como uma luva para o nosso dia vivido. Nesta aula, emoções afloraram e pareciam difíceis de serem contidas.

A proposta da aula anterior de Allan e Renata foi de produzirmos cartas que revelassem uma experiência docente. A princípio todos compreenderam que as cartas seriam endereçadas a alguém [...]

A partir das leituras das cartas muito foi jogado fora, o momento, a entrega, as revelações provocaram um “rasgar-se e emendar-se”, foi preciso desabafar e deixar as emoções fluírem. Mediados pela leitura de Certeau rasgamos cenas passadas e emendamos em nosso cotidiano, trouxemos memórias, dores, saudades, reflexões

para nossa travessia de cartas... palavras... lágrimas... sorrisos... compaixão... amizade.

E a companheira continua a questionar em seu registro: “será que Allan e Renata imaginavam o que escrever em uma carta representaria para cada um de nós? O que cada um compreende por escrever uma carta? Ela é um documento? Ela é um chamado? Ela é uma revelação?” (ANEXO 16, p. 143). E poderia acrescentar: ela é uma busca? A experiência dessa intervenção tocou-me. E um desejo de compartilhar o vivenciado com outros colegas docentes. Este espaço produtivo de conhecimento poderia ser ampliado? Estávamos fazendo pesquisa; então, como dar materialidade?

A busca pelos traçados e registros dos nossos modos de fazer análise e intervenção colocou-me em atenção direta aos modos de trabalhar das disciplinas que cursava no ano de 2015. Em cada encontro, nascia um jeito outro de olhar ao redor: pistas para lançar-me na pesquisa (KASTRUP; PASSOS; ESCÓSSIA, 2009).

Voltando um pouco à disciplina de Fundamentos da Educação, a turma de 2015 era convidada pelas professoras a apresentar seus projetos de pesquisa, bem como, a ler todos os projetos de nossos colegas e tecer considerações. A dinâmica da aula era então composta por uma pessoa, dentre os alunos e alunas da turma, que ficava responsável por fazer considerações por escrito, simulando uma banca. Em suma, parte de nossas aulas era constituída por uma apresentação de nossos projetos de pesquisa, e análise por parte de uma banca composta por duas professoras e mais um aluno ou uma aluna, sendo que toda a turma era convidada a participar dessa análise do projeto.

O sentimento de gratidão por esses encontros chamados, convencionalmente, de aulas, continua a se mostrar ao convocarmos seu registro nestas linhas. Aprendi com os projetos dos colegas e pude receber em troca, palavras gentis e duras quanto ao projeto que estava iniciando.

Como já dito, Leidiane, companheira de mestrado, elaborou a análise da primeira apresentação que produzi nesta trajetória acadêmica. A análise dos estudos do porvir e as palavras dela também puderam provocar novos caminhos na pesquisa que fazia, ao optar por escrever suas considerações em forma de uma carta. Esta também provocou afetações de tal maneira que fiquei pensando por algum tempo em seu conteúdo. Algumas ideias de artigos, trabalhos e muitas conversas surgiram daquele momento.

Ainda embalada pelo encantamento da proposta feita por você e Allan na disciplina que cursamos na sexta-feira. Proponho-me neste registro escrever-lhe uma carta. Escrever-lhe sobre as experiências que me atravessaram na leitura e apresentação do seu projeto de pesquisa... De tudo que me ocorreu enquanto ouvia sua fala. Escrever sobre estas experiências é também escrever COM elas, pois lembrá-las ao produzir esta carta, me fez pensar a minha pesquisa, pensar neste novo modo de vida que adotamos – de alunos do mestrado... Creio que este seja também um pensamento circulante entre os demais colegas (Anexo 16, p. 143).

E encerra a carta dizendo:

Por isso te peço, mantenha viva a pergunta! Sinta mais o que se pode de antemão explicar... Desnaturalize o olhar, desconheça o demasiado conhecido... o demasiado visto ...

Leidiane Macambira (Anexo 16, p. 143).

Pareceu que ela quis colocar o sentir como um disparador para o pensamento, enquanto o explicar nos limita o olhar. Relendo esta carta, percebo que a afetação que se deu em mim, foi não somente pelo conteúdo que lá estava, ao me aconselhar pelos caminhos da pesquisa, mas o gesto generoso de colocar o olhar dela na mesma altura do meu. A carta pareceu convidar para uma análise entre “iguais”, uma conversa.

E esta experiência ficou guardada.

Os encontros continuaram...

Um outro encontro que fez suscitar possibilidades, também na Faculdade de Formação de Professores - UERJ, foi com a disciplina Sujeito e Sociedade, ministrada pela professora Rosimeri de Oliveira Dias. Nesse espaço-tempo, aproximei-me de Michel Foucault (2010a, 2010b, 2010c) e com as práticas do “cuidado de si”.

Encontrei também pensamentos e olhares outros para um texto de Foucault (2010a) “A escrita de si” que estudava nessas aulas. E reencontrei o mesmo texto, como processo de constituição de si, na disciplina “A escrita como ensaio e autoeducação”, promovida pelo professor Walter Kohan, no Programa de Pós-Graduação em Educação PROPED, da UERJ – Maracanã.

Estes dois últimos encontros fizeram-me estar muitas vezes com o referido texto de Foucault (2010a), e pensava, com ele, maneiras de podermos ver os processos formativos,

nesta constituição de si. A riqueza do texto impulsionou o encontro com docentes – pessoas que fizeram e fazem parte dos nossos processos formativos e que possuem seus próprios processos. Foucault (FOUCAULT, 2010a) fez meus pensamentos voarem ao passado, lembrando aqueles que foram minhas formadoras e meus formadores.

O texto conhecido como “lettre à Pythocles” começa acusando o recebimento de uma carta em que o aluno manifestou sua amizade pelo mestre, e se esforçou para “lembrar-se das argumentações” epicuristas que permitiam atingir a felicidade; [...] (2010a, p.153).

Assim, a ideia de propor cartas como metodologia para a pesquisa com professoras e professores surgiu como efeito de muitos encontros neste primeiro ano do Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Dois conceitos também vieram compor esta metodologia, dispositivo e pesquisa-intervenção, apresentado por Rosimeri de Oliveira Dias, no curso “Pesquisa-Intervenção e formação inventiva de professores”.

Aqui tomamos dispositivo do modo como enuncia Gilles Deleuze (1996) para explicitar a obra de Michel Foucault. Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, de enunciação, de força, de subjetivação, de fissuras, de brechas, de fronteiras, entrecruzando-se e se misturando para suscitar outras linhas por meio de variações ou transformações nos encontros. Deleuze destaca que daí resultam dois efeitos que decorrem da filosofia dos dispositivos: o repúdio dos universais e uma mudança na orientação que se desvia do eterno para forjar o novo (DIAS, 2015, p.207).

São máquinas de fazer, ver e falar que nos auxiliam na composição dessas análises, junto com a ferramenta de pesquisa-intervenção. Dias diz que “pesquisa-intervenção nos favorece uma análise de implicação, apostando na desnaturalização e na invenção da formação e da escola básica” (Lourau, 1993 *apud* DIAS, 2015, p.198). Destaca ainda, em uma outra colocação deste artigo que tenciona, que força o pensamento a pensar, que vai constituindo esta escrita: “neste contexto de análise e de intervenção [...] uma pesquisa e um pesquisador não se fazem de maneira prescritiva, mas se expressam por meio da inseparabilidade entre viver, conhecer e fazer, entre pesquisar e intervir” (ROCHA & AGUIAR, 2003 *apud* DIAS, 2015, p. 198).

Pensar esta pesquisa sob uma metodologia entre cartas aos docentes que me atravessaram produz uma dissertação que vai se constituindo no coletivo, que apresenta esta dimensão da vida, do conhecer, do fazer, do pesquisar, do processo de intervir. Palavras, enfim, carregando as marcas dos atravessamentos de uma vida com o mestrado que se propõe pela escrita dos encontros: uma dissertação-experiência.

Para escrever, enviar correspondências e pensar uma metodologia entre cartas e docentes usamos o texto “A escrita de si” como uma pedra de toque das análises e intervenções. Por isso, ele atravessa os capítulos desta dissertação, para nos dizer, aqui, um dos eixos fundamentais da correspondência: a produção da presença. Ela mostra que a correspondência,

é alguma coisa mais do que um adestramento de si mesmo pela escrita, através dos conselhos e advertências dados ao outro: constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física. “Tu me escreves com frequência e te sou grato, pois assim te mostras a mim [*te mihi ostendis*] pelo único meio de que dispões. Cada vez que me chega tua carta, eis-nos imediatamente juntos. Se ficamos contentes por termos os retratos de nossos amigos ausentes [...] como uma carta nos regozija muito mais, uma vez que traz os sinais vivos do ausente, a marca autêntica de sua pessoa. O traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar (FOUCAULT, 2010a, p.155-156).

Encontrar...reencontrar, efeitos das correspondências neste trabalho, são as presenças produzidas por essa metodologia. Como também, experienciamos um processo em que percebemos por nós mesmos o movimento de nossos pensamentos. E esse exercício nos favorece uma análise, auxiliando os atos de afirmação que nos constituem. De acordo com Foucault (2010a), é este o propósito mesmo da escrita: deixar ver os movimentos do pensamento. Então as presenças que se pode verificar: o destinatário da carta, que foi direcionando a escrita dela, e o contato com nossos pensamentos ao nos inscrevermos (este gesto de perceber pelas palavras o que não se sabia que pensava).

Neste texto ainda existem dois exercícios de escrita: os *hupomnêmata*, que funcionavam como uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas durante o dia, anotada em uma espécie de caderneta, para posteriores releituras e meditações. E a *correspondência*, algo mais do que uma educação de si próprio pela escrita: uma relação com

o outro. Ela é, também, por intermédio dos conselhos e opiniões que se dão ao outro, uma maneira peculiar de cada um se manifestar a si próprio e aos outros.

O ato de escrever para si mesmo, como no diário, ou para alguém, como na correspondência, traz para a presença um possível companheiro que pode funcionar como aquele que dá conselhos, repreende, acalenta, nos afasta da solidão, oferecendo um olhar possível ao que se fez ou se pensou. No texto “A escrita de si”, Foucault (2010a), relata essa construção de uma existência antes do cristianismo, por meio dos textos clássicos da antiguidade. Diz ainda se utilizando do diretor espiritual Cassiano, que a escrita “deve revelar sem exceção todos os movimentos da alma” (FOUCAULT, 2010a, p.145); da mesma forma que a presença de alguém exerce sobre nós certo constrangimento, a escrita exercerá também essa mesma função. E, ainda, sob as orientações de Atanásio, diz-se que a escrita, “constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (idem).

O que se observa nesse período sobre a escrita na composição de si é “sua estreita ligação com a corporação de companheiros, seu grau de aplicação aos movimentos do pensamento, seu papel de prova da verdade” (idem, p.145-146), é um treino de si por si mesmo. Talvez, seja possível dizer que essas duas maneiras de escrever, *hupomnêmata* e *correspondência* sejam uma abertura, uma leitura, um olhar que se oferece a si mesmo e ao outro. Se ao mesmo tempo que correspondo com um outro, escrevo uma pesquisa; se meus pensamentos são enviados a alguém e este oferece os seus a mim, e também a uma pesquisa; talvez esta escrita que buscamos, a que deixa ver “as ações e os movimentos” de nosso pensamento, do encontros aqui realizados, os traçados de alteridade, poderia dizer que esta pesquisa é uma dissertação-experiência. É o que transforma a vida em pesquisa e a pesquisa em vida. Uma escrita que opta pelo sensível em que ao me oferecer ao outro, e o outro a mim, a relação comigo e com o que acontece a partir do encontro. Essa é uma dissertação-experiência pois as cartas que trago aqui mostram as linhas que compuseram formações docente, a constituição de si como professora e professor com aquilo que se afirmou da vida que foi vivida.

A carta nos oferece pistas acerca das linhas que constituem uma experiência e os processos de subjetivação. E assim, como nos diz Foucault (2010a), ela tem uma dupla função que permite um exercício: ao escrever se lê o que se escreve; então, o gesto da escrita age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe.

Outro eixo fundamental das correspondências destacado por Foucault (2010a) que vem se somar com a produção de presença elencada anteriormente, “a carta age”. Com estes encontros e pensamentos, enviei cartas a dezoito professores e professoras, com os quais havia cruzado pelo caminho formativo até o mestrado. Poderia soar com um “quê” de arrogante, prepotente – afinal, não sabemos quais caminhos se cruzam e que gente passa ou se encontra. Queremos dizer que, por alguma razão, percebemos, ou nos lembramos de alguns caminhos que percorremos. Passamos por tantas coisas na vida. Algumas dessas travessias parecem ter início e fim, outras nem nos lembramos, até que alguém conte um episódio que, por algum motivo, não recordávamos; e ainda muitos, muitos episódios que simplesmente se apagam. Por essas razões, que a razão desconhece e pelo plano sensível do reencontro com aqueles que não sabemos porque ainda vivem em nossa memória, buscamos a correspondência, as cartas. Será que só para colher lembranças? Ou talvez, o que busco com estas cartas é uma resposta que age, e possa forçar movimentos intensivos de se presentear e provocar presença?



Figura 1: cartas enviadas aos docentes

Escrevi uma carta endereçada a meu pai, com o objetivo apenas de pensar sobre o papel da escrita. Nela contei como foi a confecção destas cartas que enviei aos antigos docentes.

Como você, adoro fazer as coisas juntamente com alguém. Então, convido as pessoas que no meu cotidiano participam, escutando, sugerindo, as vezes até colocando a mão na massa, para dar materialidade a esta busca. Foi o que aconteceu com minha mãe e sua esposa, minha doce tia Célia. Elas deram ideia e ajudaram a fazer carinhosamente o papel que receberia a escrita das cartas que enviei para estes professoras e professores que fizeram parte de minha formação.

Depois de queimar muitos papeis a mãe conseguiu me ensinar como eu conseguiria dar o tom envelhecido nas bordas do papel que havia preparado com tamanho cuidado e bastante trabalho. Aprendi bem esse seu olhar atento para o belo. Pode até ser pai, que eu demonstre alegria no encontro, qualquer que seja ele. Mas, lembro bem de você apontar para coisas aparentemente insignificantes e dizer, “que lindo”! Quero dizer, lembro mesmo dos conselhos que você me dava, que geralmente era junto da natureza e no fim da tarde. Depois das palavras “corretivas”, vinha um suspiro, a cabeça para cima e o elogio ao entardecer. Não sei bem o porquê, mas meu apreço pela natureza vem de você.

Pois é, a conversa é assim mesmo, escapa de nosso controle.

Como estava dizendo, da confecção das cartas, tia Célia, carinhosamente foi mergulhando os papeis brancos no café. Pedia para ela fazer o café bem forte para tentarmos deixar nas folhas um cheirinho todo especial. As cartas foram impressas na casa do tio Fernando que foi nos ensinando a mexer em sua máquina.

Carta impressa, escolhi um envelope que tivesse a mesma cor dos papeis. Ah...e um dia caminhando pela rua, encontrei em uma loja de festa um papel que parecia com renda. Chegando em casa mergulhei-o no café também para ficar com mesmo tom envelhecido dos outros papeis. Papel trabalhado e impresso, envelope escolhido e acrescido de um toque de renda, tratei de montar a carta.

Mostrei para a mãe e ainda parecia faltar algum detalhe, pensamos que uma fita de cetim marrom ficaria bonita nesta composição. Depois de voltar da rua e dar o último laço nas cartas que enviaríamos naquele dia, nossos olhares brilharam, “ficaram lindas”.

Como eu precisava de ir para Juiz de Fora, pedi a mãe que colocasse no correio. Ela ficou com as cartas dos meus professores de São João Nepomuceno, nossa cidade natalícia.

Mais tarde, depois que voltei das atividades professorais, já em Juiz de Fora, liguei para ela e fiquei surpresa. Ela disse que a moça do correio não havia deixado ela postar as cartas daquela maneira. Sugeriu que fossem colocadas numa embalagem de plástico, senão iria amassar, ou sujar, ou mesmo o laço poderia se desmanchar. Rimos com um gosto, desse cuidado da funcionária! Pareceu-nos que ela nesse encontro com aquelas cartas mergulhou em algum sentido silencioso. Será que por alguns momentos, ela sentiu o gesto gentil de enviar aquelas cartas? Será que ela também desejara que a beleza chegasse, daquela maneira, no endereço que não sabia que iria as receber? Adoro pensar, que sentidos, afetos, gestos estão sendo compartilhados, será? (Diário de pesquisa- escrita em algum dia ensolarado de fevereiro/ 2017)

Nossa aposta metodológica se utiliza das cartas como essa possibilidade de presença, atenção, silêncio, uma solidão povoada, agenciamentos, acontecimentos, outros no ato da escrita/pesquisa. Assim, neste enviar, abre-se espaço-tempo para agir e se implicar nos processos formativos que meus antigos professores possibilitaram. O que capturamos e formulamos com eles e suas cartas? O que surge a partir de pensamentos que emergem com as cartas? O que vejo nestes processos de constituição de si professorais que foram enviados a esta pesquisa?

Posso enumerar as motivações que fizeram com que eu escolhesse tais professoras e professores a participarem desta pesquisa. Mas, a principal delas se relaciona com o processo de formação que continua: encanta as maneiras de aprender, o desejo de que estes, que participaram de uma antiga trajetória formativa, pudessem continuar fazendo parte dela, ou o desejo de esquecer alguns docentes, estar fora da lembrança, que não continuassem ativos e de alguma forma agindo. Elas e eles continuam agindo quando busco pelas lembranças, ao pensar: quem foram minhas professoras e professores? E rapidamente uma resposta, com quase dezoito nomes. Com a escrita de cartas buscando uma formação de si, provoco, em mim mesma, olhares outros para uma constituição de si. Talvez, até, posso ter afetado aquela ou aquele que recebeu minha carta. A possibilidade das experiências diversas constituírem este trabalho nos impulsiona nesta busca por entrar em contato, se fazer presente, se presentear com estes que fazem movimentos e agem na formação de muitos outros. Talvez buscar essas pessoas que marcam vidas buscando por sua presença. E nesta dissertação-experiência, dar a ver um processo formativo que me constitui pode produzir efeitos em outras constituições de si professorais.

Nesta busca por uma formação, em outras palavras, neste processo de constituição de si enquanto professoras e professores, pessoas contribuíram para nos tornarmos quem estamos sendo; pessoas que, na verdade, formaram-nos, desformaram-nos, reformaram-nos. Nestas correspondências, elas nos contaram como se constituíram professoras e professores, seus próprios processos formativos e como foi “formar” outros. Dizendo com mais doçura, sem perder as durezas que compõem nossa “constituição de si”, gostaríamos também, de evidenciar nossa gratidão a estes que são e foram responsáveis pela educação de tantos outros, convidando-os e abrindo a pesquisa para múltiplas vozes que vivenciam estes encontros educativos, encontros com aquelas e aqueles que foram meus mestres.

Pergunto: quem são nossos mestres? Talvez essa busca esteja no entorno das ações dos meus mestres? Que ações foram essas em que me senti tão presenteada e crivada por suas presenças ainda hoje? Podemos pensar não em Quem (o sujeito), mas sim em seus gestos sensíveis que me impulsionaram e que se fazem presentes hoje.

Essas perguntas me fizeram perceber que, ao escrever pensando em alguém, a escrita ganha um outro contorno, diferentemente de simplesmente escrever em companhia de “si”. Com as cartas tecemos encontros. Um desafio proposto por um endereçamento cuidadosamente pensado e feito para ler, reler, escrever, conversar consigo e conversar com outros (FOUCAULT, 2010a).

1.1 Efeitos de uma metodologia

Em outubro de 2016 aconteceu o VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação na UERJ- Maracanã, intitulado “Mundos que se tecem entre ‘nosotros’: o ato de educar em uma língua ainda por ser escrita”¹. Meses antes, ao percorrer pelo *site* para saber sobre as modalidades de apresentação, as características para cada trabalho apresentado, pensei ser interessante a proposta de um “ateliê”. O nome já me dizia sobre as possibilidades de se tecer junto. E pensando nesta confecção coletiva de pensamentos, enviei uma proposta para conversarmos acerca das “cartas como método de pesquisa na formação de professor”.

Mais uma vez, a carta, então, foi um disparador para conversas (DELEUZE, 2008). Conversamos acerca da utilização das cartas como dispositivo de pesquisa e intervenção. E esta conversa afetou-nos coletivamente. Anotei o e-mail de três pessoas que ali estavam e, posteriormente enviei-lhes um pedido para participarem desta pesquisa.

Antônio responde abordando a pesquisa que ele desenvolve com formação de professores, e que, “nunca havia pensado nas cartas como um método tão rico”, e continua, em seu e-mail enviado:

As cartas não são só uma forma de comunicação. Se fossem, já não seriam algo simples. Mas as cartas são algo muito mais complexo, elas carregam um potencial de sensibilidade, de expectativa que permite que o texto do Galeano tenha toda essa magia. Eu não vejo nenhuma outra forma de comunicação que poderia gerar um texto com uma atmosfera tão mágica e nostálgica quanto as cartas o fazem. É isso. Carta é saudade. Digo isso por muitos motivos. É saudade porque a saudade nos faz escrever cartas. É saudade, porque temos saudade do tempo em que escrevíamos cartas. É saudade, porque a carta se guarda, dá pra encher um baú com cartas. É saudade, porque é relação: A carta é sempre escrita de alguém pra alguém, igual saudade, ela está sempre no percurso, no contato, ela nunca é só de quem escreve, nem só de quem recebe (Anexo 15: e-mail recebido de Antônio, 11/01/17, p. 141).

No ateliê, uma mulher nos relatou a razão de sua presença naquele espaço. Ela buscava uma maneira menor de se fazer pesquisa. O seu jeito de pronunciar como pensava a pesquisa abriu-me para outras possibilidades de escrita. Quando terminamos o ateliê e busquei pelos contatos dos participantes, ao buscar pelo endereço dela, já não estava mais ali. Porém, em seguida, as redes sociais se encheram de pessoas contando suas experiências com a UERJ,

¹ <http://www.filoeduc.org/8cife/#>

de modo a afirmarem políticas contra o descaso pelo qual atualmente passa esta universidade. Um desses relatos era o dessa moça, cujo nome agora sei, Luiza.

No restante do tempo ela estava interessada em escutar o que os participantes do atelier tinham a dizer a partir disso: por que o interesse destes por cartas? Cada um deles ativou então as memórias das cartas que receberam ao longo da vida e falaram em: potência, carinho, sensibilidade, sutileza na escrita, e modo mais íntimo de dialogar. Nas palavras de um dos participantes, “as cartas mexem com a gente, mexe com nossas memórias e afetos”. Ele lembrou das cartas que escrevia para a mãe e de como sempre gostou de receber cartas e até hoje guarda todas elas com carinho. Outra participante, professora universitária, contou que em uma disciplina em que trabalhava Paulo Freire, sugeriu às alunas que escrevessem cartas para o educador brasileiro, atentando para o fato de que, ao escrever, nos escrevemos na escrita (relato de Luiza do dia 18/01/17²).

Com Luiza, Antônio, colegas, professores e autores é possível dizer que da carta emerge um jeito coletivo de pesquisar, de viver a pesquisa, de afirmar a vida enquanto pesquisamos. Vida e pesquisa imbricadas, provocando que os encontros engendrem pensamentos capazes de promover rachaduras, invenções, olhares outros para o que está aí, e também para a formação de professores, que pelos caminhos desta pesquisa se faz como constituição de si, modos de existência, ou ainda, estética da existência.

O olhar de pesquisador não se separa da vida, do conhecimento. Como trouxe Antônio em seu e-mail, um poema de Galeano, para conversarmos sobre as cartas que eu estava enviando aos meus professores.

E dizem por aí que ali havia um tesouro, escondido na casa de um velhinho todo mequetrefe. Uma vez por mês, o velhinho, que estava nas últimas, se levantava da cama e ia receber a pensão.

Aproveitando a ausência, alguns ladrões, vindos de Montevidéu, invadiram a casa. Os ladrões buscaram e buscaram o tesouro em cada canto. A única coisa que encontraram foi um baú de madeira, coberto de trapos, num canto do porão. O tremendo cadeado que o defendia resistiu, invicto, ao ataque das gazuas. E assim, levaram o baú.

Quando finalmente conseguiram abri-lo, já longe dali, descobriram que o baú estava cheio de cartas. Eram as cartas de amor que o velhinho tinha recebido ao longo de sua longa vida. Os ladrões iam queimar as cartas. Discutiram. Finalmente, decidiram devolvê-las. Uma por uma. Uma por semana.

Desde então, ao meio-dia de cada segunda-feira, o velhinho se sentava no alto da colina. E lá esperava que aparecesse o carteiro no caminho. Mal via o cavalo, gordo de alforjes, entre as árvores, velhinho desandava a correr. O carteiro, que já sabia, trazia sua carta nas mãos. E até São Pedro escutava as batidas daquele coração

² Publicado em 30/01/17: <<https://www.facebook.com/renata.moraislima.9>>

enlouquecido de alegria por receber palavras de mulher (de Galeano 2002, Causos/2- escrito e enviado por Antônio, Anexo 15, p. 141).

Tal encontro com Luiza e Antônio possibilitou aberturas para a pesquisa, para as incertezas, inseguranças, e nessas rachaduras palavras que permitem afirmar modos outros de pesquisa, uma dimensão: da afetação, sensibilidade, saudade, espera por cartas e por palavras de mulher. Essa dimensão de pesquisar com o outro, no encontro, nos fez lembrar o que declarou Foucault sobre o processo de escrever não para comunicar o que já sabe ou o que se sabe, mas para descobrir: “só escrevo porque não sei, ainda, exatamente o que pensar sobre essa coisa em que tanto gostaria de pensar. De modo que o livro me transforma e transforma o que penso” (FOUCAULT, 2010b, p.290).

Isto é encantador e movente: abrir-se para um talvez. Também um risco, uma insegurança. Talvez, um tipo de gente que suporte viver esses estranhamentos, essa abertura, um pesquisador. Quero dizer que a vida, o tempo todo nos provoca estranhamentos, os quais podem nos afetar de tal maneira que nos desloquem em um debruçar-se nos sustos com os quais nos deparamos. Talvez uma curiosidade, ou uma necessidade de conseguirmos falar sobre o que está posto na sociedade. Uma possibilidade de criar, inventar um sentido próprio, uma resistência, uma verdade, neste sentido que as cartas podem ser um repúdio aos universais e uma possibilidade de forjar um novo dispositivo. Ser um estrangeiro em sua própria língua, abandonar o que está dado e ser artesão das possibilidades, produzir enunciados, “fazer com que todos os elementos de um conjunto não homogêneo conspiram, fazê-los funcionar juntos” (DELEUZE, PARNET, 1998, p.43).

Walter Kohan (2016), em um seminário, diz que a pesquisa tem como efeito a transformação da vida daquela ou daquele que mergulha nesse gesto, nessa ação de conhecer, mesmo que sejam verdades temporárias. Ele vai abordando a “impossibilidade de dissociar a universidade de seu fora, a vida do trabalho, o pensamento da existência [...] se a pesquisa não tem a ver com a vida que vivemos, então decididamente não faço e não quero fazer pesquisa” (p.49).

Quando penso o pesquisador, a pesquisadora, lembro-me de meu pai contando como era seu jeito (modos) de fazer. Mostrava-me sua mão descobrindo, ensaiando gestos, na tentativa de descobrir os pormenores da nova ferramenta que iria lhe ajudar a construir o seu dia a dia na roça. Seu ritmo, seu tempo, seu olhar, sua persistência e, por fim, um sorriso, que

indicava que conseguiu aprender uma possibilidade para a ação, uma nova aprendizagem, que lhe permitiria fabricar.

As cartas, para esta pesquisa, funcionaram como ferramentas, dispositivos. No ato da escrita, quando vamos pensando, escrevendo, depois escrevendo de novo, pensando mais um pouco até que um sorriso ou um suspiro indicou caminhos para visibilizar e enunciar. Sem sabermos previamente o que aconteceria, tínhamos apenas o desejo pela busca, um talvez. E ensaiando possibilidades produzimos encontros. Nesta pesquisa, as cartas promoveram encontros, e escrevendo, tencionaram novos pensamentos, transformações e uma constituição de si. Por isso, acredito que, como meu pai, ao descobrir como uma ferramenta funciona, também, fui ensaiando e construindo novas maneiras de me formar, de me constituir. As transformações que vivi junto desses encontros constituíram um sorriso que acompanhará os *modos* de fazer na pesquisa, com esse olhar que vai ensaiando possibilidades.

As paisagens, mesmo que aparentemente já conhecidas, podem nos provocar encantamentos, silêncios, sustos como se algo novo surgisse daí. Penso este susto como a imagem, o não-discursivo, como nos fala Foucault (*apud* VEIGA-NETO, 2007, p. 33): “para o filósofo, imagem e palavra não fazem a mediação entre o que vemos e o nosso pensamento, mas ela constitui o próprio pensamento e, assim, precede o que pensamos ver no mundo”. E daí, combinações, entre visão e palavra. Assim, emergem possibilidades para conhecer a realidade sem nenhuma segurança; as análises funcionam como âncoras superficiais. Nesta lógica outra, os princípios universais são questionados. Certos princípios e ações são visitados e revisitados, e ganham contornos solidários.

É neste fluxo que esta pesquisa vai se fazendo ...

Nada de imposições, uma possibilidade entre outras; certamente que não mais verdadeira que as outras, mas talvez mais pertinente, mais eficaz, mais produtiva... E é isso que importa: não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar “peças” ou “bocados”, verdades modestas, novos relances, estranhos, que não implicam silêncio de estupefação ou um burburinho de comentários, mas que sejam utilizáveis por outros como as chaves de uma caixa de ferramentas (VEIGA-NETO, 2007, p. 34)”.

E nessas tessituras, com apetrechos de um caixa de ferramenta, dispositivos, cartas, nos possibilitam verdades, digamos provisórias, que nos permitem nossa própria presença, como um pedaço dessa nova peça que se forma. E como a possibilidade de nos abirmos a um relativismo que nos permite infinitos recortes e combinações que compõem o mundo, essa

peça pode se encaixar em outras, transformando-se em uma peça nova. E, como não estamos sozinhos, outro dispositivo compõe nossos eixos de análises e de intervenções: é o pesquisar *com*,

Este modo de manejar a escrita acadêmica se faz na contramão do olhar de deus, aquele que Haraway (1995) tantas vezes identificou como o olhar não marcado: olhar de ninguém sobre qualquer um. O fazerCOM, ao contrário, opera no sentido da localização do conhecimento, entendendo que dizer localização do conhecimento é afirmar que jamais se está sozinho no campo de pesquisa. Localização tem o sentido de afirmar a conexão com o outro, sejam eles humanos ou não humanos, é afirmar que para conhecer é preciso “compartilhar o pão” (Haraway, 2008 *apud* MORAES, 2016, p. 47).

Pensar a pesquisa a partir do encontro, da conversa é também estar aberto ao coletivo, às múltiplas vozes que compõem conosco a vida, nossos pensamentos e a pesquisa. Por isso, esta pesquisa afirma também a alteridade, o outro.

O feminino na ciência se faz com a alegoria do laço, do vínculo. Mais do que afirmar a separação entre sujeito e objeto, o que está em cena é o vínculo, a conexão, o afetar e ser afetado no encontro com a alteridade. Neste percurso de “partilha do pão” com o outro o que se tem é, não um processo de fazer/conhecer sobre o outro, mas antes aquilo que Haraway (1995, 2008) chama de tornar-se com, isto é, **devir com o outro, transformar-se no e pelo encontro**. A escrita, local e situada, se tece a partir deste lugar, desta posição. Que este feminino na ciência não se confunda com o ser mulher, com uma natureza dada de antemão, mas antes com um manejo, com um modo de operar que, também não se pode esquecer, foi levando adiante por mulheres fazendo ciência (Haraway, 1995). Neste tornar-se com o outro as histórias importam. Muitas histórias importam (MORAES, 2016, p.48) (grifo nosso).

Neste afetar e ser afetado no encontro com a alteridade, tendo a carta como dispositivo, o que emerge? O que acontece nesta circularidade enviar e receber? Então o feminino aqui se faz como laço, um vínculo, uma conexão, o que se vê? Quais laços? Como podemos, através de escrita de cartas, nesta relação, nesta conexão entre enviar e receber, produzir subjetividade e, simultaneamente, ‘des-subjetivarmos’ (DIAS, 2014)?

Percebo que ao escrevermos cartas buscamos também esta dimensão do feminino, não no sentido de gênero, mas no sentido dos afetos. Talvez marcas de impurezas como nos disse Antônio, na espera do velhinho pelas cartas de mulher. O campo de pesquisa que busquei construir foi com pessoas que deixaram em mim lembranças, assim vínculos. Essas costuras feitas com o convite para nos correspondermos e assim partilhar o pão que já alimentaram

elas e eles (companheiras e companheiros desta pesquisa) e que ainda as (os) nutri. Toda essa partilha para se falar de formação e continuar a nutri-la, afinal ela é processo, devir. E Luiza também partilha do seu pão com esta pesquisa quando nos conta de sua experiência naquele Colóquio:

Além de ouvir todas estas histórias foi interessante ver como Renata dividiu o tempo proposto para o atelier. Apresentou brevemente sua pesquisa e sua fala serviu como disparadora para que todos ali pudessem participar. E a fala circulou. A proposta inicial era uma hora de apresentação e uma hora de conversa. Mas na maior parte do tempo conversamos. Renata propôs uma atividade: pediu que escrevêssemos em nossos blocos e cadernos nomes de professores a quem endereçaríamos uma carta. Apenas os nomes. E no momento seguinte conversamos sobre as memórias que foram ativadas quando escrevemos estes nomes. Renata também levantou a seguinte questão: porque alguns professores nos marcam? Ali, a partir da escuta destas experiências, significamos e ressignificamos nossas memórias. E saímos com um sorriso no rosto e com uma vontade de escrever cartas (relato de Luiza do dia 18/01/17³).

É uma alegria poder caminhar com o outro, mesmo que, às vezes, ele esteja em formato de pensamento, ou de palavra, de lembrança. Esses encontros promovidos pelo Mestrado em Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, com leituras, com colegas, com professores, com a lembrança das professoras e dos professores do passado, com um trecho de uma carta destinada a um mestre, tudo isso nos fez produzir uma metodologia de pesquisa em que a escrita de cartas para aqueles que estiveram e que, de alguma maneira, ainda estão presentes, fosse forjada. Uma aposta metodológica e também uma abertura sensível para ver as estéticas de si e as possibilidades de engendrar uma experiência constituidora de si. Próximo do que Michel Foucault (2010b, p. 289) nos anuncia: “a experiência é qualquer coisa que se sai transformado”.

³ Publicado em 30/01/17: <<https://www.facebook.com/renata.moraislima.9>>

2 ESCREVER

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. A carta prepara de certa forma um face a face. Aliás, Demétrio expondo no *De elocutione* o que deve ser o estilo epistolar, enfatizava que ele podia ser unicamente um estilo “simples”, livre na composição, despojado na escolha das palavras, já que cada um deve nele revelar sua alma. A reciprocidade que a correspondência estabelece não é simplesmente a do conselho e da ajuda; ela é a do olhar e do exame. A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma. É notável que Sêneca, começando uma carta em que deve expor a Lucilius sua vida cotidiana, lembra a máxima moral de que “devemos pautar nossa vida como se todo mundo a olhasse”, e o princípio filosófico de que nada de nós mesmos pode ser ocultado de deus, que está eternamente presente em nossas almas. Pela missiva, nos abrimos para o olhar dos outros e alojamos o correspondente no lugar do deus interior. Ela é uma maneira de nos oferecermos a esse olhar a respeito do qual devemos nos dizer que ele está, no momento em que pensamos, mergulhando no fundo do nosso coração (*in pectus intimum introspicere*) (FOUCAULT, 2010a, p. 156-157).

Com os fios da escrita, do escrever, este capítulo aposta em dar a ver as artes de si, os aspectos éticos e estéticos que foram proporcionados pela escrita e como ela se compôs na trajetória desta pesquisa, pensando a formação docente por meio de cartas. O ato de escrever dissipa a sombra interior, oferece o que se fez, o que se pensou, a um olhar possível. O outro na escrita, como nos afeta esta presença? Um destinatário ou mesmo uma escrita que não tem pretensões de ser destinada podem ser o lugar de um “deus”, um olhar interior? Poderia o ato de escrever o que nos acontece nos trazer a sensação de que somos olhados e nada poderia ser ocultado, nem de nós mesmos?

No capítulo anterior, falamos como surgiu a ideia da correspondência com professores como dispositivo de pesquisa; e nele o texto de Foucault (2010a), “A escrita de si”, funciona como fonte principal de inspiração para criar tal metodologia. Agora, busco novamente este texto para analisar e intervir junto às cartas enviadas e recebidas de professores, e poder pensar uma estética docente tendo como eixo de análise a escrita. O que compartilhar de aprendizagens ou deslocamentos⁴ neste mergulho por escrito? Quais formações?

Na citação, que funciona como epígrafe deste capítulo, escrever é mostrar-se, se expor ao olhar da alteridade. Em um outro trecho, Foucault vai dizer que a missiva traz o outro a

⁴ A ideia de deslocamento indica um processo de formação em movimento com o que a atravessa, mesmo que não se consiga, muitas vezes decifrar o que se passa em sua trajetória (DIAS, 2011, p. 24).

uma presença quase física: “a carta torna o escritor ‘presente’ para aquele a quem ele a envia” (2010a, p. 156). Abaixo mostro alguns recortes da carta do professor Antônio Maurício (Anexo 2, p. 83).

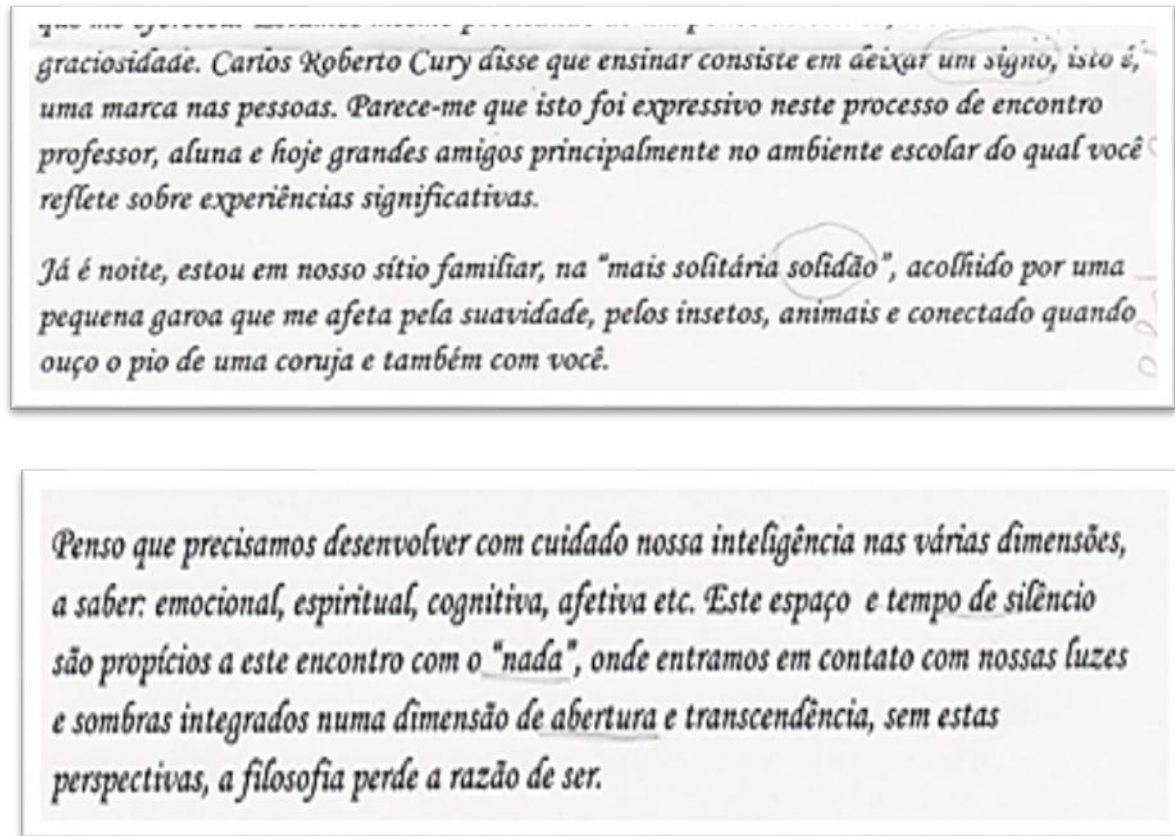


Figura 2: fragmentos I da carta do professor Antônio Maurício

Com esse encontro por escrito, com a carta do professor Antônio Maurício, o que ele fez ver em sua missiva? Também pelos suores proporcionados pelo texto em questão, como a carta agiu em nós?

Uma felicidade, como ele disse, pela interrupção das tecnologias cotidianas por meio de um objeto antigo das relações humanas, uma carta “coisa rara em nossos tempos”. Talvez, minha carta o tenha colocado em uma solidão povoada: “já é noite, estou em um sítio familiar, na ‘mais solitária solidão’, acolhido por uma pequena garoa que me afeta pela suavidade, pelos insetos, animais e conectados quando ouço o pio de uma coruja e também com você” (Anexo 2).

E quando ele diz que precisamos “desenvolver com cuidado nossa inteligência nas várias dimensões” (Anexo 2, p. 83), penso que ele está se ocupando dos cuidados de si, agindo pela escrita sob si mesmo nos caminhos formativos. E que a solidão nos permite encontros sensíveis e necessários. Talvez!

Durante o percurso do mestrado, meu pai adoeceu e precisei acompanhá-lo por cerca de seis meses. Isso me tirou do ritmo dos estudos, da escrita e das atividades acadêmicas. Ao retomar à escrita dissertativa, não haveria tempo de enviar as cartas que havia confeccionado aos meus professores, que responderam por carta ao meu convite para participarem desta pesquisa. Não escrevi para todos os professores que aceitaram se corresponder, mas trago aqui estas cartas não enviadas para compor as análises e intervenções desenhadas.

Carta não enviada ao Antônio Maurício:

Juiz de Fora, 15 de abril de 2016.

Olá Antônio,

Verdade, não é mesmo!? Com tanta tecnologia nos esquecemos da graciosidade, da espera e das longas conversas possíveis, como a escrita de uma carta. Tenho meditado a respeito de como essa forma de intervenção, essa implicação, pode ressoar na pesquisa que venho compondo acerca da formação do professor, uma formação encarnada pela experiência.

Sua carta nos ofereceu pistas sobre o que possa ser essa formação quando você traz as marcas, signos ou ainda, como disse, experiências significativas. Como o ato de eu ter me lembrado de você e lhe enviado a carta pedindo para participar deste encontro por escrito.

Sem dúvida, com a sua colocação, fiquei pensando sobre as marcas que os meus professores produziram em mim. E com sua formação, como foi? Quais são as marcas significativas que te constituíram o professor que se apresenta hoje?

(...)

Este movimento faz pensar por que colocar estas cartas aqui, mesmo sem tê-las enviado? O que busco cunhar de sentidos na pesquisa? O que busco com este signo não enviado? O que nos força a pensar neste trabalho? O que se busca de marcas na formação quando se expõem fragilidades? O frágil aqui se refere a uma pesquisa que analisa as cartas como dispositivo metodológico, o que fazemos com as cartas escritas e não enviadas? O que ela força a pensar? Que signos operam a favor do encontro e das buscas que estou fazendo com estas análises? Que signos emergem desta carta não enviada? Para Deleuze, em “Proust e os signos”, o signo é aquilo que força o pensamento a pensar (*apud* DIAS, 2011). É o que nos

possibilita um trabalho sem representação. E assim como vamos nos constituindo, “por isso, através de cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma obstinação, uma perseverança ímpar no ser” (Deleuze, 1998, p.5).

Sem deixar nada de fora, seguimos na composição com o que não se pode ocultar na pesquisa.

O texto “A escrita de si” faz “parte de uma série de estudos sobre ‘as artes de si mesmo’, ou seja, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros na cultura greco-romana, nos dois primeiros séculos do império” realizados por Foucault (2010a, p. 144). Como este era um dos primeiros textos de Foucault com o qual tomava conhecimento de sua filosofia, busquei literaturas (FERRARI, 2013; DELEUZE, 1996, 1998; KOHAN, 2006; CLARETO, OLIVEIRA; 2010; DIAS, 2011) que me auxiliassem não apenas em seu entendimento, no entendimento de conceitos presentes no texto que me causavam um certo formigamento, mas queria o formigamento, essas afetações, esses sentidos que te colocam em movimento: o que ele buscava nessa pesquisa sobre “as artes de si mesmo”? O que seria *estética da existência*? Em que sentidos é possível a transformação da verdade em *êthos*? Há relações com a pesquisa acerca da experiência em uma constituição docente? A escrita de si, ou seja, escrever como um exercício de si sobre si mesmo, pode colaborar com uma pesquisa acerca da experiência na formação docente?

Uma das sugestões da Banca de Qualificação, foi ter a escrita como dispositivo de pesquisa, utilizando-a como exercício para constituir esta investigação, “escreva, escreva, escreva muito”, esta foi uma das sugestões. Então, além das cartas, utilizamos também um diário que foi nos acompanhando durante os dois anos do mestrado, já que também foi uma proposta da orientadora, logo que ingressei no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Com essas ferramentas produzidas por outras leituras, escrevo uma carta (segue abaixo) aos antigos mestres pedindo que eles me contassem como foram seus processos de formação, ou melhor, como se constituíram docentes, seu estilo, sua arte de si mesmo.

[...]

Então, nosso objetivo é dar visibilidade aos processos formativos de alguns professores que foram responsáveis pela formação de inúmeras pessoas, inclusive eu. Dar espaço, para ver os acontecimentos formativos, mostrar como surgiu esse jeito único que cada professor foi se constituindo, se autoformou.

A experiência, tema que fomenta esta pesquisa, não tem relação com o acúmulo de técnicas eficazes, de como fazer; de um fazer respaldado em uma vivência cotidiana que nos diz o que "dá certo".

Professora, "muitas coisas nos acontecem todos os dias, mas nem todas se tornam experiência", essa é uma frase de um autor chamado Jorge Larrosa, muito conhecida. A repito, porque ela nos faz pensar o que é a experiência. O que nos toca, o que nos afeta, que, de tal maneira nos faz diferentes do que éramos antes?

É esse o convite querida professora, o que esta aluna continua a buscar junto ao seu mestre, um saber ou saberes. No caso de nossa pesquisa os saberes a respeito dos acontecimentos que te tocaram, que te transformaram e que de alguma maneira te constituiu como professora.

Adoraria receber sua carta contando um desses acontecimentos que te tocou e que lhe ajudou em sua formação enquanto professora. (Anexo 1: carta enviada em março de 2016, p. 86).

Foram dezoito cartas enviadas para professora e professores. Acima está a base comum que comportam todas as cartas. Pois o foco de nossas buscas com a carta endereçada/enviada é analisar experiências formativas. Mas o cuidado foi dado no tom de singularidade, na medida em que o início de cada carta ganhou uma escrita única, conforme o destinatário.

Querido Professor Antônio Maurício,

[...]

Antes de o fazê-lo, quero dizer muito obrigada por sua generosidade em sua profissão. Lembro de várias discussões com você impulsionadas por seu jeito questionador de dar aulas. Há pouco tempo nos encontramos em um congresso e a partilha de conhecimento continuou.

Querido Professor Juarez,

[...]

Muitos professores inspiraram-me em meu processo formativo, como você e o Pensando-Bem. Estes momentos junto a esse grupo de Pesquisa, possibilitou laços de amizades, conhecer escolas, saber um jeito outro de se fazer filosofia, a ser íntima de Paulo Freire e principalmente a busca pelo filosofar.

Querida Lúcia,

[...]

Lembro-me das aulas de física com você e o que mais me chamava a atenção era seu jeito alegre de conduzir as aulas e a maneira como pedia para nós nos calarmos, sempre de bom humor.

Dei-me conta de que as leituras feitas no percurso acadêmico, havia sido incorporada quando comecei a escrever as cartas às professora e aos professores de trajetórias progressas e não estava satisfeita com apenas o papel branco e um envelope qualquer. Pensava: a vida é mais que isso. Claro que a beleza era algo que gostaria de proporcionar àqueles que recebessem tais cartas, mas o que estava em análise e intervenção era uma dimensão da vida que estava agindo em um gesto mínimo de me corresponder com professoras e professores.

Pensava em como eu havia adquirido uma lógica da praticidade, da utilidade, de um fazer com rapidez, almejando um resultado, uma solução; começava a me propor deslocamentos, gostaria de inverter o que já sabia, aprender diferentemente, precisava experienciar o que estava a ler com Foucault (2010a), com Deleuze (1996, 1998), e a viver com aqueles encontros formativos, que faziam parte do que estava acontecendo no percurso do mestrado.

A preocupação em enviar cartas ocupando-se com uma estética estava relacionada a essa composição entre “a vida como obra de arte” e a *etopoiética*, a transformação da verdade em *êthos*⁵. Foi então que percebi os contornos artesanais da vida e necessitava deixar vaziar na prática de pesquisa.

Quando decidi por assumir o texto “A escrita de si” como mapa para percorrer os caminhos da formação docente, deparei-me com esse desafio de pensar a escrita como *êthos*, constituidora de si. Começava junto com a confecção daquelas cartas a feitura de um jeito outro de viver a vida – e uma pesquisa. Então, os tempos estavam apenas começando, novamente. Às vezes, deparo-me com essas sensações de inícios, de novos enfrentamentos, de aberturas, inseguranças; e, escrevendo, penso que é a mesma sensação na pesquisa. A escrita, os encontros, as cartas, vão acontecendo e trazendo essa sensação, pensamentos outros. Talvez faça sentido dizer que a escrita desta pesquisa se constituiu em dois movimentos, da mesma maneira como o texto de inspiração nos oferece: a escrita dos *hupomnêmatas* (o diário de pesquisa que me acompanha desde o início do mestrado) e as *correspondências* (que para esta pesquisa, ganham forma através das cartas enviadas e recebidas ao meus antigos professores e professoras, as cartas que não foram enviadas, e-mails).

Como a escrita de um diário e as correspondências poderiam deixar ver as marcas de uma formação, uma desformação, uma transformação? Como estava se compondo ou como foi composto um *êthos*? Tornou-se visível a transformação da verdade em *êthos*?

Foucault (2010a, p.145) diz que a escrita “constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo”. Diz também que ela é uma estreita ligação com a corporação

⁵ “no sentido de que os gregos podiam entendê-lo: o *êthos* era a maneira de ser e a maneira de se se conduzir. Era um modo de ser do sujeito e uma certa maneira de fazer, visível para os outros. O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc” (FOUCAULT, 2010c, p.270).

de companheiros, um grau de aplicação aos movimentos do pensamento, um papel de prova da verdade (FOUCAULT, 2010a, p. 146). Ela é então um objeto das conversações consigo mesmo e com outros, pois, mesmo que o que se escreve não vá ser enviado, esta escrita atenua os perigos da solidão, oferece um olhar possível, ou seja, desempenha o papel de um companheiro, suscita o respeito humano e a vergonha. E, em uma segunda analogia, nos diz que não é somente uma prática de ascese sobre os atos, porém mais precisamente sobre os pensamentos.

A escrita aparece regularmente associada à “meditação”, ao exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real. Mas também se percebe que a escrita está associada ao exercício de pensamento de duas maneiras diferentes. Uma toma a forma de uma série “linear”; vai da meditação à atividade da escrita e desta ao *gummazein*, quer dizer, ao adestramento na situação real e à experiência: trabalho de pensamento, trabalho pela escrita, trabalho na realidade. A outra é circular: a meditação precede as notas, que permitem a releitura, que por sua vez revigora a meditação (FOUCAULT, 2010a, p. 147).

Seja qual for o exercício por escrito, se um pensamento linear ou circular, proporcionado por este ato de se fazer presente, esse exercício é um processo que difere nesta constituição de si, na formação de um *êthos*, pois isso configura “a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação” (FOUCAULT, 2010a, p. 147).

Trago os gestos por escrito de tia Celes (Anexo 4, p. 91), como artesã de si mesma, uma das professoras com a qual busquei me corresponder, que nos diz que sua formação começou quando quis desenhar as primeiras letras. Ela queria escrever! E assim busca por sua constituição, ou seja, sua formação. Com as escritas em carvão, ela criva a vida de letras.

agora falando da minha opção para professora foi um dom. Eu fui criada na zona rural e não tinha muito acesso a material escolar. Aos quatro anos eu procurava livro, revista, que às vezes papai ganhava de alguma pessoa, eu pegava o livro e papel de pão ou que tinha embulhando alguma coisa e me escondia debaixo da cama.

Figura 3: fragmentos I da carta de tia Celes

com pedacinhos de carvão e tentava
 copiar as palavras, imitando a letra
 de imprensa. Mamãe chamava, cha-
 mada e eu ficava quieta. Lentamente
 ela conseguiu me encontrar e ficou
 espantada com essa minha atitude.
 Então ela começou a me ensinar
 o alfabeto, depois as sílabas e de-
 pois pequenas palavras. Aos sete anos
 eu fui para uma escola rural e logo
 depois mudamos aqui para São João.
 Eu sempre gostei muito de animais,
 meus pais queriam que eu estudasse
 para veterinária e sempre eu dizia
 vou ser professora. Segui meus estu-
 dos para professora. E amei muito
 a minha profissão.
 A maior felicidade é realizar
 a profissão que amamos.
 Não repare as letras e nem os erros.
 Um abraço carinhoso
 Tia Celes

Figura 3: fragmentos I da carta de tia Celes

Não gostaria de precisar de escrever o como, em uma pesquisa sobre formação docente, na qual busco pelas experiências, e ao me deparar com um texto em que um filósofo nos conta sobre “as artes de si”, e com esta carta, que desenha a si mesmo, a escrita pode ser uma ferramenta, que no encontro, proporcione um *êthos*.

Gostaria do silêncio! Gostaria apenas de mostrar os textos, mostrar esta carta, e deixar que a experiência do que mostro possa provocar em você, que lê, algo, dar e/ou forçar a pensar.

Porém necessito também dizer como esse lance de dados, como esse caleidoscópio me afeta. Alguns pedaços de carvão, papéis de embrulho, pais atentos à necessidade de uma filha, planos de um futuro, e todas as outras palavras que estão ali, neste trecho de uma vida, dizem-

me de uma formação, dizem-me de uma professora apaixonada pela profissão. E, em um capítulo de uma pesquisa, na qual busco a escrita como essa ferramenta de constituição de si, a professora traz por escrito, em uma carta, seus primeiros momentos formativos pela aprendizagem da escrita.

Inicialmente, pensava esta pesquisa entre correspondências; porém a vida, como disse, convocou-me para outras emergências – e a necessidade se fez com estas sete cartas recebidas das dezoito que enviei. E, além das cartas não enviadas, que foram confeccionadas também como uma análise das cartas recebidas, também trago análises em forma de carta/e-mail (usando os recursos do contemporâneo) para minha orientadora, em que digo como fui afetada por aquelas correspondências.

Carta para Rosimeri de Oliveira Dias (ANEXO 5- análise da carta de tia Celes, p. 94):

Uma outra colocação feita na carta dela que me toca. Sinto algo de gentil ou um certo gesto heroico quando ela nos conta sobre a escassez de material escolar em sua casa e como ela driblou tal situação: aproveitava das revistas que seu pai ganhava, papel de embrulho, pedacinhos de carvão para treinar a escrita escondida debaixo da cama. Gostei de chamar este gesto de heroico porque parece-me que devolve um sentido mais próximo dos nossos gestos de esforço sob nos mesmos, como você disse utilizando Mia Couto “apenas a vida nos defende do viver”.

Uma outra questão, quando enviei a carta para ela, o convite feito foi para nos contar sobre os acontecimentos, “adoraria receber sua carta contando um desses acontecimentos que te tocou e que lhe ajudou em sua formação enquanto professora”. E em sua resposta, nos conta como foi sua alfabetização, sua formação inicial, seu primeiro contato com as letras, com a escrita. Esconder debaixo da cama para não ser encontrada, por que esconder? Qual o perigo que ela corria? Que tipo de perigo este novo conhecimento trazia? Ou será que ela precisava de uma certa solidão? E a mãe aparece como que a auxiliar novamente os primeiros passos.

Rosi, fiquei pensando: o que ser professora ressoa para Celes? Retomo o início da carta dela em que conta que ser professora foi para ela um dom. Ela fecha o primeiro parágrafo de sua carta dizendo “fui muito feliz e tenho muitas saudades”.

Termina a missiva nos dizendo que ser professora era o que ela queria desde muito nova, mesmo com os apelos de seus pais para que ela, amante dos animais, pudesse exercer a profissão de veterinária. Diz também antes de encerrar, “amei muito minha profissão. A maior felicidade é realizar a profissão que amamos”. Pensei no amor como constituição do professor. Será que, porque ela amou se sentiu realizada?

Um outro gesto na carta: ela encerra a carta pedindo para que não reparasse na letra e nem os erros. Algo acontece aí! Tradicionalmente um professor é aquele que busca o acerto e rechaça os erros.

Encerro aqui estes primeiros pensamentos da carta da professora Maria Celes. Sigo com a escrita de uma resposta para ela. Uma resposta que não responde, que apenas convida a conversar.

Por fim, agradeço pela escuta, paciência, companheirismo.

Renata

P.S.: após parar para respirar, tomar um cafezinho... lembrei-me que tanto Celes, quanto Sueli, se despedem na carta com “tia”. E algumas professoras, talvez as minhas primeiras professoras, refiro-me a elas como “tia” também. Acho que existe

um livro que diz “professora sim, tia não”. Fiquei pensando é tão gostoso me referir a elas como “tia”. Em toda minha vida escolar eu soube que elas não eram a irmã dos meus pais. Também, que a educação proporcionada por elas era diferente da educação realizada por minha família. Acho doce poder chamá-las de “tia”, penso que tem a ver com o que a Celes falou do amor. Só para pensar....

Esta carta/análise foi escrita em 11 de abril de 2016, juntamente com a carta que seria enviada para tia Celes. Na análise acima, digo como foi encerrada a carta dela “para não reparar a letra e nem os erros”, uma lógica binária entre erros e acertos. Com o distanciamento, penso que “não reparar” seria talvez reparar, afinal ela se importa com tais questões, de como a letra foi manuscrita e da gramática, pois ela está “se enviando” ao outro. Existe um cuidado de como se apresenta, sua relação com este outro e como este outro a afeta nesta constituição de si pela escrita.

Interessante como o ato de escrever se tornou algo natural, talvez para quem pertence ao universo dos letrados. E pensando este trecho, da carta dela, com Foucault (2010a), escrever também é mostrar-se, mostrar seu rosto, se expor. Há neste uma imbricação, algo forte, como se fosse inerente ao ser humano essa forma de expressão pela escrita, da mesma maneira como nossa voz, como nosso corpo, nos mostram, diz quem estamos sendo. Com a escrita, com este movimento da leitura do trecho acima, e de ler as cartas e pôr-me a pensar, escrever novamente, pensar com tia Celes, minha doce professora do que chamava de pré-escola, vou costurando uma pesquisa e vendo a professora que traz, na carta que envia a mim, as aventuras de sua formação, que para ela começa na infância, com o desejo de aprender a escrever.

Em “Para uma vida não-fascista” (2009), há um capítulo de Walter Kohan intitulado “Do fascismo ao cuidado de si”, um trabalho que amplia o olhar, que se abre para contornar um sentido do que Foucault nos oferece no início do texto “A escrita de si”, acerca das possibilidades da escrita, das ações e do pensamento serem ferramentas que possibilitavam uma *askésis*. Também começo a desenhar um sentido possível de como os “cuidados de si” constituíram um eixo importante das investigações de Foucault para esta pesquisa, como é possível ver em uma longa citação do referido trabalho de Kohan (2009, p. 417-418).

Foucault considera que as razões do “esquecimento” da riquíssima tradição de práticas de cuidado de si e seu eclipse pela noção de conhecimento de si relacionam-se com os acontecimentos da história da verdade e o que ele denomina o “momento

cartesiano”, um longo processo histórico que desloca o foco da existência da vida até o conhecimento (p.417).

[...]

Esse “momento cartesiano” é uma longa e complexa tradição que não se restringe a Descartes, fazendo um jogo duplo: a) valoriza o conhecimento de si a partir da evidência, que somente pode se dar desde o próprio sujeito, compreendido como alma, *res cogitans*; b) desvaloriza o cuidado de si, indicando que não há nem pode haver outro acesso à verdade que o conhecimento emanado da alma.

Com o “momento cartesiano”, duas coisas que estavam juntas, o cuidado e o conhecimento – a via e a verdade, a espiritualidade e a filosofia – separam-se. A filosofia – “forma de pensamento que se interroga, certamente não sobre o que é verdadeiro e o que é falso, mas sobre o que faz que exista e que possa existir o verdadeiro e o falso” [...] – fica do lado do conhecimento e, concomitantemente, fora da vida. A espiritualidade – “investigação, prática, experiência, pelas quais o sujeito opera as transformações necessárias para ter acesso à verdade” [...] – fica do lado da vida e, desse modo, fora do conhecimento. Isso é, a partir do “momento cartesiano”, para conhecer já não é necessário, como antes, nenhum tipo de transformação do sujeito, forma de experiência ou exercício virtual. A verdade está convalidada a partir de certas condições internas (regras formais de método, condições objetivas, estrutura do objeto a conhecer) e externas (“é necessário não estar louco para conhecer”, condições culturais, morais, consenso científico) ao ato de conhecimento, dadas de antemão para qualquer sujeito [...].

Na espiritualidade, as coisas são diferentes. Sempre é necessário um movimento do sujeito (movimento ascendente, como no caso de *éros*; trabalho de elaboração, como é a *áskesis*) para chegar à verdade. Foucault [...] destaca três características principais do lugar que ocupa nela o cuidado de si:

Em primeiro lugar, o cuidado de si comporta uma atitude geral, uma maneira de estar no mundo, de preocupar-se com os próprios atos e de ter certas relações com os outros. O cuidado de si é uma atitude frente a si, aos outros e ao mundo;

Em segundo lugar, o cuidado é uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si é deslocar objeto do próprio olhar do exterior para si mesmo. Implica uma atenção especial ao que se pensa e ao que se dá no próprio pensamento;

Em terceiro lugar, o cuidado designa uma conjunto de ações e práticas de si sobre si. Há uma ampla gama de ações, exercícios, técnicas, pelas quais “o si” se modifica, se transforma, se transfigura (p.418).

Neste trecho, há o cuidado do professor Kohan em apresentar o trabalho daquele filósofo francês que se preocupou, em um primeiro momento, em nos mostrar o quanto nos distanciamos das práticas antigas, de cuidar de si e passamos para o conhecimento de si. Como o cuidado e o conhecimento se separam, também a vida e a verdade, a espiritualidade e a filosofia separam-se. Aqui a espiritualidade é tratada como investigação, prática, experiência, pelas quais o sujeito opera as transformações necessárias para ter acesso à verdade. Com a lógica cartesiana, a verdade está convalidada a partir de certas condições internas e externas ao ato de conhecimento, dados de antemão para o sujeito.

Com o fragmento acima, capturei as ideias descritas a seguir, acerca das “artes de si”, neste aspecto que traz o “cuidado de si”: pensando a espiritualidade como uma lógica diferente do conhecer (externo e interno), e sim no sentido em que o movimento do sujeito

(para esta pesquisa nos limitaremos ao trabalho de elaboração, como na *áskeis*) para chegar à verdade vai necessitar de: uma atitude frente a si, aos outros e ao mundo; uma implicação, uma atenção especial ao que se pensa e ao que se dá no próprio pensamento; uma gama de ações, exercícios, técnicas, pelas quais o “si” se modifica, se transforma, se transfigura. E, então, uma caixa de ferramentas emerge a nossa disposição para ver como nos constituímos no mundo, com o mundo.

Ao lermos estas investigações foucaultianas, percebíamos costuras possíveis com uma busca por investigar o conceito de experiência e uma formação docente. Até aqui, ao mergulhar nesta vivência pela leitura dos cuidados de si, ao buscar por essas “artes de si”, continuei a seguir as sensações. Qual a relação dos cuidados de si, experiência, escrever (“a escrita de si”)? Como buscar por tais saberes nos possibilitaria ver uma formação docente?

E, neste mergulho, não resisto em contar a atração pela carta de Sueli (ANEXO 8, p. 104), ou tia Sueli (como ela se envia a mim), e tia Cida (ANEXO 6, p. 99), pois ela nos convida a pensar junto com o que dissemos.

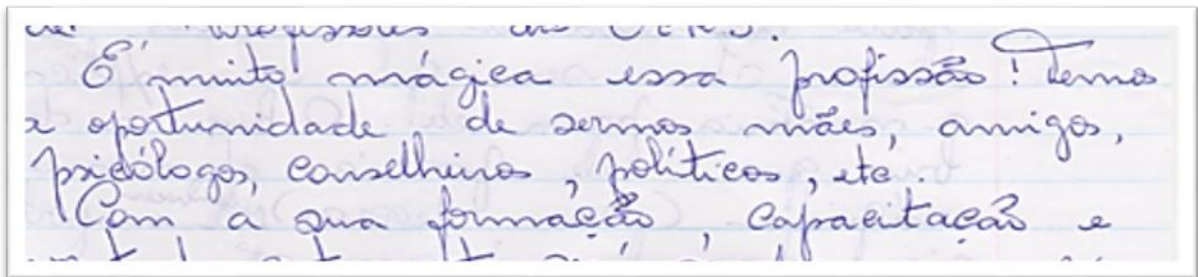


Figura 4: fragmentos I da carta da Sueli

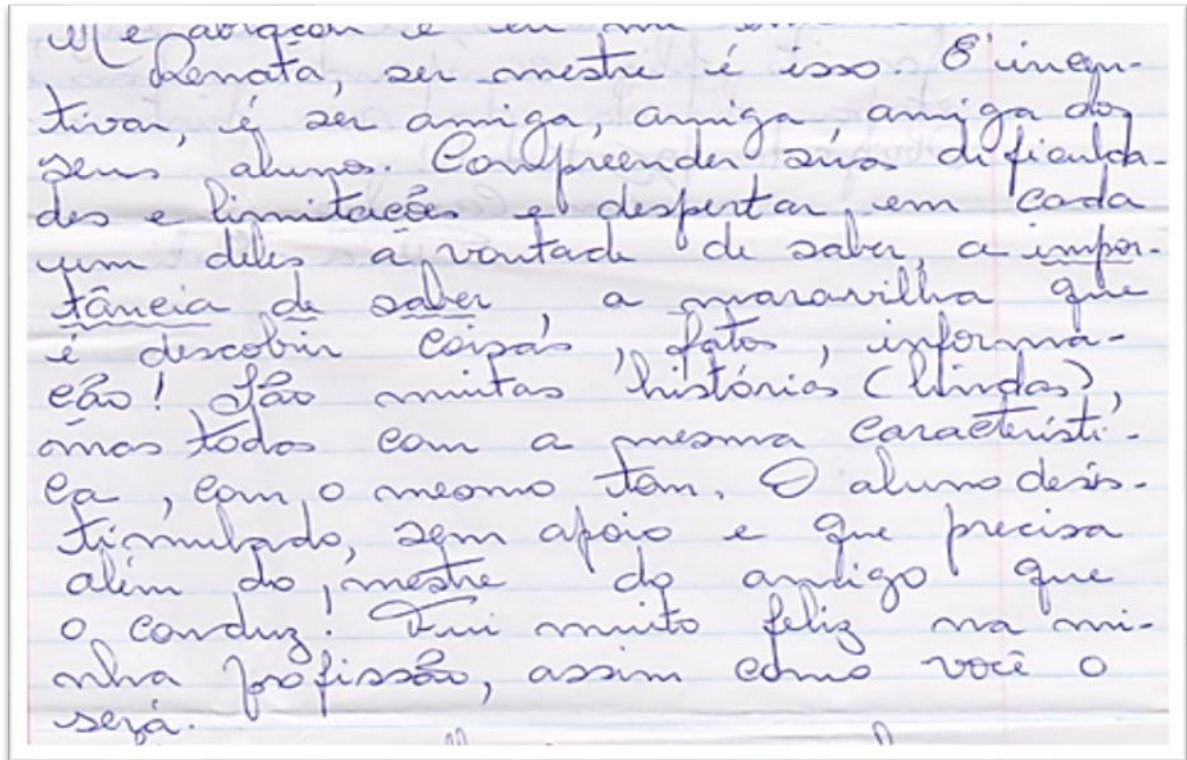


Figura 4: fragmentos I da carta da Sueli

Entre cartas, à orientadora e à Sueli, seguem alguns ensaios de resposta produzidos em meados de abril 2016, porém, não foi enviada à Sueli, então a chamo de carta não enviada.

Rosi...

Quando Sueli diz que existem “muitas histórias que foram se acumulando nesses maravilhosos anos de profissão”, fiquei pensando: será que o que ela chama de história são os registros de acontecimentos que a constituem como professora? Será que essas histórias ou, eu diria, esses acontecimentos a transformaram?

[...]

A magia de ser professor porque podemos desempenhar vários papéis como o de psicólogo, conselheiros, políticos, sermos mães e amigos, pareceu-me que o mestre, como ela diz, é aquele que se preocupa também com sua “formação, capacitação e aliado ao conteúdo, poderá perceber a essência de cada um de nossos alunos, de suas diferenças, dificuldades e realidades”⁶.

Também há algo de comum entre o acontecimento narrado por Sueli e a emancipação trazida pelo livro de Rancière, ambas se relacionam com esta questão da igualdade do não saber, e como isto se torna potência. Tanto professor, quanto aluno estão em um mesmo grau em direção ao desconhecido; ou melhor, em direção a um conhecimento. Então, quando digo que percebo uma conexão entre Rancière e Sueli, não tenho o objetivo de validar os ensinamentos que ela proporcionou ao

⁶ Esta colocação que está na carta de Sueli, me remeteu a carta de Sandrelena quando ela conta de como conheceu a realidade de uma aluna que pedia para ir ao banheiro constantemente (Anexo 10, p. 116)

jovem que foi lhe procurar, gostaria apenas de dizer os efeitos de um mestre ignorante. Ler tal livro ou conversar com Sueli, poderia talvez produzir efeitos parecidos em mim da abertura para o desconhecido.

E ela dá um conselho, que fez lembrar a Conferência de Larrosa em Mar Del Plata (2007), em que ele conta de uma família, e o que eles podem ensinar a um filho que vai partir. Este relato de Larrosa se relaciona com o *bildungsroman*, com nossa cultura de estar sempre a ensinar, mas que na verdade, se percebe que o máximo que podemos fazer é oferecer alguns conselhos sobre a vida, afinal o que podemos ensinar diante da grandeza dos “ensinamentos” da vida?

Querida Sueli,

Estou aqui, escolhendo as palavras para começar esta carta. Olho para sua carta, para esta folha e deixo que os sentimentos escolham as palavras que compõem esta nossa conversa por escrito, por isso não posso deixar de registrar o quanto gosto de ficar olhando sua carta. Adoro admirar sua escrita, como você desenha cada letra, os contornos de suas palavras.

Gratidão!

Sua carta me comoveu. Comoveu por ter podido se dedicar alguns momentos preciosos do seu tempo a pensar junto comigo esta pesquisa. Comoveu pelas histórias que pode me narrar, tocaram-me! Comoveu simplesmente por ter recebido uma carta sua.

Fico pensando como deixamos algumas “modernidades” nos capturar de tal maneira que nossa comunicação com outras pessoas, que não seja nossos familiares mais próximos, seja tão corrida e sem profundidade. Algumas pessoas, nem com os mais próximos costumam estabelecer tal relação. Por isso fico tão enternecida com este laço que começamos a estabelecer, nossas cartas. Tenho a sensação de que encontramos com pessoas, que representam universos cheios de potencialidades, mas nada nos acontece, será que houve realmente um encontro?

Mas não é o que sinto em relação ao encontro proporcionado por nossa correspondência. Sinto que um desejo por nos encontrarmos aí se estabelece. Neste encontro por escrito, nesta conversa, algo se mistura, simplesmente por estarmos durante algum momento atentas uma para a outra.

As pessoas deixaram de se comunicar desta maneira, não é mesmo?! Aliás, eu mesma escrevia cartas esporadicamente. Minha interlocutora mais duradoura foi apenas uma, minha madrastra, tia Célia. Você se lembra dela? Com ela mantive correspondência durante alguns anos, mesmo que poucas.

Então sua carta está sendo significativa para mim, por poder retomar uma maneira tão tradicional de mantermos uma comunicação entre as pessoas. E tal maneira, ganha outra potencialidade na diferença do que se estabelece hoje em dia como meios de se comunicar. Além deste laço, uma maneira mais íntima de conversarmos, é o que me parece.

Sua carta me comoveu também por narrar você. Que lindo o acontecimento que você contou a respeito do aluno que havia se entediado pelos estudos, ou seria pela escola? O que seria esse tédio que ronda a escola?

Entrei na narrativa com facilidade. Senti a história depois de uma leitura, por vezes tomando o lugar da professora que ensinava; ou, com outra leitura, tomava o lugar do aluno entediado com os estudos. E seu ato carinhoso, sua gentileza tomou conta de mim. Lembrei-me de uma outra história contada em um livro chamado “O mestre ignorante”, escrita por Jacques Rancière.

Este livro conta a história de um professor chamado Joseph Jacotot, que precisou de se retirar da França em 1789 e vai para os Países Baixos, sem falar o holandês. Mais que o desafio de estar em uma terra estrangeira, sem ter a destreza de se comunicar com a mesma língua daqueles, ele aceita o desafio de lecionar neste país. Encara o desafio com uma obra de Telêmaco que encontrou nestas terras. Esta obra era ao mesmo tempo impressa em francês e holandês. Ao final do curso, seus alunos haviam aprendido francês por si mesmos com aquela obra que possuía em uma página a história de Telêmaco escrita em holandês e em outra página a mesma história, só que escrita em francês. Foi pelo esforço em direção ao desconhecido que eles conseguiram chegar a um conhecimento.

Da mesma maneira aconteceu com você. Sem dominar o conteúdo que iria ensinar, você aceita o desafio. Fico pensando o que a motivou? Não era um conteúdo da disciplina que ministrava. Não era na escola, você convida este aluno e sua mãe para entrarem em sua casa. Então o que há neste gesto de levar um adolescente entediado com a escola para sua casa? O que há neste gesto de acolher o pedido de uma mãe preocupada com seu filho? Mais que uma resposta, busco este deslocamento que você se propôs viver.

Você disse que o ensinou a estudar, grifar o que ele achava importante, fazer uma síntese do conteúdo, sem no entanto ensinar o conteúdo para ele. E os efeitos deste encontro, depois de um tempo ao reencontrar com aquela mãe, que preocupada com o filho que iria desistir da escola, lhe agradece por criar “alma nova” em seu filho. Há aí algo que não sei o que seja. Talvez algo que não aprendamos na faculdade sobre sermos professoras. Sinto o abraço entre vocês e também me emociono.

Agora, sobre ser mestre, como você carinhosamente compartilha, “é incentivar, é ser amiga dos alunos [...]. Compreender suas dificuldades e limitações e despertar em cada um deles a vontade de saber, a importância de saber, a maravilha que é descobrir coisas, fatos, informação”.

Obrigada minha querida tia Sueli, por contar suas histórias e deixar que eu a torne minha também. Fiquei muito curiosa para mais histórias.

E a partir das leituras que vimos construindo com Deleuze (1998, 2006) entendemos que o encontro é esta captura que se faz quando nos propomos a estar na presença do outro sem pensamentos concebidos previamente, sem juízos estabelecidos, um mergulho que ao retornar você traz uma parte da pessoa e a pessoa leva uma parte de você, um agenciamento, uma mistura única.

E aqui, tia Cida nos toca com o processo formativo que continua, “pois a vida é um eterno aprendizado (ANEXO 6, 99).

tu comecei trabalhando numa escola rural, onde era professora, amiga, conselheira, médica etc. Este ano completo 40 anos no exercício desta profissão.

Gosto muito do que faço, por isso nem penso em uma aposentadoria tão cedo, apesar de todos os obstáculos, falta de conhecimento e, principalmente, a falta de respeito que existe neste país, com “a profissão que forma todas as outras”. Estou zerando o cronômetro, partindo do zero novamente, para mais 40 anos ...

Figura 5: fragmentos I da carta da tia Cida

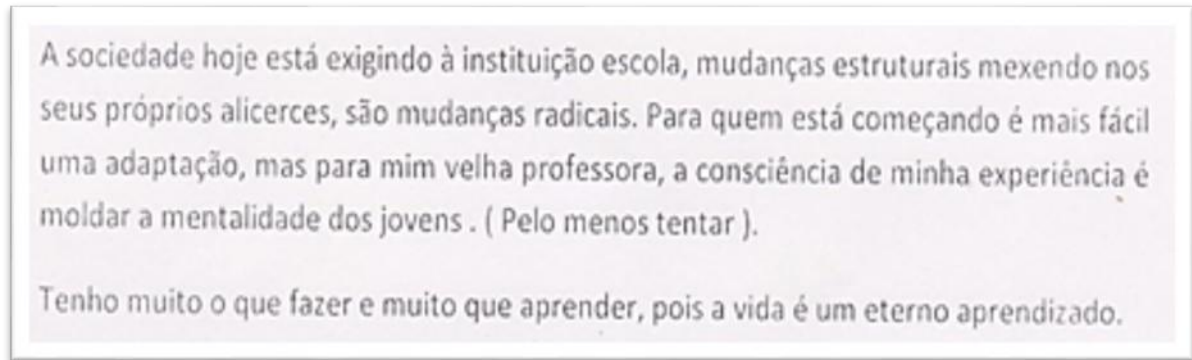


Figura 5: fragmentos I da carta da tia Cida

No trecho que se segue, busco pela orientadora para conversar e analisar as sensações produzidas pela carta da tia Cida (Anexo 7: carta não enviada a tia Cida, p. 101):

Conhecer, reconhecer, desconhecer que pista nos traz? Talvez as marcas do tempo estampada na aparência corporal e por isso a desconfiança em não reconhecer o conhecido? Quem sabe o desejo de conhecer aquilo que um dia eu conheci?

Também há aqui diversos papéis que podemos ou que exercemos, que me remetem à escrita de Cida “comecei trabalhando numa escola rural, onde era professora, amiga, conselheira, médica, etc”. Como somos múltiplos! E como foi necessário no contexto em que começou seu trabalho desempenhar esses diversos papeis.

Emenda, no mesmo parágrafo em que diz de como foi seu início na profissão, o tempo decorrido “este ano completo 40 anos no exercício da profissão”. A marca do tempo em sua escrita é forte. Mais à frente diz “estou zerando o cronômetro, partindo do zero novamente, para mais 40 anos ...” e termina o parágrafo com estas reticências. No próximo parágrafo vai dizer da diferença de hoje para os anos 70, quando iniciou a carreira.

Ainda neste viés temporal, em um outro parágrafo, diz que a sociedade exige mudanças, que estas são mais fáceis para quem começa, pois consegue se adaptar, porém para ela que está “velha” (palavra utilizada pela professora)... “minha experiência é moldar a mentalidade dos jovens”, e ainda “(pelo menos tentar)”. Em sua constituição docente tia Cida busca “moldar”, o que seria? Se pensarmos a educação como “moldes”, estaríamos voltando a padrões e padronizações? E agora.... como provocar as marcas da experiência (se assim posso chamar, estou completamente afetada pela carta do Antônio) nos acontecimentos que lhe ajudaram a se constituir como professora?

Finaliza a carta “tenho muito o que fazer e muito que aprender, pois a vida é um eterno aprendizado”. O “eterno” também como mais uma marca da temporalidade de sua escrita e também a cognição.

Os recortes das cartas (enviada, recebidas e não enviadas) que estou buscando trazer neste capítulo dão a ver talvez pela escrita, linhas de subjetivação, marcas de uma constituição de si docente. Tia Celes, uma professora que deixa ver sua paixão pela docência desde muito nova; tia Cida que se configurou também como conselheira, médica, etc. , e uma disposição de começar novamente, para mais 40 anos de profissão; Sueli, que traz a dimensão da alegria

das descobertas; Antônio Maurício, trazendo que ensinar é deixar signos, uma marca nas pessoas.

São necessárias algumas palavras para nos lembrar da composição que estes professores deixaram e ainda deixam ver em seus gestos na docência através das cartas que enviaram. O que nos diz essa composição entre signos e temporalidades numa constituição docente? Esses gestos das escritas de cartas (enviadas, recebidas e não enviadas), de diários, de e-mails busquei ver os planos sensíveis que nos transformam: ver e dar a ver a composição desses encontros.

“A vida como obra de arte” é uma entrevista de Deleuze (1996), em que ele apresenta um pouco do pensamento e da vida de Foucault e faz uma relação entre os “modos de existência”, uma questão que ele trabalha, para o que, em Foucault, seria “estilo de vida”. Nessa entrevista, Deleuze desenvolve o que esses dois conceitos dizem tanto da vida como obra de arte, uma ética.

[...] A constituição de modos de existência ou estilos de vida não é apenas estética, é o que Foucault chama a ética, por oposição à moral. [...] A ética é um conjunto de regras facultativas que fixam o valor do que fazemos, do que dizemos, segundo o modo de existência que isso implica. [...] Por vezes basta um gesto ou uma palavra. São os estilos de vida, que estão sempre implicados nos gestos e nas palavras, que nos constituem como este ou aquele. [...] E estão presentes desde a primeira filosofia de Foucault o que é que somos “capazes” de ver, e de dizer (no sentido de enunciado)? Mas se há aqui a presença duma ética, trata-se também duma questão estética. O estilo, num grande escritor, é um estilo de vida, não é de maneira nenhuma qualquer coisa de pessoal, é a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência (p. 79-80).

Ao ler essa entrevista, concomitante à leitura de “A escrita de si” e das cartas, penso na dimensão ético-estética, uma *ethopoiesis* de si. Algo próximo das escritas temporais de gestos que se constituem na própria vida e nos encontros forjados entre textos, vidas, docências, discências... que este capítulo faz emergir. No trecho em que Foucault (2010a) trata do termo *ethopoiética*, comecei a pensar a vida, em uma dimensão ética, estética, e como vamos nos constituindo; e a vida “própria” começou a se compor com ritmos outros, com afirmações sendo validadas por uma necessidade composta por forças que emergiam dos encontros que vinha-me propondo a experienciar, principalmente com a escrita.

Que forças emergem dos encontros, como o jogo de cartear que estamos constituindo, aqui, com as correspondências? Seriam essas forças constitutivas de um espaço-tempo de

formação, transformação epistolar? Mais do que respostas a estas perguntas, devemos fazer uso delas para nos colocar em um campo problemático, promover rachaduras no já estabelecido e nos abrir, utilizando dessas forças de pensamento para colocá-las perto de uma outra, pensar essa transformação do discurso verdadeiro em *êthos*.

Talvez, para fazer vibrar estas questões, seja necessário recuperar o que Foucault (2010a) nos propõe acerca do epistolar, já expresso na epígrafe deste capítulo. Quando Foucault (idem) trata do estilo epistolar, uma maneira de mostrarmos nossas linhas de subjetivação, de mostrarmos nossa “alma”, indica que há de ser um estilo simples, livre em sua composição, pois a carta “como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como ‘bem próprio’” (p.156-157). Que forças são essas que agem e se presentificam no jogo de corresponder entre professores? Deleuze nos ajuda a dizer que esse jogo de trocar cartas entre professores se entrecruzam, contínua e maquinaalmente, como podemos ver a seguir.

Deleuze (1998, p. 58-73), leitor de Foucault, diz que é preciso fender as palavras, ou frases, para lhes extrairmos suas forças e formas, seus regimes de linguagens e de variações daquilo que se move de um sistema a outro. E que com estes deslocamentos pode produzir peças e engrenagens de uma composição coletiva e não de um estado de coisas. Algo próximo do que temos encontrado com as cartas e seus usos e efeitos.

A carta da tia Neuza (ANEXO 11, p. 124) conta sua situação, dada a princípio pela ausência de dinheiro, e por isso não seria possível fazer o percurso formativo para se tornar professora. O ensino público encerrava no que corresponde hoje ao quinto ano do Ensino Fundamental – era o chamado Primário. Para continuar na escola e ingressar no Colegial, era preciso submeter-se a uma prova, o que mais era pago; sendo aprovada ingressaria no que hoje é o sexto ano. Esta situação é contada em uma redação e a professora, sensibilizada, reuniu recursos para que a aluna continuasse sua formação acadêmica. Sendo aprovada em primeiro lugar, conseguiu estudar gratuitamente. Com as análises, é possível dizer que uma situação “já dada”, ou seja, uma criança que, sem recursos financeiros, não poderia estudar, ela inventa estratégias de si e conta como foi “transformada em uma professora e assim concretizando” um sonho, como ela mesma diz.

Carta de tia Neuza (Anexo 11, p. 124).

me orgulhosa de você.
 O meu processo formativo
 de conseguir ser profes-
 sora, além do amor
 pela profissão, foi
 É uma felicidade

minha redação falando que tinha
 o sonho de ser professora mas que
 meus pais não tinham condição de
 bancar meus estudos.
 Naquela época, minha professora
 comoveu e como eu tinha de fazer
 admissão também remunerada pedi
 às minhas colegas que já estudavam
 para eu ir à noite estudar com elas,
 pois minha mestra D. Leonor e suas
colegas deixaram que eu estudasse.
 Este foi o ponto principal e depois
 avancei mais no meu sonho ao ser
aprovada entre 50 alunos, em 1º lugar
no concurso público, estudando 4
anos gratuitamente.
 Dali para frente, no curso Normal
consegui com um deputado mais 3
anos.
 Fui transformada em uma profes-
 sora e assim concretizando meu so-
 nho até completar 59 anos: no setor
 público e no privado, graças a Deus.
 Carinhosamente
 Tia Neuza
 P.S. Não escrevi a mais tempo pois

Figura 4: fragmentos I da carta da tia Neuza

Será que o que tia Neuza chama de sonho, seriam seus pensamentos? Afirmando a escrita como uma ferramenta que deixa ver os movimentos do pensamento, e que “a lógica de um pensamento não é um sistema racional em equilíbrio. [...] A lógica de um pensamento é como o vento que nos bate nas costas, uma série de rajadas e de choques” (DELEUZE, 1996, p.69) vibração intensiva que força a pensar a existência como obra de arte e emergência do pensamento como processo de subjetivação.

A escrita, como dito anteriormente, para Foucault, está associada ao exercício de pensamento de duas maneiras, uma linear (meditação, depois passa-se para a escrita, e desta para um adestramento em uma situação real e na experiência) e a outra circular (meditação depois notas, passa-se para releitura que ativa a meditação). Com esses movimentos, linear e circular, a escrita funciona como uma ascense. Um exercício de si sobre o pensamento, que age e faz operar uma função *ethopiética*. E aqui, mais uma vez, é Deleuze leitor de Foucault quem nos diz, o pensamento “acrescenta constantemente novas dimensões a si mesmo e nenhuma dessas dimensões está contida na que a precede. O que é que o força a partir de uma determinada direção, o que é que o força a traçar o caminho mais inesperado?” (DELEUZE, 1996, p.70). “É a actualidade que interessa a Foucault, [...] o que está *in actu*; a filosofia como acto do pensamento” (*idem*, p.71). Assim, o pensar como ato perigoso renovou a imagem não dogmática do pensamento.

Com as cartas de Sandrelena (Anexo 10, p.116), e de Rosinha (Anexo 13, p.133), sou arrastada por muitas marcas de um encontro, um olhar que se enviou e recebeu; consigo ver o movimento do pensamento ativado pelo convite por nos correspondermos, bem como as possibilidades do si. Tanto nas cartas delas como em outras, a leitura e a releitura foram ações praticadas antes de começar a traçar uma carta-resposta. A valorização da escrita à mão, por alguns, diferindo das possibilidades tecnológicas atuais. Com corpo constituído pela escrita destas cartas, vi uma maneira de elaborar pensamento e vida de um jeito único, só delas.

constituir-me professora? Ser professora não é um processo fácil e nem ameno. É vibrante, movimento intenso, às vezes, até mesmo doloroso. Se chorei? Muitas vezes! E ainda o faço, por motivos diversos: alegrias, medos, inseguranças, conquistas e aparentes perdas. Sem nenhum rancor choro, mas sempre com "as mãos ocupadas", e após o desafogar pelas lágrimas, levanto e continuo a caminhar e trabalhar. É assim que me constituo EU MESMA: mulher, mãe, professora, esposa, filha, cidadã, religiosa, pesquisadora, tia, amiga, dona de casa... ou filha, eu mesma, na minha multiplicidade que me faz única.

Mas, chega de blá, blá, blá e vamos aos acontecimentos que me marcaram. Escolhi alguns dentre vários outros. Escolhi estes porque considero-os divisores de água em minha vida de professora.

Maneiro. Tinha uma menininha, sorriso largo, olhos brilhantes, cabelos crespos. Esta menininha me marcou e me ensinou a ter olhos de ver a diversidade que constitui o grupo de alunos e alunas. Todos os dias, várias vezes por dia,

Figura 7: fragmentos I da carta de Sandrelena

oniam una eternidade). Após alguns dias
 refletindo e me ocupando com a questão,
 finalmente entendi: a ^{relação} teoria e prática.
 A teoria na prática NÃO É outra. São coisas
 diferentes, diferença de natureza e não de grau.
 A teoria não é para ser APLICADA à prática como
 uma fórmula. A teoria é para nos ajudar a
 conhecer, pensar e construir a prática mais
 apropriada a cada aluno e aluna. Conseguimos
 aprender juntos, eu e a aluna.

comportamento por outro? Se minhas pala-
 bras fossem outras? Realmente, não temos
 domínio nenhum sobre o efeito de nossas
 ações e palavras sobre aqueles que nos
 rodeiam. Ainda pouco, e muito, ^{por inacabada,} com certeza.
 Mas tento me preocupado em ser sempre eu
 mesma. Ser ética e responsável.

Figura 7: fragmentos I da carta de Sandrelena

Fiquei me perguntando se Sandrelena (ANEXO 10, p.116), já havia pensado naquelas situações que contou em sua carta como formadoras de si? Mesmo se aqueles encontros que experienciou já houvessem passado por seus pensamentos como formativos, ela novamente os descreve/ relata ao nos enviar tal *êthos*. Cartear vibrante, como ela mesma nos anuncia, para nos dizer que seu modo de formar e transformar se faz “com as mãos ocupadas” e atenta para percorrer caminhos, práticas.

Rosinha (ANEXO 13, p.133) trouxe em sua carta um modo de constituição de si tecido em uma dimensão de abertura pela vida.

Algunas coisas, porém, passam pela minha cabeça ao pensar no assunto proposto. Algunhas lembranças que até já foram antes escritas para compor alguns textos nos quais tive que dizer de minha formação. Iniciei como professora de área técnica, lecionando disciplinas de Informática. Assuntos fiéis me colocavam em um jogo em que procurava aproximação com meus alunos e alunas. O que me afetava era a distância, o não olhar nos olhos muitas vezes provocado pela necessidade que eles/as tinham de fixar o olhar nas telas dos computadores.

Figura 8: fragmentos I da carta da Rosinha

minhas de estar em sala de aula.

Esses três momentos, que destaco como muito importantes, são recheados de experiências. Como já sinalizei, não consigo identificá-las em suas singularidades. Não posso dizer que foi isso ou aquilo que foi capaz de me constituir como professora, que me passou e me transformou. Seguindo com as minhas desconfianças, arrisco no palpite de que, em todos esses momentos, o que mais se tornou potente em mim, o que mais provocou mudanças e me constituiu enquanto esta professora que hoje sou, foi a abertura que as atravessou. Ao pensar em mim, em minhas práticas, sentia que meus momentos mais felizes se davam quando eu deixava de dizer e passava a ouvir; deixava de ser vista e

Figura 8: fragmentos I da carta da Rosinha

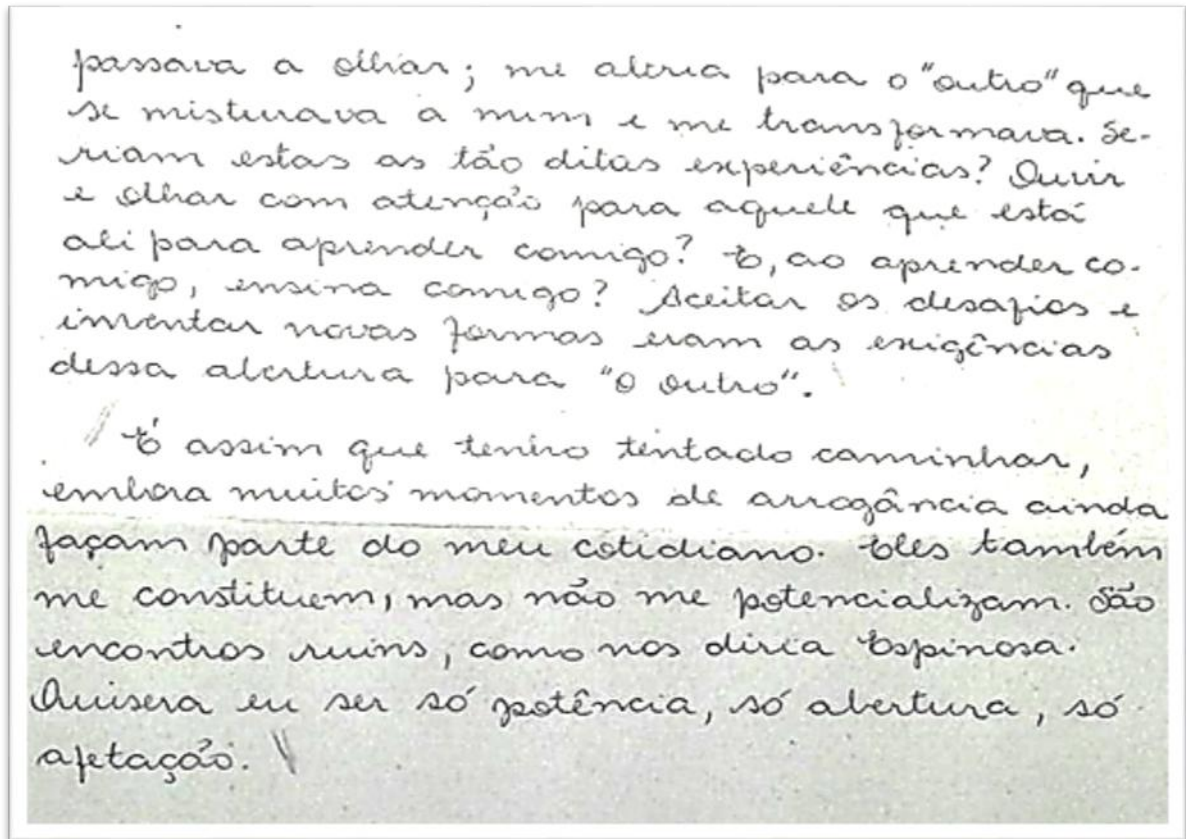


Figura 8: fragmentos I da carta da Rosinha

Uma abertura para a constituição de modos de formar que não se furtam a caminhar consigo e caminhar com outros. Com este jogo de cartear com aqueles que foram meus professores, senti o que Michel Foucault (2010a) disse no texto "A escrita de si": primeiro, as cartas funcionam como um exercício de pensamento para toda a vida; segundo, sempre se precisa do outro na elaboração e exercício de si sobre si.

Uma boa conversa não é algo que se diga "terminamos por hoje", mas um sentimento de que algo bom aconteceu, nos afetou e que está em fluxo. Nesta conversa, trouxemos a escrita como exercício de si sobre si mesmo, em que ela pôde colaborar para uma formação mais vinculada a exercícios de si e à constituição de estilos de vida não consensuais, não conformados.

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um "corpo" [...] daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida "em forças e em sangue" [...]. Ela se torna no próprio escritor um princípio de ação racional" (FOUCAULT, 2010a, p. 152).

O capítulo *Escrever* se constituiu com o que Foucault (2010a) chama de “conselhos” que recebi pelas cartas enviadas a mim, pelos guias (autores) sugeridos, buscando um corpo e um rosto no que ele nos faz pensar acerca da escrita como exercício de si. Utilizamos as cartas como dispositivo de pesquisa, uma busca por encontros. Contudo, aqui as cartas ganharam uma outra dimensão com a possibilidade que elas trazem de inscrevermos, de ver nossos pensamentos, e nos abriremos para os elementos heterogêneos que nelas emergem, nos apropriando assim “pela inteligência” (FOUCAULT, 2010a, p. 152) ao que “o guia” (*idem*, p. 149) nos oferece, criando alma e oferecendo nosso rosto, que deixa ver sua filiação. Não nos ocupamos em demonstrar uma escrita, talvez, pelos *hupomnêmatas* e nem pelas *correspondência*: nossa ocupação foi fazer ver pela escrita os exercícios de *askésis* e, assim, linhas de forças e modos de existência.

Dizendo obrigada aos meus mestres por se corresponderam comigo, por me deixarem ver os movimentos de seus pensamentos e por me ensinarem com suas experiências formadoras de si mesmo. Ainda que não saibam que endereço-me a eles, estes fazem parte de meus pensamentos e, por isso, forçam-me a pensar e a escrever.

3 EXPERIENCIAR

Nesta dissertação, a trilha foi percorrida por meio dos encontros com as correspondências. O que se pôde experienciar nestes encontros? O que encontrei? Como, a partir do vivenciado, se dá a ver acerca de um conceito: experiência? Se experiência é para cada um a sua, o que se encontra ao perguntar para os antigos professores e professoras suas experiências? Como dito logo no início do trabalho, enderecei cartas para pensar, junto com nossos mestres, quais são os saberes que constituem uma transformação de si.

Larrosa desenvolveu, em seu artigo “Notas sobre a experiência e o saber da experiência” a ideia de que a busca pelo o saber da experiência “se dá na relação entre conhecimento e a vida humana” (2014, p.30). Ainda nesse artigo, ele usa esta palavra-chave de forma mais pontual, buscando por meio de suas conferências, textos e livros, desenhar as possibilidades do que seja “experiência”. De acordo com ele, o conhecimento, atualmente, é caracterizado de diversas maneiras como: ciência e tecnologia, infinito, que pode crescer, universal e objetivo, impessoal, que está aí – fora de nós, de que podemos nos apropriar e nos utilizar, algo útil (*idem*, p.31). “Em contrapartida, a ‘vida’ se reduz à sua dimensão biológica, à satisfação das necessidades (geralmente induzidas, sempre incrementadas pela lógica do consumo), à sobrevivência dos indivíduos e da sociedade” (*idem*). Nesse aspecto, a mediação entre conhecimento e vida ganha contornos utilitários (*idem*).

Talvez por isso seja importante lembrar que “o saber da experiência pretende evitar a confusão de experiência como experimento” (LARROSA, 2014, p.34). Ao me deparar com a descrição desse jeito outro de estar no mundo, meus gestos, pensamentos também se tornam outros. Quero buscar esse professor que encarne a experiência, uma pessoa que viva sua singularidade e deixe-se ver. Em seu livro “Tremores”, o filósofo espanhol trata da imbricação entre conhecimento e vida:

o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem ‘conhecimento’, nem ‘vida’, significam o que significam habitualmente (LARROSA, 2014, p. 30-31).

Estudar conceitualmente *experiência* passou a ser um desejo, uma necessidade de inverter a lógica pela qual a vida que vivia se apoiava e me conduzia para a sala de aula. Ao

encontrar tal conceito desenvolvido pelo filósofo em questão, queria pensar a vida por dentro, senti-la, a partir da vida mesmo, diferente de pensar a vida como se fosse um experimento, planejamentos e verificações, um caminho em que já sabemos onde vai dar, um caminho em que subjaz o erro – afinal, se algo sair diferente do planejado é porque não realizamos adequadamente o que precisava de ser feito. Porém, os novos estudos só faziam sentido se optasse pelo risco. O risco de conhecer novos autores, de deixar que a vida me afetasse, abrir mão de conhecer o caminho previamente e pôr-me a caminhar, abandonar o conhecido para o que não se sabia.

A necessidade então de viver este risco é o que talvez a professora Rosimeri Dias chame de *deslocamento* (2011), conceito que ela trabalha para pensar uma *formação inventiva* (DIAS, 2012). Da mesma maneira que me punha a viver estes riscos em minha formação para poder dizer de uma formação docente que se deixa ver pela experiência, fazia meu primeiro encontro com a professora-orientadora. Em seu livro ela diz:

[...] arrisco a dizer que formar se compõe entre outros aspectos, de deslocamentos, de desvios que (de)formam, (re)formam, (poli)formam e (trans)formam cada um de nós e todos nós. Quase um processo de desaprendizagem, vivido pela pesquisadora-professora em uma luta intensa para interromper os automatismos de pensar, de ensinar e de aprender. Talvez se trata de exercer um gesto que insiste em interromper o que acreditava saber sem ter parado para pensar (DIAS, 2011, p. 23).

Era o que buscava sem saber muito bem o que era, um professor que se abria para outras possibilidades de estar na educação; vivenciar o mesmo que não é o mesmo, aquilo que nos é comum, que faz parte de nossa jornada, e de repente passa a ganhar novos contornos, abrindo-se para o acontecimento, para a experiência, para esse movimento da vida que está sempre se fazendo. Eram os primeiros movimentos de um “experenciar”.

A primeira nota sobre o saber da experiência sublinha, então, sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto. A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. Ter uma vida própria, pessoal, como dizia Rainer Maria Rilke, em *Los Cuadernos de Malthe*, é algo cada vez mais raro, quase tão raro quanto uma morte própria. Se chamamos existência a esta vida própria, contingente e finita, a essa vida que não está determinada por nenhuma essência nem por nenhum destino, a essa vida que não tem nenhuma razão nem nenhum fundamento fora dela mesma, a essa vida cujo sentido se vai construindo e destruindo no viver mesmo, podemos pensar que tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência (LARROSA, 2014, p.33).

O que começava a esboçar eram leituras, vivências, pensamentos, treinos, que arranhavam um desenho, para se transformar de em treinos, pensamentos, vivências, leituras. Nesse movimento circular, tornar o desenho mais aparente, para que eu pudesse ver a experiência, neste movimento de experienciar. Coloquei-me neste movimento e também na cor de professora que me constituo, e esta linha que se tornou mais aparente pode ser vista construindo uma subjetividade – ou em sua desconstrução, como segue mais adiante. Em sua conferência em Mar Del Plata (disponível pela *internet*), Larrosa diz,

Essa ideia de subjetividade quer dizer também que não há experiência em geral, é dizer que a experiência é experiência de alguém. Dito de outra maneira: a experiência é para cada qual a sua. Que cada qual faz ou padece sua experiência de um modo singular, particular, irrepetível e único (2007).

A busca que empreendo por constituir-me uma professora, que se forma e transforma, uma professora que está presente aos acontecimentos, que os padece, põe-se então a desenhar. Um desenho feito por palavras, a partir dos encontros com Larrosa (2007- recurso áudio visual; 2014) e Dias (2011) que se deu com o início do mestrado, e que segue como esboço, que pretende firmar o lápis e treinar o traço para que possamos apresentar um desenho mais aparente para um conceito de experiência, cunhado entre escrita, acontecimentos, saberes e em devir; poder mostrar outros encontros e encontros outros, como o que roubei de Foucault (2010a), Deleuze (1998), Kohan (2016), Ferrari (2013), Pelbart (2013).

Professora, "muitas coisas nos acontecem todos os dias, mas nem todas se tornam experiência", essa é uma frase de um autor chamado Jorge Larrosa, muito conhecida. A repito, porque ela nos faz pensar o que é a experiência. O que nos toca, o que nos afeta, que, de tal maneira nos faz diferentes do que éramos antes?

[...]

É esse o convite querida professora, o que esta aluna continua a buscar junto ao seu mestre, um saber ou saberes. No caso de nossa pesquisa os saberes a respeito dos acontecimentos que te tocaram, que te transformaram e que de alguma maneira te constituiu como professora.

Adoraria receber sua carta contando um desses acontecimentos que te tocou e que lhe ajudou em sua formação enquanto professora.

Carinhosamente,

(Anexo 1, p. 86: carta enviada no dia 16/03/2016, aos 18 docentes)

Este é um trecho da missiva enviada com o convite para os docentes participarem desta pesquisa, para conversarmos. Voltamos a ele pois existem alguns eixos de análise e de intervenção que gostaríamos de trabalhar, que ajuda a problematizar o conceito experiência.

No início da pesquisa, ainda tateando que dispositivos usar, como caminhar, buscamos as correspondências para confeccionar esta dissertação. foi um momento potente, do qual destacamos um trecho: “no caso de nossa pesquisa os saberes a respeito dos acontecimentos que te tocaram, que te transformaram e que de alguma maneira te constitui como professora”. Escrevi por sensação: parecia-me que estas palavras conversavam. Acho que talvez farejava o que é uma conversa, num sentido deleuziano (1998), um roubo, uma dupla captura, um entre.

A aposta inicial era de que as cartas funcionassem como dispositivos de ver e falar sobre a vida de professores, as experiências que os constituíram, que os transformaram. E que, com o decorrer desta experiência de correspondência, talvez se ela fizesse emergir um campo de afecção, podendo nos afetar, então seria possível montar um corpo, uma pesquisa. É desse saber, que falava, de ter ciência, de ver apenas. E os encontros realizados neste caminhar possibilitaram um saber outro.

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual a sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (LARROSA, 2014, p. 32).

Esses saberes se diferem dos conhecimentos científicos que podem ser aprendidos intelectualmente, aplicados, utilitários, aqueles criados para solucionar problemas. E se a experiência é o que nos acontece, ela é singular, quer dizer, ninguém pode aprender da experiência do outro: dela emerge nossa ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). Por isso, só é possível aprender da experiência do outro se revivida e tornada própria (LARROSA, 2014, p.32). Quando os professores enviaram por escrito cada uma de suas experiências, foi possível revivê-las de duas maneiras, ao ler e ao escrever, capturando-as. Entre escritas, correspondências, fiz esta experiência investigativa, constituidora de si.

A relação que estabelecemos com a escrita, um processo que se tornou em determinado momento algo “natural”, deixou de ser mistério, desejo. Algo próximo do que experimentei com a carta de tia Celes, ao ler seus primeiros contatos com as letras. Escrever não é algo natural, precisamos atravessar a fronteira para nos tornarmos letrados. E nesta

pesquisa atravesso novamente a fronteira quando desnaturalizo o escrever; e o coloco como ferramenta para constituição de “si”. Para àquelas e àqueles que buscam uma metodologia para formação de professores, compartilha-se nestas linhas: encontros. Com eles vi e afirmei a constituição de si pelas experiências que nos constitui. O estrangeirismo neste processo que vem nos constituindo com esta pesquisa. Havia esquecido que a escrita foi algo que aprendemos nesse processo de existir e que agora se coloca na produção de devires, acontecimentos.

É a força dos estoicos ter feito passar uma linha de separação, não mais entre o sensível e o inteligível, não mais entre a alma e o corpo, e sim lá onde ninguém a havia visto: entre a profundidade física e a superfície metafísica; entre as coisas e os acontecimentos; entre os estados de coisas ou as misturas, as causas, almas e corpos, ações e paixões, qualidades e substâncias, por um lado, e, por outro, os acontecimentos ou os Efeitos incorporais impassíveis, inqualificáveis, infinitos que resultam dessas misturas que se atribuem a esses estados de coisas que se exprimem nas proposições (DELEUZE, 1998, p. 52-52).

O que aparece aqui como acontecimento, com lentes de Deleuze (1998), é o próprio devir texto (carta), a leitura que se faz, as afetações. Assim, as experiências trazidas pelas cartas podem ser revividas na leitura, na releitura e na escrita – e nos transformamos a partir da experiência que nos acontece.

Os acontecimentos, nesta proposta deleuziana, se relacionam com as superfícies, com o que nos toca, ou como o professor Antônio Maurício (ANEXO 2, p.87) contou, o que nos marca. Uma carta recebida por uma ex-aluna deixou sua solidão povoada de uma outra maneira. Aqui nesta dissertação, toma a dimensão do próprio devir texto (carta), a leitura que se faz, as afetações, e assim as experiências trazidas pelas cartas, podem ser revividas na leitura, na releitura e na escrita e nos transformamos a partir da experiência que nos acontece.

Então os acontecimentos são marcas da vida que de alguma maneira interromperam seu movimento. Se um senhor de 80 anos parasse para contar sua vida para alguém, ou para si mesmo, ele provavelmente não conseguiria dizer os 29.200 dias que os levaram até ali: ele descreveria o cheiro da comida de sua infância, o gosto de um certo beijo apaixonado, de um olhar, seguidos de uma mão solidária, que vieram em seu auxílio quando as pernas já não o sustentavam tanto. Esses são os efeitos inqualificáveis, infinitos – e o que resultam dessas misturas nos tornam únicos, e os acontecimentos jamais serão os mesmos. Para pensar a escrita como experiência, procuramos não saber, mas apenas sentir o perfume e esperar um

momento em que talvez possa ver efeitos dos encontros, seguimos a sugestão de Deleuze (1998, p. 8): “achar, encontrar, roubar, ao invés de regular, reconhecer e julgar”.

Trabalhar o conceito de experiência entre pensamento, escrita, correspondência, encontros, permitiu-nos vivenciar este estrangeirismo na própria língua, deslocar o lugar do já conhecido e trazer os saberes (por uma verdade local de sentença e um valor circunstancial de uso); enfim, sermos exploradores. Tal exploração só faz sentido com o outro. E ao me deslocar do lugar-comum que a escrita ocupava, passei a experienciá-la, com o acontecimento de aprender a escrever produzindo subjetividade e vendo as subjetividades que se constituem. Entre as potências da escrita de carvão, a possibilidade de formar e transformar ao colocar o meu rosto perto de um outro, é a que mais me encanta.

Em uma relação outra com a escrita, nesta companhia que afasta da solidão, nestes movimentos que afastam da escuridão, também faço e padeço uma experiência. Um arranjo que se faz com o conceito de experiência (DIAS, 2014; FERRARI, 2013; PELBART, 2013), acontecimento (DELEUZE, 1998) e saberes (PELBART, 2013; LARROSA, 2014). Com esses autores e as correspondências, busco arquitetar o que se desenhará neste capítulo, formular um termo que autorizaria chamar o corpo desta obra de uma dissertação-experiência. Então, começo por cunhar este termo, uma sugestão de nossa banca de qualificação, bem como o que se tornou possível acerca da busca por uma experiência docente que emergiu entre as correspondências.

Em uma entrevista de 1980, Foucault diz que seus livros são para ele *experiências* no sentido pleno da palavra, já que deles ele próprio saiu transformado (FOUCAULT, 1994b). Uma experiência, portanto, poderia ser definida a partir desse crivo: trata-se de uma transformação do sujeito. Um livro concebido como uma experiência é algo que transforma aquele que o escreve e aquilo que ele pensa, antes mesmo de transformar aquilo de que trata (PELBART, 2013, p. 45).

O que Foucault faz, como nos conta Pelbart (2013), é começar a diferir dos conhecimentos estabelecidos, como o da História do Pensamento Filosófico pois, após seu contato com Nietzsche, Blanchot e Bataille, inverte uma relação com a verdade que até aí parecia impor-se. Não que ele abandone materiais históricos como demonstrações, provas, remissão a textos, referências, relações entre ideias e fatos, esquemas de inteligibilidade, tipos de explicação; o que cabe é fazer uma nova relação com o que está em questão, justamente na experiência que cabe fazer a partir deste material (PELBART, 2013, p. 48). Isso é puro

acontecimento nos dizeres de Deleuze (1998), um corpo a corpo que produz uma espécie de vapor incorporal, resultados de ações e de paixões, que não consistem em qualidades, em causas que agem umas sobre as outras, mas efeitos que resultam de todas essas causas juntas, puros acontecimentos incorporais, impassíveis: já não são mais, participam de um extra-ser, que envolve um verbo no infinitivo, o expresso de uma proposição ou atributo de um estado de coisas (p. 52).

E os efeitos que se pôde ver de Foucault após a leitura destes três autores foi que “ele desbanca o sujeito e sua fundação, arranca-o de si, abre-o à própria dissolução. Em suma, a experiência-limite é um empreendimento de dessubjetivação (FOUCAULT, 1994b *apud* PELBART, 2013, p. 46).

Em seu livro “Deslocamentos na formação de professores” (2011), a professora Rosimeri Dias desenvolve o conceito de uma formação inventiva, e trabalha as possibilidades produzidas a partir de uma experiência-limite em que possamos fabricar modos outros de formação professoral.

O risco [...] é o de assumir uma experiência-limite que objetiva terminar com a permanência do homem e da verdade para poder tensionar sua dimensão natural, formada e dada histórica e socialmente. Assumindo-se o risco amplia-se o grau de suportabilidade de uma experiência, e com isto é possível que se dê uma potência anônima, impessoal de uma formação que se comprometa mais com a dissolução de sua naturalização para que se possa deslocar e devir outro. O tempo da suportabilidade designa o tempo da feitura e da fabricação de uma obra de arte, de uma invenção, justamente porque as respostas certas vacilam e a problematização se mantém (DIAS, 2014, p.423).

Dessa forma, esse empreendimento de dissolução do sujeito se volta também para a questão da abertura, como se pode ver com as histórias contadas pelas professoras e professores correspondentes, do risco em que nos colocamos ao abrir mão do que sabemos, de nossas certezas, de como vimos sendo, para nos deslocarmos, nos colocarmos em devir e nos constituirmos novamente, com os acontecimentos, os encontros.

A experiência entrava definitivamente no diálogo com as preocupações centrais de Foucault, ou seja, a constituição de uma objetividade, o governo de si e a construção de uma ética e prática de si. Desta forma, Foucault chega ao seu conceito de experiência: “uma experiência é sempre uma ficção; é algo que se fabrica para si mesmo, que não existe antes e que existirá depois” [...]. Esse era o ponto que me interessava. Como vamos fabricando a nós mesmos, as nossas pesquisas e os sujeitos a partir das construções das experiências. Como esse processo envolve as

narrativas, as memórias, os discursos, as relações de poder, as sexualidades, os sujeitos (FOUCAULT *apud* FERRARI, 2013, p. 18).

Como nos diz o professor Anderson Ferrari, “a experiência é tratar de alcançar certo ponto de vista que esteja o mais próximo possível do não vivível”. Algo que é capaz de arrancar o sujeito de si mesmo, fazendo-o desprender-se de si mesmo, de forma que ele não seja mais o mesmo” (CASTRO *apud* FERRARI, 2013, p. 17). Em que o jogo do cartear nos possibilita se desprender de si?

Nesta busca pela transformação de si, em que possamos ver os agenciamentos que constituíram modos de existência, uma estética de si, artes de si, talvez possamos dizer que esta pesquisa encara o desafio de viver uma experiência.

Todo desafio está em conciliar o fato de que um livro parte de uma experiência pessoal, mas não constitui o relato dessa experiência, já que o livro é em si mesmo uma experiência num sentido mais radical, a saber, uma transformação de si, e não a reprodução da experiência vivida “tal como ela ocorreu” e estaria na origem dessa escrita, nem sua transposição direta (PELBART, 2013, p. 47).

Seria impossível a transposição direta de todas as cartas, a reprodução da experiência das correspondências. O que buscamos aqui: cunhar com esta dissertação-experiência mais que um termo, um caminho, que se fez de encontros, agenciamentos, escritas, reescritas; uma ficção, uma fabricação “que não existe antes e que não existirá depois” (FOUCAULT, 1994b *apud* PELBART, 2013, p. 48); apenas sentimos seu perfume, um corpo.

Com as palavras de professor Kohan, em uma palestra ao responder à pergunta de uma de suas orientandas, ao dizer o papel de um pesquisador, encontramos as possibilidades de se pensar esta pesquisa como uma dissertação-experiência, uma construção que se possa ver como uma experiência-limite.

Queres que seja sincero, que lhe diga a verdade? Estás preparada para ouvi-la? Como ela respondeu afirmativamente, não tive outra alternativa a não ser dizer o que eu pensava: “Para transformar tua vida”. A resposta, impulsiva, quase espontânea, revelou algo que, de fato, sinto profundamente: a impossibilidade de dissociar a universidade de seu fora, a vida do trabalho, o pensamento da existência. Pode soar um pouco pretensioso, mas, se a pesquisa não tem a ver com a vida que vivemos, então decididamente não faço e não quero fazer pesquisa (KOHAN, 2016, p. 49).

Pesquisa e vida e experiência estão próximos do que encontramos na carta da tia Leninha (Anexo 12, p.127):

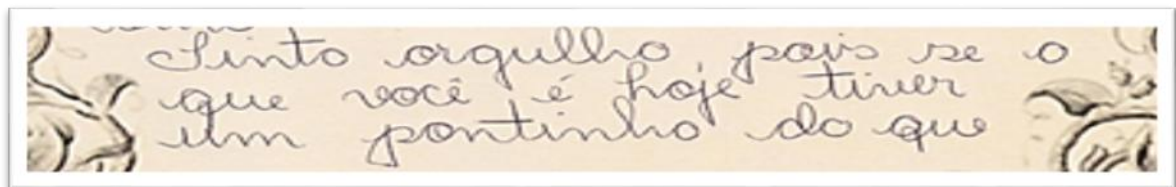
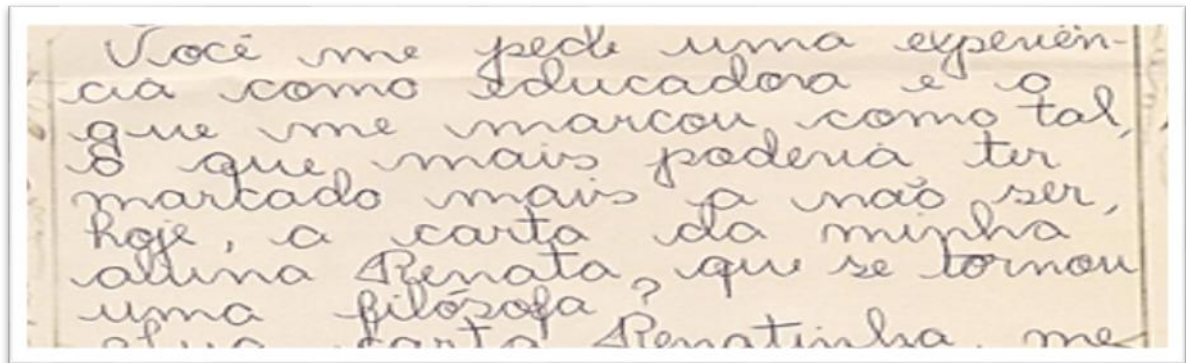


Figura 9: fragmentos I da carta de tia Leninha

No capítulo anterior trouxemos a escrita como movimento do pensamento que nos deixa ver a constituição de si. Neste capítulo recebemos os acontecimentos trazidos pelas cartas das professoras e professores, e nos ocupamos de pensar o conceito de experiência, o que nos transforma, o divisor de águas, como nos diz Sandrelena em sua carta (Anexo 10, p. 116). O que acontece é apertar os olhos para ver nuances, heterogêneos que compõem um corpo. Quero dizer que a experiência pela qual professoras e professores passaram, foram contada por escrito, e a escrita constitui um eixo de análise, uma maneira pela qual elas deram a ver suas experiências. E que também ao lê-las e escrever nestes encontros engendramos um outro movimento de nós mesmos, constituindo-nos, pensando o que antes não estava colocado como verdade de formação.

Da leitura e releitura das cartas, do cartear, a experiência desta dissertação se constituiu. Ao reler a carta de Sandrelena (idem), aquilo que nos marca, que nos faz outros,

precisa de uma abertura, um deixar-se capturar pelo acontecimento para que se perceba a emergência do que está se tornando outro, uma(de)formação, (re)formação, (trans)formação, (poli)formação. Ela conta quatro episódios que chama de divisores de água. O nome, que não é um nome, mas uma palavra que indica um percurso dos acontecimentos que lhe transformaram, deixa ver uma estética de si e nos provoca abertura, experiência-limite. O que encontramos foram capturas, modos de existência, fabricações. Não é só fazer o que Sandra fez ao deparar com as situações contadas, pois são pensamentos, gestos, que ficam em silêncio, mas que me tocaram.

Voltando à carta que enviamos e problematizando-a: o que existe no gesto de ir ao encontro dos que “não sabem” para saber o que é experiência? Talvez seria deslocar os saberes hegemônicos? Talvez os mestres não se foram?

[...] questionar o que todo mundo sabe, o que todo mundo diz, o que todo mundo pensa, o que poderíamos chamar de os automatismos do saber, os automatismos do dizer e os automatismos do pensar. E esse gesto de interrupção, de questionamento, tem mais de desaprendizagem que de aprendizagem. Do que se trata é de desautomatizar nossa percepção das coisas e de nós mesmos. [...] Algo assim como o seguinte: ...todos nós sabemos o que é ler, lemos todos os dias, dedicamo-nos a falar sobre nossas leituras e até mesmo sobre as leituras dos outros, fazemos investigações sobre a leitura, damos cursos sobre leitura e, como nossa arrogância pedagógica, queremos que os demais também leiam, e saibam ler... mas talvez não saibamos o que é ler, talvez ler seja outra coisa que o que sabemos, que o que fazemos, que o que queremostalvez as possibilidades da leitura estão reduzidas por nosso saber ler, nosso poder ler, nosso querer ler...talvez não paramos para pensar... e aqui, parar para pensar significa simplesmente converter em problema tudo o que já sabemos. Não se trata de converter o desconhecido em conhecido, mas que o gesto é, mais bem, converter em desconhecido, em misterioso, em problemático, em obscuro, isso que cremos saber (LARROSA, 2004, p. 313-314, apud DIAS, 2011, p. 23).

É preciso, portanto, parar para pensar, respirar, problematizar. E, com a carta de Rosinha (ANEXO 13, p.133), “aumento a potência” (termo que ela empregou tomando de empréstimo a Espinosa) de meus encontros, a carta dela vibra de tal maneira que é difícil destacar um trecho apenas.

A palavra "encontro" é muito interessante, significativa. Inspirando-me em Deleuze, que por sua vez inspira-se em Espinosa, eu diria que aprendemos quando produzimos "bons encontros", encontros em que somos afetados/os pelo "outro" que nos interpela e que, pelo encontro, produz em nós um aumento de potência. Um encontro não se dá sem um "outro". Esse "outro" mistura-se com aquilo que está constituído em mim, mas que não tem rigidez suficiente para se tornar impenetrável e que é, portanto, passível de mudança. Aprender é, então, mudar. Encon-

tros assim são experiências -
 - "encontroexperiências", em uma palavra só. Nesse sentido, sou também muito grata a você, tanto pela sua disponibilidade e abertura para ser afetada em nossos encontros, quanto pela sua potência em produzir em mim muitas afetações. Assim, podemos dizer, na linguagem contemporânea das redes sociais:
 "#somostodasmestres", "#somostodasaprendizes"
 (rsrsrs).

Figura 10: fragmentos II da carta da Rosinha

Em outro trecho, analisado no capítulo Escrever, ela diz: "as minhas desconfianças, arrisco no palpite de que, em todos esses momentos, o que mais se tornou potente em mim, o que mais provocou mudanças e me constituiu enquanto esta professora que hoje sou, foi a abertura que as atravessou [...]" (ANEXO 13, p.133). E antes de encerrar a missiva, ela novamente se abre, e nos mostra sua constituição de si, citando sua fragilidade. Com a leitura

e a escrita, no encontro com a carta de Rosinha, faço daquilo que ela diz ser uma fragilidade de si, mas que não a potencializa, também minha constituição: “quisera eu ser só potência, só abertura, só afetação”.

“Encontros-experiências” (como disse Rosinha) e dissertação-experiência: pensamos nessas ações circulares que, talvez imperceptíveis, se tornam visíveis em uma escrita. Pensamos: será que Sandra havia se dado conta de que este acontecimento a tornou uma docente singular? Sim, muito provavelmente ela sabe disso. Porém ao escrever e compartilhar seu manuscrito, os contornos são outros. Ela deixa que eu faça uma experiência com a leitura de sua carta e neste acontecimento não faço a experiência dela, mas uma experiência ao viver o que ela propiciou. A constituição dessas singularidades não se faz sozinha. Sua (de)formação, (re)formação, (trans)formação, (poli)formação se sustentam por aprendermos as coisas por si mesmas e por essas coisas estarem em relações com os outras; o que podemos, talvez, fazer é nos tornarmos abertos à experiência.

Cada uma das cartas mostra uma processualidade, como vamos nos constituindo professora ou professor: alguns foram à infância contando sua trajetória até o início da licenciatura, ou contando os acontecimentos na proximidade entre docente e discente, ou ainda contando a constituição docente a partir das afetações com a carta que enviei. Cartas me atravessaram e produziram efeitos, com os quais fui constituindo esta dissertação-experiência. Dentre as afetações, uma marca ficou mais forte, um certo gesto de ser digno do outro.

O amor está no fundo dos corpos, mas também sobre essa superfície incorporal que o faz advir. De modo que, agentes ou pacientes, quando agimos ou sofremos, restamos, sempre, sermos dignos do que nos acontece. É essa, sem dúvida, a moral estoica: não ser inferior ao acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos. A ferida é algo que recebo em meu corpo, em tal lugar, em tal momento, mas há também uma verdade eterna da ferida como acontecimento impassível, incorporal. "Minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la." Amor fati, querer o acontecimento, nunca foi se resignar, menos ainda bancar o palhaço ou o histrião, mas extrair de nossas ações e paixões essa fulguração de superfície, contra-efetuar o acontecimento, acompanhar esse efeito sem corpo, essa parte que vai além da realização, a parte imaculada. Um amor da vida que pode dizer sim à morte (DELEUZE, 1998, p. 53).

É com as palavras de tia Leninha que gostaríamos de dar a ver esses acontecimentos, essas marcas, e esses efeitos das correspondências que buscava pelas experiências formativas. Perguntei: o que nos toca, o que nos afeta que, de tal maneira, nos faz diferentes do que éramos antes?

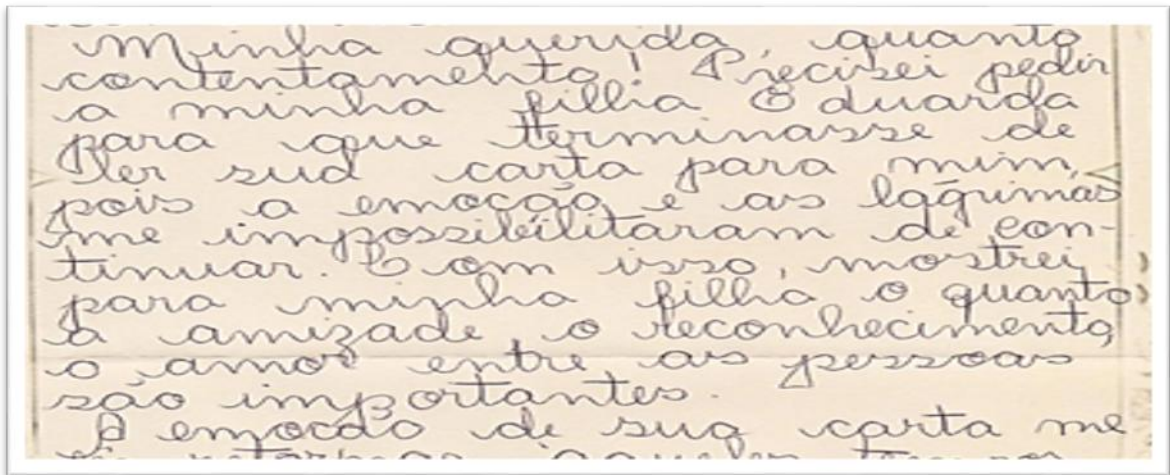


Figura 11: fragmento II da carta da tia Leninha

As lágrimas não foram só dela, já que a emoção ainda toma conta do corpo de escrita desta experiência, todas as vezes em que releio estas palavras. Ela foi minha primeira professora e, para ela, nem escrevi uma carta não enviada. E, ainda sob os efeitos dos encontros-experiências e da dissertação-experiência, mesmo que tardiamente, respondo sua carta tia Leninha, neste gesto de ser digno do outro.

Uma carta que não foi escrita

Querida tia Leninha,

Minha primeira professora!

Meu coração se parte quando penso que ainda não lhe enviei uma resposta. Nem ao menos escrevi uma carta não enviada a você. Todas as cartas, que recebi de minhas antigas professoras e meus antigos professores, foram para mim presentes muito preciosos e a sua traz um valor inestimável do que é estar com o outro, de fazer um bom encontro e de ser digno de um acontecimento.

Há uma dignidade no que você contou neste gesto de uma (um) aluna (o) quando nos reconhece como seus professores ou nós, quando as (os) reconhecemos como alunas (os), ou nesse processo em que nos misturamos e não sabemos quem é a (o) professora (r) e a (o) aluna (o).

E esta palavra: reconhecimento, ganha nova vida neste contexto da pesquisa e de sua carta, um sentido de conhecer novamente. E, nos conhecendo novamente, atualizamos nosso encontro, e somos agora professora-aluna, aluna-professora, Maria Helena-Renata, Renata-Maria Helena, uma função exponencial que nos permite tantas capturas.

Queria que estas palavras pudessem te levar as emoções, o abraço afetuoso, o agradecimento, a alegria, mas como fazer isso tudo caber em um até logo?

Amorosamente,

Renata

Escrever, escrever diários, cartas para outros, para os professores, e escrever esta dissertação foi a maneira de tentar deixar emergir, pela escrita, uma experiência que é única, que não se dissocia e que aqui vai por meio de capítulos e que talvez pela própria escrita ganhe contornos de meditação, de um fluxo de ir e vir, na escrita, nos pensamentos, na vida. Uma experiência por escrito que deixou ver uma experiência-pesquisa e uma transformação que, no fim deste trajeto, mestrado-vida, porque carteamos, se deixa perfumar e se nota a transformação da que dedilha pelos teclados deste computador. Foi então com as núpcias, o entre, que se fez e padeceu, com o outro e com o “si” que morri – uma morte que se fez e se pretende presente, encarno minha ferida e aceito minhas marcas.

CONCLUIR E/ OU CORRESPONDER?

Ver é para nós a mais autêntica possibilidade de adquirir algo. Se aprovesse a Deus que nossas mãos fossem como nossos olhos – tão dispostas no agarrar, tão despreocupadas no soltar todas as coisas –, seríamos verdadeiramente ricos. Não enriquecemos ao deixar que as coisas permaneçam e definham em nossas mãos mas permitindo que tudo passe por seu alcance como pela festiva porta de entrada e retorno ao lar. Nossas mãos não devem ser um esquite, mas uma cama apenas, em que as coisas têm sono e sonhos crepusculares, de cujas profundezas falam seus mais caros segredos. Mas as coisas devem seguir adiante, robustas e fortes, para além das mãos, e não devemos reter nada delas senão a corajosa canção da manhã, que paira e oscila atrás de seus passos pouco a pouco inaudíveis. Pois posse é pobreza e medo: a posse despreocupada é ter possuído algo e dele ter aberto mão! (RILKE, 2007, p. 62-63)

Ter as mãos como cama para que as coisas possam adormecer e ter sono, reter apenas a canção do amanhã, uma citação apropriada para uma pesquisa que se deixou afetar, e que se fez em devir, uma conversa acerca da experiência com diversos professores (antigos, atuais, colegas, família, autores), e que é canto em forma de dissertação-experiência.

Pode ser que não se escute o som, mas ele está lá, o abrir mão. Este gesto sempre foi um exercício difícil e o percurso do mestrado exigiu de mim abandonos. Sair de Juiz de Fora-MG, uma cidade em que a vida profissional e pessoal estava se refazendo de alguma maneira, depois de um divórcio. Viver pelas brechas, entre a necessidade acadêmica e a necessidade de atividades que promovessem os recursos financeiros para continuar pelo Rio de Janeiro. Deixar pelo caminho um autor que me sustentava até o primeiro ano de pesquisa. Deixar por seis meses a pesquisa, para apoiar meu pai em sua doença, fez com que eu convivesse com uma realidade que não conhecia, a zona rural, e depois, ver a vida fugindo do corpo daquele homem que dava um sentido para a minha. “Experiência de máxima intensidade – e de máxima impossibilidade – porque transgressão de toda subjetividade coerente, porque ruína da possibilidade mesma da existência em sua produtividade (de sentidos e de ações)” (FONTES FILHO, 2007, p. 4 *apud* CLARETO; OLIVEIRA, 2010, p. 80). E é nesta hora que muitas coisas vacilam outras se afirmam - como não abrir mão de minha pesquisa, pois está é necessidade. Jamais pensei em parar de respirar aquilo que me sustenta, pois o que me fortalece é estar sendo professora, e a pesquisa me faz uma professora outra.

Além de afirmar a pesquisa, nesta roda viva, a alegria também produziu bons sons e forças para enfrentar os riscos: amigos. Não poderia deixar de dizer a eles obrigada. Quando precisei de recursos para ir ao “3er Congreso Latinoamericano de Filosofía de la Educación”,

entre 29 de junho e 2 de julho de 2016, na Cidade do México. Minhas companheiras e companheiros de turma entregaram-me um envelope, feito de uma folha de caderno com um monte de notas dobradas. Nestas sensações de abismos, os amigos produzem diferença.

E nesse ciclo da vida, entre abandonos e amigos, fotografar o vento, o silêncio, pegar água com a mão, essas e outras expressões emergem para dizer o que esta pesquisa feriu em uma professora, a vida abriu fendas que as palavras tentam capturar. E nessas feridas, a marca da alteridade que se vive e se cuida, o olhar que agarra e solta, que faz tremer, também exige força para ser digna desses encontros.

Se o desejo por uma formação continuada, uma busca acadêmica que reverbera por vontade de vida, se transformou em pesquisa, esta transformou os efeitos da pesquisa em potência de vida. Escrevo esta conclusão junto à escrita do capítulo *Experienciar*, que foi como um “guia” durante esta trajetória, pois tive a oportunidade de pesquisar a experiência constituidora de si, num devir docente. Assim o faço, pois lendo e relendo as cartas, muitas, muitas vezes dei-me conta de sermos dignos do outro, do que nos acontece, de experiências heterogêneas que dão a estética de nossa existência. Essa dimensão de alteridade, essas forças que me atravessaram, movem-me para colocar uma vírgula, ou seria um ponto, ao mesmo tempo que escrevo o *entre* da pesquisa.

Larrosa (2007) questiona um trecho de um artigo publicado no Brasil, intitulado “Carta aos leitores que vão nascer” pois, na visão dele, é uma carta “meio vazia, afinal o que se pode dizer àqueles que vão nascer?”. E, nesse privilégio de dizer algo aos que iniciam, ressalta que falará da experiência como uma forma de falar da vida: “A esses lhes diria quatro coisas da vida: educação (território de que irão participar, que é contraditório, de dores), gana de viver, ganas de despertar a vida, da docência como o lugar de vida (da experiência)”. “Fará então”, de acordo com ele “ressoar a palavra experiência com a palavra vida. E a docência só será experiência se, e somente se, for um lugar da vida”.

Mas o que me marca e ainda me provoca uma verdadeira apoteose é o que ele diz, citando Maria Zambrano em seu texto: “El temblor Del maestro”, o que acontece ao professor nesses instantes prévios, nesses momentos iniciais de uma aula, em que toma a palavra. Quando rompe o silêncio para dizer algo,

ela diz que os jovens estão ali entregando três coisas muito importantes: sua presença, seu silêncio e sua atenção. Diz também da importância de estar à altura desta presença, deste silêncio e desta atenção. Nestes segundos antes de tomar a

palavra o professor treme (*tiembla*), quem não sente este tremor não será nunca maestro⁷” (LARROSA, 2007).

Assisti essa palestra há quatro anos e quando entro em sala de aula e minhas alunas e alunos silenciosos, olham-me ... *tiemblo*. E eu preciso manter-me digna deste encontro, deste tombamento.

Se nossa humanidade se materializa por nossos encontros, pelos nascimentos que proporcionamos e pelos nascimentos que nos acontecem, por que não nos colocarmos, como nos inspira Rancière (2002), em o “Mestre Ignorante”, diante do outro como um mestre que tem uma única certeza – a de que ignora? E diante da certeza de nossa ignorância junto às ignorâncias alheias, por que não nos colocarmos em direção a um lugar que difere? Que tal optarmos por viver este olhar? Viver este risco que é o outro?

Em todas as cartas, essa dimensão da dignidade do outro faz-me morte/vida, desconstrução/reconstrução/construção. Nessa experiência de que padeço e que faço, nessa potência do encontro com o outro, sinto como a mãe que disse para Sueli que esta criou alma nova em seu filho, e a professora aconselha: “ser mestre é isso, é incentivar, é ser amiga, amiga, amiga dos seus alunos [...] despertar em cada um deles a vontade de saber [...] a maravilha de descobrir” (Anexo 8: carta recebida de Sueli, p.104).

Buscar a formação e afirmar constantemente que se encontra uma “pedra” no caminho, ou melhor, algumas, num sentido provocado pelo famoso poema de Carlos Drummond de Andrade, “Tinha uma pedra no meio do caminho”. Poderia dizer também em um sentido deleuziano, ao provocar fendas num guarda-chuva:

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda. [...] Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão. [...] Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restitui assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver” (DELEUZE, 1992, p.261-262 *apud* ARANHA, MARTINS, 2013, p. 10).

⁷ Tradução livre LARROSA, J. **Acerca de la experiencia**. Encuentro Nacional “Formar em Futuro Presente”. Produccion Cinthia Rajschmir. 1h43 min Mar del Plata: 2007 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k7OpdwOwaNY>>. Acesso: 06/09/2015.

A pedra e a fenda, das quais se originou todo este caminho percorrido, e com carinho digo, da constituição de si, foi a “experiência”. Esta palavra que em sua bagagem trazia uma lógica outra de estar no mundo, foi-me apresentada por Larrosa e, nesta pesquisa, ganhou outros sentidos com Deleuze (1998) e Foucault (2010a).

Esta pesquisa, nos deu uma constante alegria de oferecer e receber presentes em forma de carta, um envelope de histórias que importam, como disse Moraes (2016). E entre correspondências e diário de pesquisa,

tomar palavra em sua força de invenção de outros sentidos, é afirmar o protagonismo coletivo e paradoxal dos processos educativos e sua função política de narrar [...], uma política que transgride o domínio do saber, colocando em discussão o rigor asséptico que distingue e separa o fazer e o dizer (DIAS, 2016, p. 121).

Uma escrita que deixou ver as constituições professorais nesta lógica provocada pela experiência, “a subjetivação como dobra da força sobre si mesma” [...]: “ela me arranca de mim, ela me impede de ser o mesmo” (CLARETO; OLIVEIRA, 2010, p.80).

Tudo isso se constituiu como presentes, como um objeto que se oferece ao outro em uma embalagem bonita, como uma carta que nos traz para perto alguém que está longe, mas também, como um acontecimento, uma forma de abertura à atualidade do tempo presente (VILELA, 2006, p. 107). Dizendo de outra maneira: este gesto de corresponder, se torna presente por duas ideias, um jeito de estar com outro, e também por romper com, talvez, uma história de representação na formação de professores, viver as singularidades dos acontecimentos. Como diz a autora portuguesa,

Trata-se, então, de pensar a partir do descontínuo. O que supõe focalizar a atenção nas palavras fragmentárias, no movimento dos corpos, no silêncio que envolve os corpos e as palavras enquanto expressões das energias e desfalecimentos. Na vulnerabilidade da sua afirmação, eles afiguram-se como acontecimento que irrompem no espaço histórico. Esses actos constituem-se como gestos de resistência, ou seja, gestos que expressam a força de um dever e de um sentido que é sempre, enquanto resistência, um dever-minoritário (VILELA, 2006, p. 110).

Os gestos de resistência são como as singularidades que foram endereçadas. Tia Celes, que se educa com os recursos caseiros; tia Cida, que mostra sua atenção dizendo dos

estudantes do início de sua profissão e os estudantes atualmente, que antes precisava de ser mais que professora e agora precisa acompanhar os jovens que têm a tecnologia como companhia escolar; tia Neuza, que rompe com as possibilidades dadas e como gesto de resistência se torna professora; Antônio Maurício, que acolhe uma ex-aluna em sua solidão e se atualiza; Sueli, que rompe com a relação escolar e cria “alma nova” em seu aluno, afetando também uma mãe; Sandrelena, que em quatro episódios conta uma estética docente; Rosinha, que nos mostra a potencialidade dos encontros; e tia Leninha, que se sentiu tocada por reconhecer uma aluna (outra).

Neste parágrafo, destaca-se a tentativa de reavivar os encontros e os acontecimentos trazidos pelas cartas, as quais tornaram visível aquilo que é fluxo, essa outra maneira de viver o tempo “uma outra percepção da experiência do tempo – o acontecimento – e da resistência como gesto que rasga o tecido do tempo tecendo, nessa mesma ruptura, a trama de uma temporalidade frágil e impura, entre a continuidade e a descontinuidade” (VILELA, 2006, p.122).

Ainda na mesma página a autora vai dizer que, nesta procura por um tempo diferente, quer, através dos gestos, das palavras, do silêncio, se fracture o tempo presente e se criem possibilidades de um tempo *a-vir*, “essa possibilidade vincula o acto de criação a uma ética individual: a ética como uma arte de viver” (*idem*). Nesta escrita que dá contornos a uma dissertação-experiência, buscamos – por meio das correspondências, dos encontros – pelos cuidados de si que deram a ver uma forma de existência docente. Por meio dos verbos no infinitivo – *enviar, escrever, experienciar* – desta pesquisa, traçamos alguns contornos para fazer ver e falar encontros entre docentes, suas presenças e seus modos de invenção por si mesmo.

Então, escrever cartas, neste contexto, ganha uma dimensão democrática, já que se possibilita uma circulação de palavras que não têm “donos”, autoridades, imposições, mas povo, liberdade, igualdade, “um ato político na medida em que afirma uma certa participação no sensível que dá forma à comunidade” (RANCIÈRE, *apud*, KOHAN, 2016, p. 53).

E este fluxo democrático/ político não é possível sem amizade:

A amizade não se resume à intimidade ou privacidade. É uma experiência mundana; para os amigos o mundo se torna objeto de preocupação, algo para se pensar, algo que provoca a experimentação e a escrita. Uma filosofia da educação – na medida em que encara o mundo – é possível sem a amizade? (KOHAN, 2016, p. 55).

E ainda o mesmo professor Kohan (2016) diz que a escrita, para si ou para um amigo (talvez também, os professores, suas vozes e escritas), é uma forma de compartilhar o mundo. Partilhando a amizade e as experiências, alegria também se registrou nas primeiras palavras de algumas destas cartas,

Fui tomada por imensa emoção ao receber sua carta e ao lê-la agradei aos céus (Anexo 12: carta recebida da tia Leninha, p.127).

Com imensa alegria recebi sua carta e seu convite (Anexo 8: carta recebida da Sueli, p. 104).

Fiquei muito feliz por receber sua carta, coisa rara em nosso tempo das tecnologias de comunicação e Informação, vou guardá-la com muito carinho e, assim irei sempre lembrar de você. Estamos mesmo precisando de um pouco de beleza, leveza e graciosidade (Anexo 2: carta recebida do Antônio Maurício, p.87).

Que imensa alegria ao receber sua carta! Fiquei muito feliz de ser relembrada por uma criança tão dócil e amada (Anexo 4: carta recebida da tia Celes, p. 91).

Fiquei imensamente feliz ao receber sua carta. Se você me encontrar, por favor, aproxime-se de mim, que posso não reconhecê-la (Anexo 6: carta recebida de tia Cida, p. 99).

E ensaiando este último parágrafo volto às cartas, e trago as últimas palavras de meus professores...

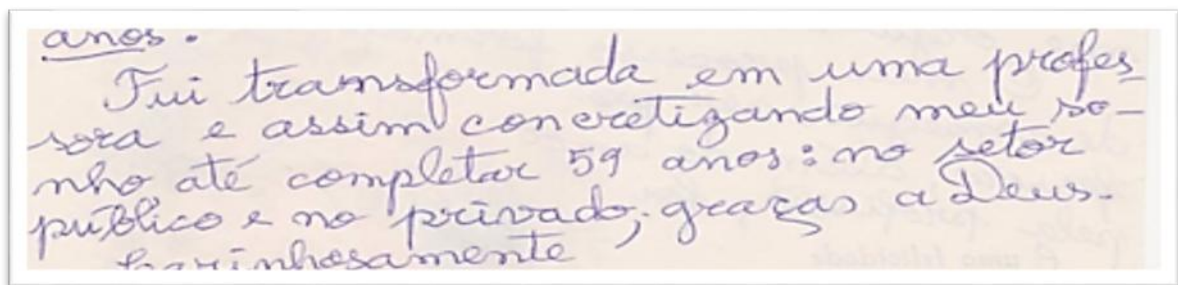


Figura 12: fragmento II da carta de tia Neuza

seja.
 Só um conselho pequenininho.
 Seja sempre uma mestra preparada;
 atualizada; inspire confiança nos
 seus alunos; não plante dúvidas;
 ensine o conteúdo até que ele aprenda;
 nos momentos seja alegre, alegre, alegre,
 fale a linguagem deles, dance, seja
 sempre bonita, sorriso aberto e os

traga dentro do seu coração como
 filhos que você adora.

Figura 13: fragmentos II da carta da Sueli

Além do trabalho cotidiano, habitamos também o mundo poeticamente e, nas trilhas de Fernando Pessoa que diz: "[...] grande é a poesia, a bondade e as danças... Mas o melhor do mundo são as crianças". (poesia- liberdade). Se desistirmos delas, estaremos atestando nossa própria falência profissional.

Figura 14: fragmento II da carta do Antônio Maurício

A maior felicidade é realizar
 a profissão que amamos.

Figura 15: fragmento II da carta da tia Celes

Não esqueça que a Filosofia e a Educação estão sempre de mãos dadas! Com certeza sua contribuição na educação faz a diferença.

Figura 16: fragmento II da carta da tia Cida

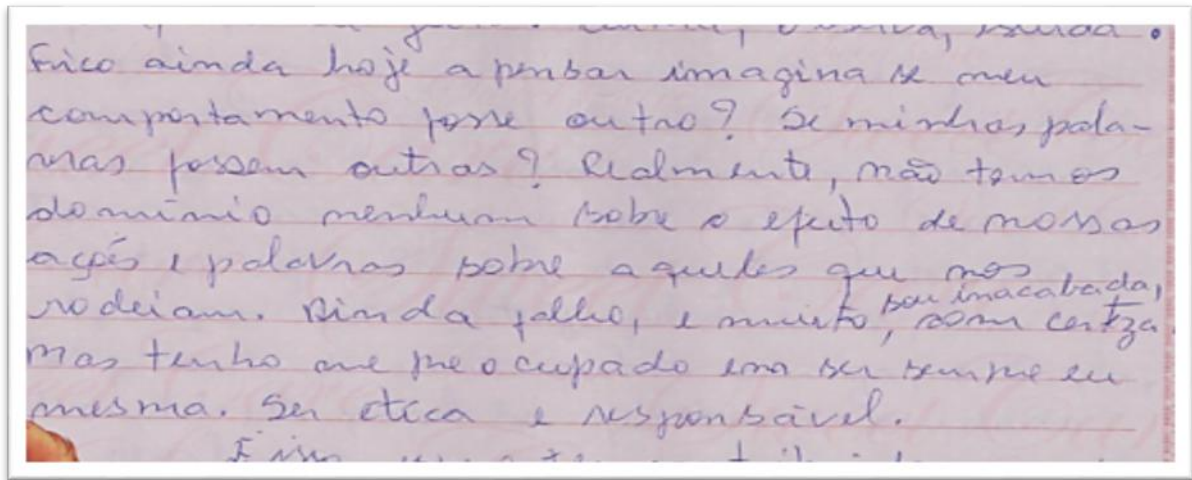


Figura 17: Fragmento II da carta da Sandrelena

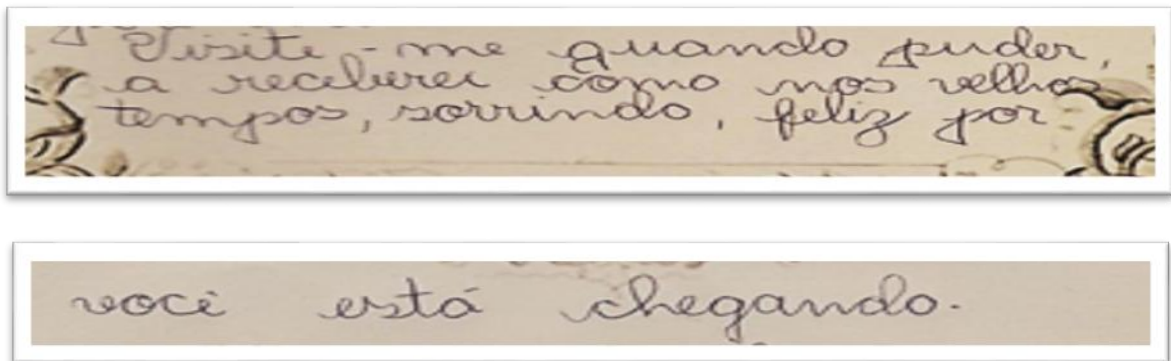


Figura 18: fragmentos III da carta da tia Leninha

E capturo Rosinha em uma pequena frase que me faz dançar e alegra-me com esta
 dissertação-experiência. Em seis páginas de sua carta, que dá a ver seus pensamentos, suas
 leituras, seus encontros, a experiência – neste sentido foucaultiano, o gesto menor de sua
 despedida provoca-me novos deslocamentos:

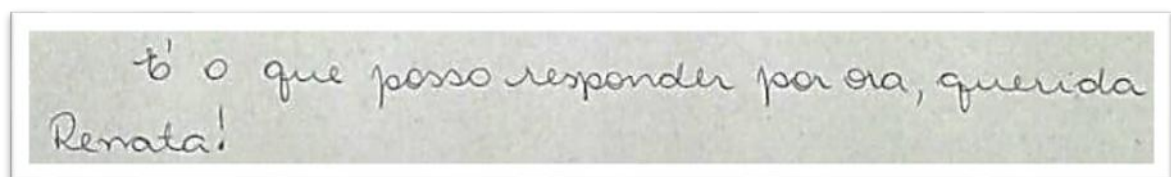


Figura 19: fragmento III da carta da Rosinha

Sim, por ora, provocamos sentidos e movimentos, na aposta de que outros virão. Escolho, então, um ponto para fecharmos estas páginas. E perfumada pelos efeitos desta pesquisa, uma professora outra de filosofia tem optado por transformar suas aulas em encontros, onde se possa dar espaço para pensamentos, escritas, devires que nos constituem coletivamente. Busco pelas afirmações, os *êthos* visíveis e possíveis que possam dar o ritmo de uma vida bela e livre crivada não só pelo conhecimento de uma história da filosofia, mas o que ela nos possibilita de experiências nos encontros.

Hoje os movimentos de escritas e processos formativos, junto com as correspondências dos meus mestres, ajudam-me a dizer que perspectivada por “A escrita de si” (2010a), é possível, enviar, escrever e experienciar modos outros de formar docente, que se fazem/ pensam por entre cartas que endereçam a possibilidade de um trabalho aberto à invenção e à experiência de transformação de si.

E, diante, do olhar que provoca tremores, que faz emergir de mim o ser digno do outro, pergunto: qual a potência que se pode ver em uma resposta?

Obrigada meus mestres por me responderem!

Com carinho,

Renata

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de: Henrique Burigo.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 5 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

BORBA, S., KOHAN, W. (org.) **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I**: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLARETO, S.; OLIVEIRA, M.E. Experiência e dobra teoria-prática: a questão da formação de professores. In: CLARETO, S.; OLIVEIRA, M.E. (org.) **Foucault, Deleuze e Educação**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010. (p. 66-89)

COSTA, Marisa Vorraber (org.) **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de: Peter Pál Pelbart. 7 ed. São Paulo: Ed. 34, 2008.

_____. A vida como obra de arte. In: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veja, 1996. (p.70-81)

_____; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução de: RIBEIRO, E. A. São Paulo: Escuta, 1998. Disponível em: <https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/deleuze-g_-parnet-c-dic3a1logos.pdf> Acesso 20/06/2016

DIAS, R. O. **Deslocamentos na formação de professores**: Aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

_____. **Formação Inventiva de Professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

_____. Formação Inventiva de Professores e Políticas de Cognição. In: **Informática na Educação**: teoria e prática. Porto Alegre, v.12, n.2, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/9313>>. Acesso 29/03/2017

_____. Pesquisa-Intervenção e formação inventiva de professores. In: **Rev. Polis e Psique**, 2015; 5(2): 193 – 209. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/53949/pdf_34%E2%80%8B%20> Acesso 29/03/2017

_____. Vida e Resistência: Formar Professores pode ser produção de subjetividade. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 19, n. 3, p. 415-426, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v19n3/a07v19n3.pdf>>. Acesso 29/03/2017

DIAS, R. O. Fragmentos de diário de campo escrita e devir texto. In: CALLAI, C. C.; RIBETTO, A. (org.) **outra: Uma escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. (p.111-122)

FERRARI, A. (org.) **A Potencialidade do Conceito de Experiência para a Educação** . Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2013.

FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (org.) **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. O cuidado com a verdade. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos VI: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b (p. 289-347).

_____. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos V: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a, (p. 144-162).

_____. A ética do cuidado de si. In: FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos VII: Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c (p. 270).

_____. **Ética, sexualidade, política**. In: MOTTA, M. B.; MONTEIRO, E.; BARBOSA, I. A. D. -2.ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (p. 144-162)

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: <<http://delubio.com.br/biblioteca/wp-content/uploads/2014/03/O-Livro-dos-Abracos-Eduardo-Galeano.pdf>>. Acesso 25/05/2017

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo nos estudos sobre cognição**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KOHAN, W.; GONDRA, J. (org.) **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. Do fascismo ao cuidado de si: Sócrates e a relação com um mestre artista da existência. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. (p.415-426)

_____. Sobre a escrita acadêmica, a política e a amizade. In: CALLAI, C. C.; RIBETTO, A. **outra: Uma escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. (p. 48-56)

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

_____. **Pedagogia Profana danças, piruetas e mascaradas**. 5º Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

_____. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Acerca de la experiencia**. Encuentro Nacional “Formar em Futuro Presente”. Produccion Cinthia Rajschmir. 1h43 min Mar del Plata: 2007 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k7OpdwOwaNY>>. Acesso: 06/09/2015.

LARROSA, J. Desejo de realidade – Experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, S.; KOHAN, W. (org) **Filosofia, aprendizagem, experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MACHADO, L. D. O desafio ético da escrita. Rev. **Psicol. Soc.**, 2004, vol.16, no.1, (p.146-150)

MONTEIRO, S. S. **Experiências temporais constitutivas de ser professora: uma leitura bergsoniana**. Tese de doutoramento, 2014: UFJF.

MORAES, M. Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. Ver. **Polis e Psique**, 2016, vol. 6, nº 1 (p.39-50). Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/61380/pdf_80>. Acesso: 31/05/2017.

PELBART, P. P. Experiência e Sujeito. In: MUCHAIL, S.T.; Fonseca, M. A.; VEIGA-NETO, A. **O mesmo e o outro: 50 anos de História da loucura**. Belo Horizonte: Autêntica Editor, 2013.

RANCIÈRE. J. **O mestre ignorante – cinco lições sobre emancipação intelectual**. Tradução de: Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RIBETTO, A. **políticas poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

_____. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, C. C.; RIBETTO, A. (org) **outra: Uma escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. (p. 58-67)

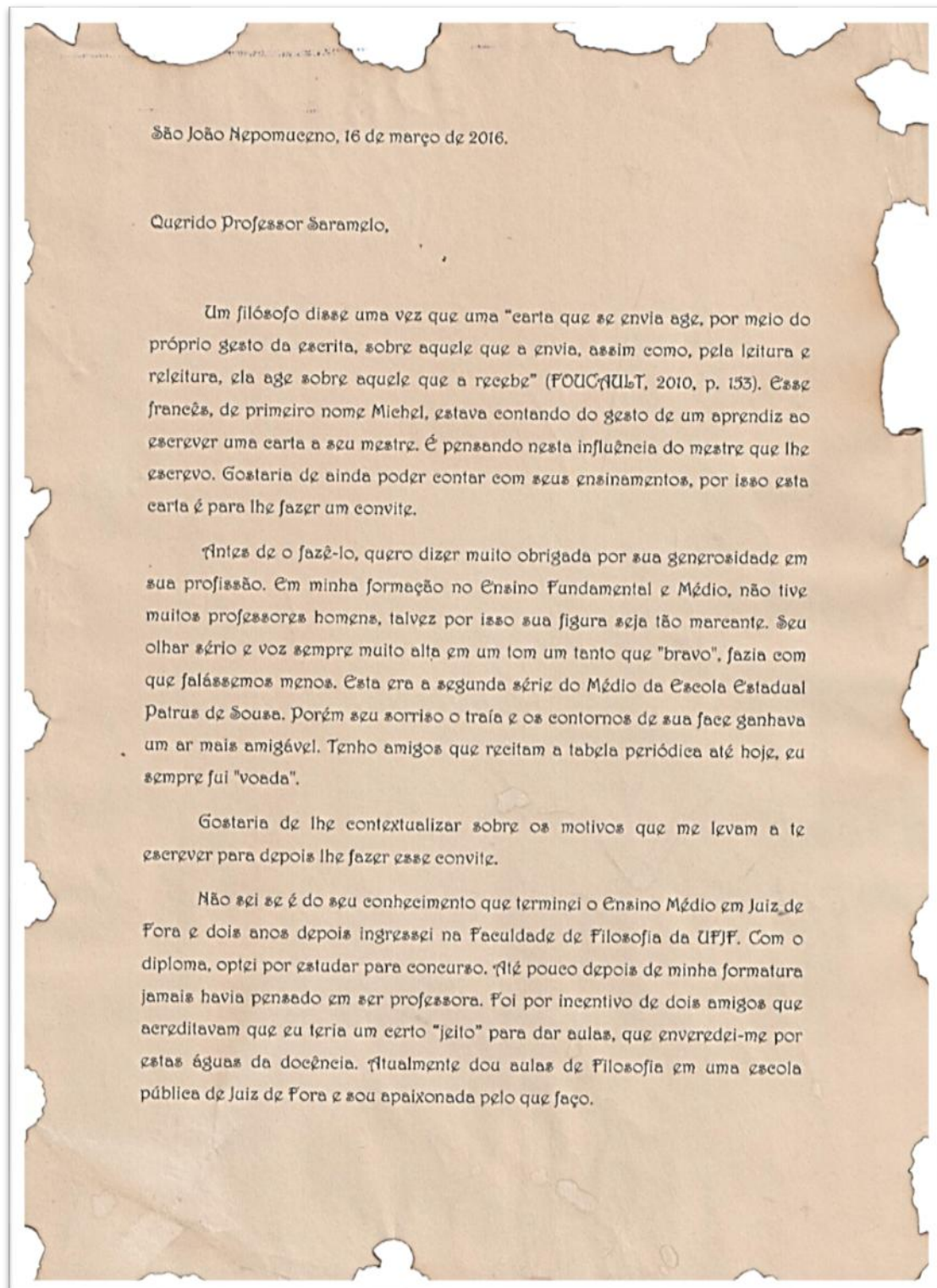
RILKE, R. **Cartas do poeta sobre a vida: a sabedoria de Rilke/** In: BAER, U.; tradução de: Mota Camargo. São Paulo: Martins, 2007.

_____. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução: Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009. Disponível em: <<https://rathziel.files.wordpress.com/2011/11/rainer-maria-rilke-cartas-a-um-jovem-poeta.pdf>>. Acesso em 29/05/2017.

VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA; M.V. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. (p.23-38)

VILELA, E. Resistência e acontecimento. As palavras em centro. In: KOHAN, W.; GONDRA, J. **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (p.107-122)

ANEXOS

Anexo 1: Exemplo de como as cartas foram confeccionadas para serem enviadas

Anexo 3: Carta não enviada a Antônio Maurício

No processo de escrever a resposta aos professores e antes de enviá-las, escrevo à orientação de Rosimeri para que possamos pensar juntas os processos, as implicações que pudemos perceber nas cartas recebidas.

Juiz de Fora, 15 de abril de 2016.

Para Rosi....

Envio a você nesta escrita, tomada pelas palavra do professor Antônio Maurício, um “gracioso” nó. Estou me sentido como os meus alunos quando dizem que não entendem nada de filosofia. Diante da leitura desta carta esse é um sentimento. Coisa de professor de filosofia?

Bem, anotamos na própria carta algumas possíveis produções. Porém como ainda não as alcanço, deixo aqui registrado, o desejo de voltar, depois da escrita para a qualificação, e abrir as pistas que eles nos deixa (conforme você havia me orientado).

Sua escrita nos leva em direção à Sócrates, Proust e poesia, que maravilhosa mistura.

Aqui também há alegria em receber a carta.

Assim segue a pequena/grande carta-resposta. Grande pela sensação das aberturas produzidas por ela.

Um cheiro!

Renata

Resposta será?

Juiz de Fora, 15 de abril de 2016.

Olá Antônio,

Verdade, não é mesmo!? Com tanta tecnologia nos esquecemos da graciosidade, da expectativa e das longas conversas possíveis, como a escrita de uma carta. Tenho meditado a respeito de como essa forma de intervenção, essa implicação, pode ressoar na pesquisa que venho compondo acerca da formação do professor, uma formação encarnada pela experiência.

Sua carta nos ofereceu pistas sobre o que possa ser essa formação quando você traz as marcas, signos ou ainda, como disse, experiências significativas. Como o ato de eu ter me lembrado de você e lhe enviado a carta pedindo para participar deste encontro por escrito.

Sem dúvida, com a sua colocação, fiquei pensando sobre as marcas que os meus professores produziram em mim. E com sua formação, como foi? Quais são as marcas significativas que te constituíram o professor que se apresenta hoje?

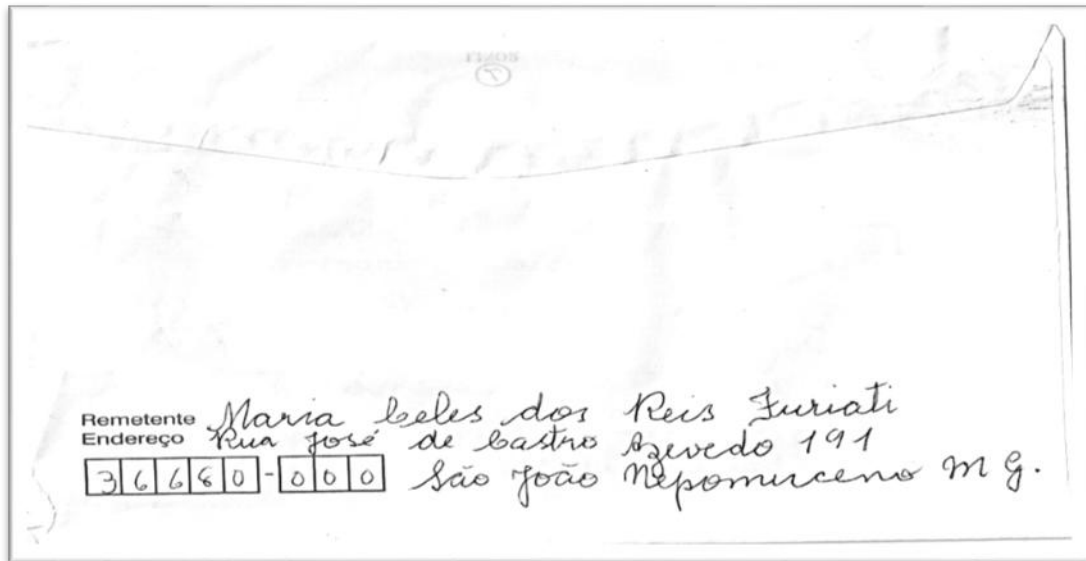
E para abrir nossa próxima conversa, poesia por favor!

Antes de ir, gostei de ter recebido sua ligação e o convite para conversar. Assim que estiver em São João entrarei em contato.

Fraternalmente,

Renata

Anexo 4: carta recebida de Maria Celes



São João Nepomuceno, 22 de março de 2016

Querida Renata

Que imensa alegria ao receber sua carta! Fiquei muito feliz de ser lembrada por uma pessoa tão dócil e amada. Você foi uma criança muito meiga e aprendi muito com você, pois crianças naquela idade é impossível ficarem quietas e de boquinha fechada. Fui muito feliz e tenho muitas saudades.

Agora falando da minha opção para professora foi um dom. Eu fui criada na zona rural e não tinha muito acesso a material escolar. Aos quatro anos eu procurava livro, revista, que as vezes papai ganhava de alguma pessoa, eu pegava o livro e papel de pão ou que tinha embrulhando alguma coisa e me escondia debaixo da cama.

com pedacinhos de carvão e tentava copiar as palavras imitando a letra de imprensa. Mamãe chamava, chamada e eu ficava quieta. Certo dia ela conseguiu me encontrar e ficou espantada com essa minha atitude. Então ela começou a me ensinar o alfabeto, depois as sílabas e depois pequenas palavras. Aos sete anos eu fui para uma escola rural e logo depois mudamos aqui para São João. Eu sempre gostei muito de animais, meus pais queriam que eu estudasse para veterinária e sempre eu dizia que queria ser professora. Segui meus estudos para professora. E amei muito a minha profissão.

A maior felicidade é realizar a profissão que amamos.

Não repare as letras e nem os erros.

Um abraço carinhoso

Lia Leles

Anexo 5: Carta não enviada à Maria Celes

Prezada Rosi,

Da mesma maneira que fiz com a carta de Sueli, desejo fazer com a carta da professora Celes.

Esta é aquela graciosa professora, alfabetizadora, que conta como foi alfabetizada.

Existem detalhes na carta dela que não cabem em uma resposta, mas gostaria de deixar registrado como possível campo de análise, ou caberia em uma futura correspondência.

Eis que ela também inicia a carta dizendo que ficou alegre com a carta enviada por mim e que ficou feliz de ser lembrada. O intuito de deixar registrado esta alegria é por conta de nossa conversa na última orientação, você destaca este mesmo início em algumas cartas.

Já, quando ela diz acerca da felicidade de ser lembrada, pensei em algo que li, não me lembro onde, que dizia que a profissão de professor é passageira. Que nós somos um dos profissionais que acolhemos os que chegam e logo deixamos ir. Isso me remeteu a algumas conversas que andei tendo com alguns professores.

Um tempo atrás, ao visitar o departamento de Filosofia da UFJF, local de minha formação superior, fiquei espantada ao dizer para um dos meus ex professores que estava pensando em fazer outra faculdade. Era naquele momento um pensamento sem compromissos que deixei escapar. Porém, para ele foi como que uma decisão, pois já fora logo contando para outros professores do departamento.

No mesmo departamento, existem outros dois professores que costumava conversar quando alguma burocracia me levava até lá. E ambos também me enchiam de perguntas querendo saber da minha vida. Achava isso um pouco estranho, sentia-me invadida por tantas perguntas, porém as respondia, mesmo que desconfiada.

Estas duas situações no Departamento de Filosofia ocupou minhas reflexões durante algum tempo, sem entender nada delas. Até que com o passar do tempo, quando me tornei professora, comecei a fazer as mesmas perguntas aos meus ex alunos.

Além dessa, digamos, curiosidade, pela vida daqueles que passaram por nós, mas nos deixaram alguma coisa, há uma outra situação que me parece similar a esta das perguntas sobre a vida dos alunos: a de ser lembrada, como disse Celes. Será que ambas situações podem ser um desejo de ser reconhecido, ou de deixar uma marca por este mundo?

Um outra colocação feita na carta dela que me toca. Sinto algo de gentil ou um certo gesto heróico quando ela nos conta sobre a escassez de material escolar em sua casa e como ela driblou tal situação: aproveitava das revistas que seu pai ganhava, papel de embrulho, pedacinhos de carvão para treinar a escrita escondida debaixo da cama. Gostei de chamar este gesto de heróico porque parece-me que devolve um sentido mais próximo dos nossos gestos de esforço sob nos mesmos, como você disse utilizando Mia Couto "apenas a vida nos defende do viver".

Uma outra questão, quando enviei a carta para ela o convite feito foi para nos contar sobre os acontecimentos, "adoraria receber sua carta contando um desses acontecimentos que te tocou e que lhe ajudou em sua formação enquanto professora". E em sua resposta, nos conta como foi sua alfabetização, sua formação inicial, seu primeiro contato com as letras, com a escrita. Esconder debaixo da cama para não ser encontrada, por que esconder? Qual o perigo que ela corria? Que tipo de perigo este novo conhecimento trazia? E a mãe aparece também nesta carta como que a auxiliar novamente os primeiros passos.

Rosi, fiquei pensando: o que ser professora ressoa para Celes? Retomo o início da carta dela em que conta que ser professora foi para ela um dom. Ela fecha o primeiro parágrafo de sua carta dizendo "fui muito feliz e tenho muitas saudades".

Termina a missiva nos dizendo que ser professora era o que ela queria desde muito nova, mesmo com os apelos de seus pais para que ela, amante dos animais, pudesse exercer a profissão de veterinária. Diz também antes de encerrar, "amei muito minha profissão. A maior felicidade é realizar a profissão que amamos". Pensei no amor como constituição do professor. Será que, porque ela amou se sentiu realizada?

Agora, um outro detalhe sobre a carta. Ela encerra a carta pedindo para que não reparasse na letra e nem os erros. Algo acontece ai! Tradicionalmente um professor é aquele que busca o acerto e rechaça os erros.

Encerro aqui esta primeira reflexão sobre a carta da professora Maria Celes. Sigo com a escrita de uma resposta para ela. Uma resposta que não responde, que apenas convida a conversar.

Por fim, agradeço pela escuta, paciência, companheirismo.

Renata

P.S.: após parar para respirar, tomar um cafezinho... lembrei-me que tanto Celes, quanto Sueli, se despedem na carta com “tia”. E algumas professoras, talvez as minhas primeiras professoras, refiro-me a elas como “tia” também. Acho que existe um livro que diz “professora sim, tia não”. Fiquei pensando é tão gostoso me referir a elas como “tia”. Em toda minha vida escolar eu soube que elas não eram a irmã de meus pais. Também, que a educação proporcionada por elas era diferente da educação realizada por minha família. Acho doce poder chamá-las de “tia”, penso que tem haver com o que a Celes falou do amor. Só para pensar....

P.S.II: escrevi esta carta no dia 12, porém como lhe disse, deixei-a por alguns momentos. Hoje quando a retomo (dia 14) já não faz sentido. Por isso escrevo a carta II, sem muita análise, deixando fluir a escrita.

A carta

Juiz de Fora, 11 de abril de 2016

Querida tia Celes,

Ah... que alegria receber sua carta! Diria que foi como uma criança quando recebe um presente muito esperado.

Que emoção ler cada palavra.

Tia Celes, gostaria de lhe pedir duas coisas. Estas duas coisas que pedirei estão relacionadas com o que você escreveu em sua carta e me fizeram pensar sobre meus estudos

sobre a constituição do professor e da professora, ou seja, de como nos formamos professores. A palavra que utilizo para dizer dessa formação e dessa constituição é experiência.

Você me disse que foi muito feliz em sua profissão, que amou muito ter sido professora e disse ainda “a maior felicidade é realizar a profissão que amamos”. Fiquei grata por ter sido aluna de uma professora que amava o que estava fazendo e pensei nos alunos e alunas que não tiveram a mesma sorte. Professora como é, ou foi, “amar” ser professora?

E o segundo pedido, conta me mais sobre sua formação. Fiquei imaginando uma garotinha de 4 anos, olhinhos puxados e cabelo preto, ansiosa por aprender as primeiras palavras. Lembrei-me também de quando aprendi a juntar as letras e produzir os primeiros sons que se transformavam em palavras, ual....isso era mágico! Pude começar a ler o mundo.

Que possamos continuar esta fértil conversa que me diz tanto da vida e das aprendizagens.

Carta II

Juiz de Fora, 14 de abril de 2016.

Querida tia Celes,

Que alegria nosso reencontro!

Surpresa para mim que tenha si lembrando desta que você pode ensinar a juntar as letrinha e a descortinar um novo mundo pela frente.

Puxa .. Tia Celes, quanta coisa você disse para me fazer pensar esta pesquisa.

Que delicadeza sua carta e quanta gentileza de poder ter compartilhado comigo e com esta pesquisa alguns acontecimentos de sua formação. Fiquei imaginando uma garotinha de 4 anos, olhinhos puxados e cabelos preto, ansiosa por aprender as primeiras palavras. Lembrei-me também de quando aprendi a juntar as letras e produzir os primeiros sons que se transformavam em palavras, ual....isso era mágico! Pude começar a ler o mundo.

Uma outra coisa linda que disse sobre seu processo formativo, ou seja, sobre sua experiência ao se constituir professora, foi de sua convicção pela profissão que desejava. Mesmo diante do apelo de seus pais você com tranquilidade sabia o caminho que queria trilhar. Disse que ser professora é ter um “dom”, o que isso significa professora?

Também sobre ser professora, conta com ternura que amou muito essa profissão e que “a maior felicidade é realizar a profissão que amamos”.

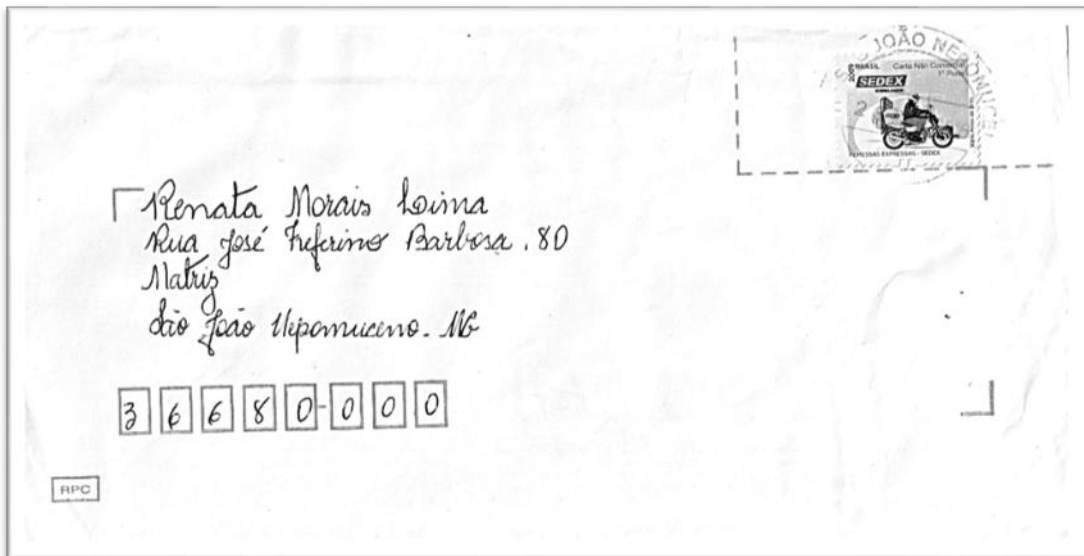
Minha querida como ainda uma aluna e professora que me tornei, conta-me mais a esse respeito. Quero um dia poder, como você, contar para alguém o que é ser professora, com a mesma felicidade.

Fico por aqui desejosa por mais conversas.

Fraternalmente,

Renata

Anexo 6: Carta recebida de tia Cida



Querida Renata,

Fiquei imensamente feliz ao receber sua carta. Se você me encontrar, por favor, aproxime-se de mim, que posso não reconhecê-la.

Eu comecei trabalhando numa escola rural, onde era professora, amiga, conselheira, médica etc. Este ano completo 40 anos no exercício desta profissão.

Gosto muito do que faço, por isso nem penso em uma aposentadoria tão cedo, apesar de todos os obstáculos, falta de conhecimento e, principalmente, a falta de respeito que existe neste país, com "a profissão que forma todas as outras". Estou zerando o cronômetro, partindo do zero novamente, para mais 40 anos ...

Hoje é muito diferente da época que comecei. Nos anos 70 a escola era uma instituição voltada para a formação intelectual do aluno, desenvolvendo algumas competências básicas para a vida social e algumas habilidades necessárias para o exercício de diversas profissões, isso me encantava. Hoje na era da informática, com tecnologia avançada, os alunos não mostram interesse para o básico. As famílias não conseguem educar suas crianças, passou a responsabilidade para a escola, que está cumprindo aquilo que a família se tornou incapaz.

A sociedade hoje está exigindo à instituição escola, mudanças estruturais mexendo nos seus próprios alicerces, são mudanças radicais. Para quem está começando é mais fácil uma adaptação, mas para mim velha professora, a consciência de minha experiência é moldar a mentalidade dos jovens . (Pelo menos tentar).

Tenho muito o que fazer e muito que aprender, pois a vida é um eterno aprendizado.

Não esqueça que a Filosofia e a Educação estão sempre de mãos dadas! Com certeza sua contribuição na educação faz a diferença.

Desejo muito sucesso para você. Que Deus te abençoe e a faça feliz e realizada.

Um grande abraço e um beijo carinhoso.



Anexo 7: Carta não enviada à Cida

Juiz de Fora, 15 de abril de 2016.

Oi Rosi,

Acho que uma máquina produtora se apoderou de mim, então vamos à próxima carta e os efeitos que ela produziu, produz em mim.

Cida começa a carta dizendo “fiquei imensamente feliz ao receber a carta”. Nossa...fiquei pensando que pela “imensidão” a felicidade se fez de uma forma diferente. Chamou a atenção, o que acontece aí? Será que tem alguma relação com a “alegria” das outras cartas?

“Se você me encontrar, por favor, aproxime-se de mim, que posso não reconhecê-la”. Hum....que vontade me deu de bater à sua porta e dizer “oi tô aqui, sou eu!”. Essa passagem da carta de Tia Cida, lembrou-me de um livro do Skliar que não li, “..... é como ver”. Não sei dizer o porquê de me remeter a este livro que desconheço, talvez o desejo de lê-lo.

Voltando à carta, conhecer, reconhecer, desconhecer que pista nos traz? Talvez as marcas do tempo estampada na aparência corporal e por isso a desconfiança em não reconhecer o conhecido? Quem sabe o desejo de conhecer aquilo que um dia eu conheci?

Acho que foi em seu livro (não me recordo) dizendo dos diversos papéis que podemos ou que exercemos, que me remete a escrita de Cida “comecei trabalhando numa escola rural, onde era professora, amiga, conselheira, médica, etc”. Como somos múltiplos! E como foi necessário no contexto em que começou seu trabalho desempenhar esses diversos papéis.

Emenda, no mesmo parágrafo em que diz de como foi seu início na profissão, o tempo decorrido “este ano completo 40 anos no exercício da profissão”. A marca cronológica em sua escrita é forte. Mais à frente diz “estou zerando o cronômetro, partindo do zero novamente, para mais 40 anos ...” e termina o parágrafo com estas reticências. No próximo parágrafo vai dizer da diferença de hoje para os anos 70, quando iniciou a carreira.

Ainda neste viés temporal, logo depois, em um outro parágrafo, vai dizer que a sociedade exige mudanças, que estas são mais fáceis para quem começa, pois consegue se

adaptar, porém para ela que está velha “minha experiência é moldar a mentalidade dos jovens”, e ainda “(pelo menos tentar)”. Ô Rosi, agora que li sobre uma formação aberta de adultos ... tô pressentindo mais trabalho. Como produzir um encontro com ela, sendo que ela percebe que sua experiência é em “moldar”? Se pensarmos a educação como modelos, ela já se enquadrou. E agora.... como provocar as marcas da experiência (se assim posso chamar, estou completamente afetada pela carta do Antônio) nos acontecimentos que lhe ajudaram a se constituir como professora?

Ela começa a finalizar sua carta “tenho muito o que fazer e muito que aprender, pois a vida é um eterno aprendizado”. O “eterno” também como mais uma marca da temporalidade de sua escrita e também a cognição.

Acredita também que a tecnologia é uma das responsáveis pelo aluno não querer o “básico”, que pelo contexto se refere ao desenvolvimento intelectual.

Encerra a carta trazendo uma imagem da Filosofia e a Educação de mãos dadas e dizendo que esta pesquisa pode contribuir com alguma diferença na educação. Gostei desta diferença. Como também estou afetada por ter me DESLOCADO, pensei na diferença desta pesquisa como contribuição à sociedade. Trazendo a diferença como algo que nos força a pensar (seria por aí?).

Ah.... e traz “Deus” para me abençoar e fazer feliz ! Ômmmm como isso é fofo, meigo e bem mineiro. Peço bença aos meus familiares, não por imposição familiar, mas por tradição. Acho um gesto de humildade e de reconhecimento àqueles que cuidaram de nos receber neste mundo.

Enfim Rosi, não consegui responder. Espero por novos ares através de suas palavras.

Um beijo e um queijo :*

Renata

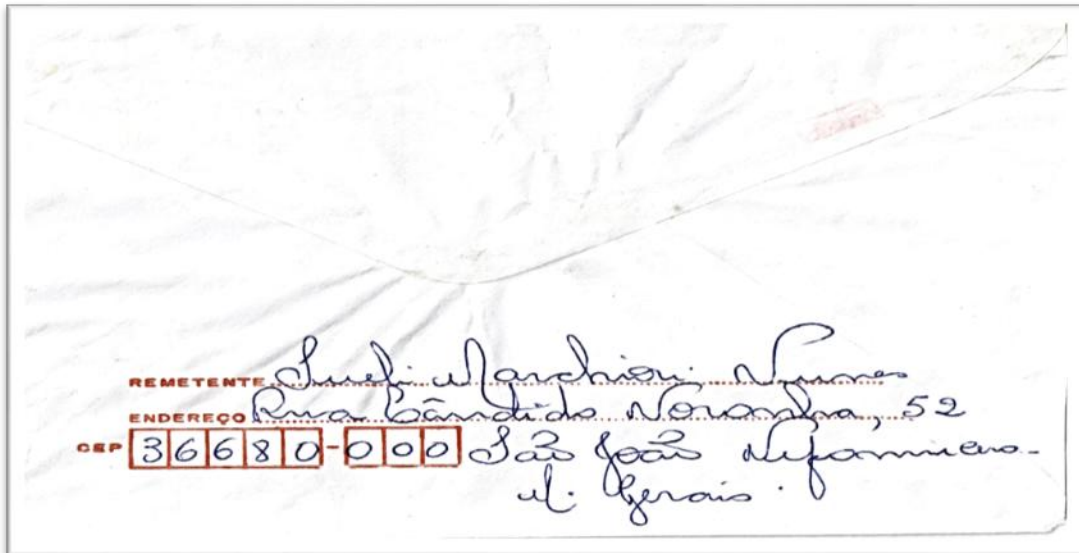
Carta

Juiz de Fora, 15 de abril de 2016.

Querida Cida,

Felicidade se fez em mim com sua carta. Obrigada por aceitar a conversar comigo sobre sua formação. Quem sabe poderemos juntas produzir sentidos que façam sentido para outros?

Anexo 8: Carta recebida de Sueli



São José Nepomuceno 24 de março de 2016

Querida Renata

Com imensa alegria recebi sua carta e seu comite.

Jamais deixaria de atendê-la. Sua delicadeza e atenção, são marcas visíveis da sua personalidade. Testemunhei uma parte importante da sua história e sei o quanto foi dedicada como aluna e amiga. Ainda, meiga, inteligente, simples e determinada.

Fiquei muito feliz quando você se formou em Filofofia mas acredito muito mais ao saber da sua pós pela qualificação profissional de "Formação de Professores" da UFRJ.

É muito mágica essa profissão! Tem a oportunidade de sermos mães, amigos, psicólogos, conselheiros, políticos, etc.

Com a sua formação, capacitação e vontade, certamente será sempre uma excelente mestra. Além do conteúdo, será ainda com muita sutileza aquela mestra que conhecerá, profundamente a essência de cada aluno, de suas dificuldades, dificuldades e realidades.

Minha querida, muitas histórias foram se acumulando nesses maravilhosos anos de profissão. Algumas merecem destaques:

1º) Certo dia uma mãe me procurou dizendo

da imensa preocupação do filho não mais querer frequentar a escola porque se dizia incapaz de aprender uma determinada matéria. Não era uma matéria que eu também dominava. Pedi que o levasse (era um adols. ante) até minha casa. Muito constrangido mesmo sendo meu aluno de Ciências ele aceitou. Relatou muito até conseguir compreender que ele não sabia estudar!

Rezamos o material didático, fizemos realmente o que era importante dentro do conteúdo, o ensinei a fazer uma síntese minuciosa da parte da matéria que mais o entediava. Isso sem que eu explicasse a matéria para ele. O levei a descobrir que ele poderia de maneira rápida (sem decorar) ^{relembrar} a importância daquela informação.

Isso aconteceu em um dia somente e a todo momento eu dizia, você pode!, você é capaz, você não vai desistir!
Conclusão: estudar, fazer prova, conseguir um bom resultado.

Os anos se passaram não mais o vi na nossa cidade. Em 2016 uma senhora parou comigo e disse:
Leli lembra de mim?

- Sim, respondi.

- Eu sou a mãe do fulano. Rezo para
você todos os dias. Você criou alma
nova no meu filho. Ele queria parar
de estudar, com seu incentivo ele to-
mou gosto pela matéria se formou,
fez faculdade e hoje é um profissio-
nal competente e realizado.

Ele abraçou e eu me emocionei.

Renata, ser mestre é isso. É inequívoco, é ser amiga, amiga, amiga dos
seus alunos. Compreender suas dificulda-
des e limitações e despertar em cada
um deles a vontade de saber, a impor-
tância de saber, a maravilha que
é descobrir coisas, fatos, informa-
ções! São muitas histórias (lindas),
mas todas com a mesma caractéristi-
ca, com o mesmo tom. O aluno des-
timulado, sem apoio e que precisa
além do mestre do amigo que
o conduz. Tui muito feliz na mi-
nha profissão, assim como você o
seja.

É um conselho pequenininho.
Seja sempre uma mestra preparada;
atualizada; inspire confiança nos
seus alunos; não plante dúvidas;
ensine o conteúdo até que ele aprenda;
nos momentos seja alegre, alegre, alegre,
fale a linguagem deles, dance, seja
sempre bonita, sorriso aberto e os

traga dentro do seu coração como
filhos que você adota.

Dificuldades? Você reparou que
eu não me lembro delas. Pois é
como eu digo sempre, essa profis-
são é mágica, nos faz feliz,
Um abraço, muito obrigada
pel seu carinho, e seja feliz,
fomito feliz comparado mais essa
etapa linda da sua história.
Obrigada por tudo!!!

Com carinho

Tia Lueli

Anexo 9: Carta não enviada à Sueli

À minha orientadora Rosimeri,

Comecei a escrever a primeira carta-resposta de Sueli. Confesso que diante daquela letra linda, bateu a ansiedade em começar a escrever logo. Por isso não a reli em sua integralidade antes de começar uma resposta.

O que segue abaixo, foi a leitura de um trecho e a escrita correspondente ao que este trecho me suscitou. Foi assim até Sueli começar a contar o acontecimento que lhe marcou. A partir deste momento da carta minhas impressões mudaram.

Penso a carta de Sueli em dois momentos. O primeiro momento em que ela conta como conhece ou reconhece “a Renata”, também conta para “ela” como é ser professora. E no segundo momento é um mergulho no ser professor, me senti totalmente afetada pelo relato de Sueli, ao ponto de me emocionar.

Pensando na pesquisa preocupo-me em destrinchar a carta da Sueli. Cada palavra, contexto, episódio que possa abrir a pesquisa. Porém quando penso que estabeleço um laço com ela, através das cartas, desejo que estas não tenham um caráter inquisidor, como se minha interlocutora tivesse a resposta ou solução para alguma questão. Como gostaria que a carta mantivesse o tom de uma conversa pensei em um outro jeito de escrever.

Tento com essa breve explicação, justificar o que chamo de carta I e carta II que seguem abaixo. A carta I escolho cada trecho da carta que podem colaborar futuramente com a pesquisa ou para outras cartas com Sueli. Já a carta II, é a carta que me preocupei em estabelecer um tom mais delicado de modo que continue a incentivar a professora a se corresponder comigo, sem perder o olhar da pesquisa. Mas é nessa carta II que me pareceu ser o tom de nossa pesquisa, os afetos, as afecções, enfim a experiência. Ou seja, enviarei para Sueli em resposta a sua carta, o que estou chamando de carta II.

Por fim, o que segue aqui para você Rosi, não é apenas uma resposta à carta de Sueli. São três dias lendo a carta dela, chorando, pensando muito. São reflexões que me fizeram buscar novamente sobre experiência em livros recomendados, mas esquecidos, que agora fizeram diferença na leitura e confecção deste texto para você.

“Deslocamentos” e “O conceito de experiência para a educação” do professor Anderson Ferrari.

Abraços,

Renata

Carta I

Niterói, 09 de abril de 2016.

Querida Sueli,

É com imensa gratidão que lhe escrevo. Obrigada por sua carta!

Que lindo ver sua letra, saborear cada uma de suas palavras, sentir cada acontecimento que te fazem um ser único. Grata pelos momentos que se dedicou em escrever de modo que nos ajude a pensar uma formação do professor que passe pela experiência.

Como lhe disse na carta anterior a experiência formativa do professor passa por acontecimentos que nos fazem outros, nos transformam e por isso nos formam.

Muitas situações em sua carta me fizeram pensar esta experiência formativa.

Você começa citando uma característica minha, uma ex aluna, que para a pesquisa que estamos desenvolvendo é muito preciosa: a atenção. Você diz “sua delicadeza e atenção são marcas visíveis de sua personalidade”. Fiquei pensando muito a esse respeito como a atenção pode ter colaborado com minha formação? E pareceu que você identifica isso com muita clareza dizendo que faz parte de minha personalidade. Quero dizer, que essa atenção faz toda diferença em minha formação, ela se torna parte da minha personalidade, ou, poderia dizer também, que a atenção constitui meu ser. Seria isso mesmo o que você pensa sobre sua ex aluna, sobre mim?

Outra marca que deixa em sua carta, que foi de tamanha importância para pensarmos nas experiências transformadoras: a história das pessoas. Você disse que por acompanhar, “testemunhei uma parte importante de sua história e sei o quanto foi dedicada como aluna e amiga”.

Ô Sueli.... conta mais!!!! Como estar junto com nossos alunos, acompanhar seus processos, pode nos auxiliar como professores? Como entender a constituição de cada um, ou seja, como cada um se forma, se constrói, pode nos fazer professores melhores?

Quando você diz também que existem “muitas histórias que foram se acumulando nesses maravilhosos anos de profissão”, fiquei pensando: será que o que ela chama de história são os registros dos acontecimentos que ajudou você a se formar como professora? Será que essas histórias ou, eu diria, essas experiências te transformaram?

Ah....desculpe se estou ansiosa e por isso lhe farei muitas perguntas! Fico um pouco desconfortável e envergonhada, pois não gostaria que estas perguntas fossem maçantes e te desanimassem em estabelecer esta conversa por escrito.

Mas sua carta me motivou a querer saber mais, a pesquisar mais a respeito da formação dos professores, por isso vou te perguntar mais. E perdoe e compreenda este ser curioso e ansioso por novas aprendizagens.

Você disse tantas coisas interessantes que me despertam para tantas possibilidades formativas, para descobrir mais sobre estes processos que vão nos constituindo, construindo. Por isso sou grata por escolher pensar comigo estes detalhes que as vezes deixamos escapar e fazem diferença no ambiente de formação.

Então continuemos com o deleite de suas palavras!

A magia de ser professor porque podemos desempenhar vários papéis como o de psicólogo, conselheiros, políticos, sermos mães e amigos. Pareceu-me que o mestre excelente, como você diz, é aquele que se preocupa com sua formação, capacitação e aliado ao conteúdo, poderá perceber a essência de cada um de nossos alunos, de suas diferenças, dificuldades e realidades.

Não sei ainda o que há nestas palavras, mas algo ressoa em mim. Você diz sobre uma mestra que pode conhecer “profundamente a essência de cada aluno, de suas diferenças, dificuldade e realidades”. Gostaria de refletir mais sobre isso com você.

Até aqui, cuidei de confeccionar uma resposta na mesma ordem em que Sueli foi desenvolvendo sua carta. A não ser pelo trecho em que ela começa a contar sobre as muitas histórias que foi acumulando nos maravilhosos anos de profissão. Quando ela tratou de contar sobre essas histórias, coloquei os termos juntos, em um mesmo um parágrafo, alterando assim um pouco dessa ordem que vinha desenvolvendo. Acredito que quando ela se refere às

histórias que acumulou em sua profissão, bem como ela conta da história que acompanhou da aluna “Renata”, está falando das experiências formativas.

Terminei de escrever a carta II e agora volto a registrar seguindo a ordem da carta enviada por Sueli. Registro então, neste trecho que faz parte da carta I, elementos que parecem importantes para a pesquisa.

Quando ela explica como faz para “ensinar” ao adolescente que a procura, deixa claro que não lhe explica o conteúdo, mas como estudar. Mais uma vez me remete ao “mestre ignorante” pois a questão deste livro está na tradução, emancipação. Fico tão feliz de perceber que intuitivamente Sueli já fazia isso. Também há algo de comum entre o acontecimento narrado por Sueli e a emancipação trazida pelo livro de Rancière, ambas se relacionam com esta questão da igualdade do não saber, e como isto se torna potência. Tanto professor, quanto aluno estão em um mesmo grau em direção ao desconhecido; ou melhor, em direção a um conhecimento.

E ela me dá um conselho. Nisto me lembra a Conferência de Larrosa em Mar Del Plata, em que ele conta de uma família, o que eles podem ensinar a um filho que vai partir. Este relato de Larrosa se relaciona com o bildungsroman, com nossa cultura de estar sempre a ensinar, mas que na verdade, se percebe que o máximo que podemos fazer é oferecer alguns conselhos sobre a vida, afinal o que podemos ensinar diante da grandeza dos “ensinamentos” da vida?

Então Sueli oferece um conselho pequenininho: “seja sempre uma mestra preparada; atualizada, inspire confiança nos seus alunos, não plante dúvidas, ensine o conteúdo até que ele aprenda, mas sobretudo seja alegre, alegre, alegre, fale a linguagem deles, dance, seja sempre bonita, sorriso aberto e os traga dentro do seu coração como filhos que você adota”.

Deixo registrado este trecho para posterior reflexão.

Outro trecho que deixo como registro é o fim da correspondência em que ela só cita a palavra dificuldade, não a explica. “Dificuldades? Você reparou que eu nem lembrei delas. Pois é como eu digo sempre, essa profissão é mágica, nos faz feliz”. O que isso significa: dificuldade, mágica, felicidade ?

Carta II

Niterói, 10 de abril de 2016.

Querida Sueli,

Estou aqui, escolhendo as palavras para começar esta carta. Olho para sua carta, para esta folha e deixo que os sentimentos escolham as palavras que compõe esta nossa conversa por escrito, por isso não posso deixar de registrar o quanto gosto de ficar olhando sua carta. Adoro admirar sua escrita, como você desenha cada letra, os contornos de suas palavras.

Gratidão!

Sua carta me comoveu. Comoveu por ter podido se dedicar alguns momentos preciosos do seu tempo a pensar junto comigo esta pesquisa. Comoveu pelas histórias que pode me narrar, tocaram-me! Comoveu simplesmente por ter recebido uma carta sua.

Fico pensando como deixamos algumas “modernidades” nos capturar de tal maneira que nossa comunicação com outras pessoas, que não seja nossos familiares mais próximos, seja tão corrida e sem profundidade. Algumas pessoas, nem com os mais próximos costumam estabelecer tal relação. Por isso fico tão enternecida com este laço que começamos a estabelecer, nossas cartas. Tenho a sensação de que encontramos com pessoas, que representam universos cheios de potencialidades, mas nada nos acontece, será que houve realmente um encontro?

Mas não é o que sinto em relação a nossa carta. Sinto que um desejo por nos encontrarmos aí se estabelece. Neste encontro por escrito, nesta conversa, algo acontece em conjunto, pela simples razão de estarmos durante algum momento atentas uma para a outra.

As pessoas deixaram de se comunicar desta maneira, não é mesmo?! Aliás, eu mesma escrevia cartas esporadicamente. Minha interlocutora mais duradoura foi apenas uma, minha madrastra, a Célia. Você se lembra dela? Com ela mantive correspondência durante alguns anos, mesmo que poucas. Pelas cartas dela e da sua carta é que sei a maravilha de se receber uma carta!

Então sua carta está sendo significativa para mim, por poder retomar uma maneira tão tradicional de mantermos a comunicação entre as pessoas. Além deste laço, uma maneira mais profunda de conversarmos, é o que me parece.

Sua carta me comoveu também por narrar acontecimentos. Que lindo o acontecimento que você contou a respeito do aluno que havia se entediado pelos estudos, ou seria pela escola? Fico a pensar como temos no universo das escolas alunos e alunas entediados. E os professores e professoras, será que também estão entediados?

Entrei na narrativa com facilidade. Senti a história depois de uma leitura, por vezes tomando o lugar da professora que ensinava; ou, com outra leitura tomava o lugar do aluno entediado com os estudos. E a humanidade de seu ato, de sua gentileza tomou conta de mim. Lembrei-me de uma outra história contada em um livro chamado “o mestre ignorante”, escrita por Jacques Rancière.

Este livro conta a história de um professor chamado Joseph Jacotot, que precisou de se retirar da França em 1789 e vai para os Países Baixos, sem falar o holandês. Mais que o desafio de estar em uma terra estrangeira, sem ter a destreza de se comunicar com a mesma língua daqueles, ele aceita o desafio de lecionar neste país. Encara o desafio com uma obra de Telêmaco que encontrou nestas terras. Esta obra era ao mesmo tempo impressa em francês e holandês. Ao final do curso, seus alunos haviam aprendido francês por si mesmos com aquela obra que possuía em uma página a história de Telêmaco escrita em holandês e em outra página a mesma história, só que escrita em francês. Foi pelo esforço de tradução que eles conseguiram chegar ao conhecimento.

Da mesma maneira aconteceu com você. Sem dominar o conteúdo que iria ensinar, você aceita o desafio. Fico pensando o que a motivou? Não era um conteúdo da disciplina que ministrava. Não era na escola, ou seja, você convida este aluno e sua mãe para entrarem em sua casa, aparentemente não parece ser uma obrigação, ou uma tarefa que precisasse cumprir. Então o que há neste gesto de levar um adolescente entediado com a escola para sua casa? O que há neste gesto de acolher o pedido de uma mãe preocupada com seu filho?

Você disse que o ensinou a estudar, grifar o que ele achava importante, fazer uma síntese do conteúdo, sem no entanto ensinar o conteúdo para ele. Resultado, depois de um tempo reencontra com aquela mãe que preocupada com o filho que iria desistir da escola lhe agradece por criar “alma nova” em seu filho. Há aí algo que não sei identificar o que seja.

Talvez algo que não aprendamos na faculdade sobre sermos professoras. Sinto o abraço entre vocês e também me emociono.

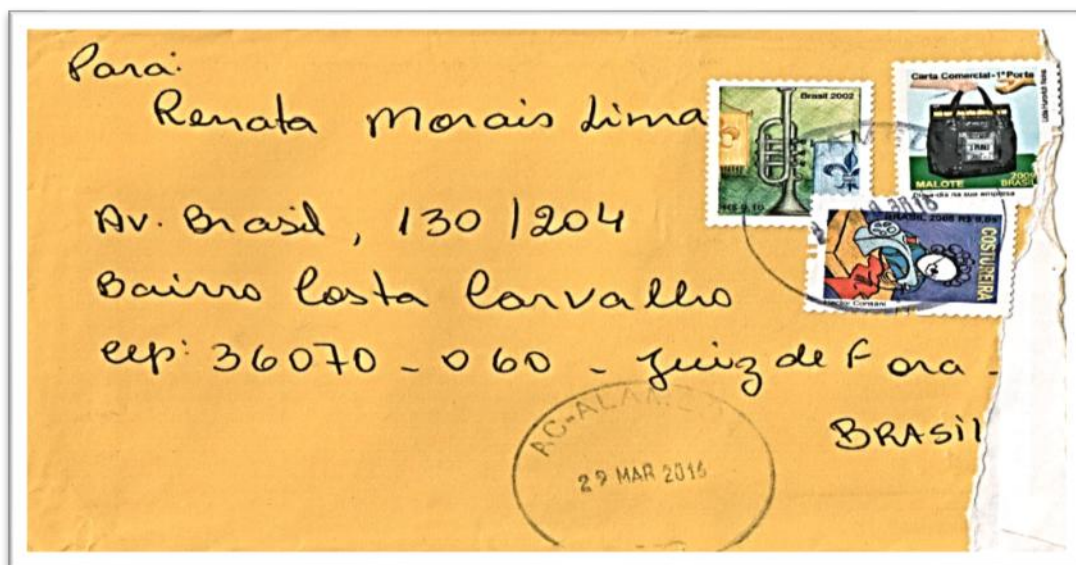
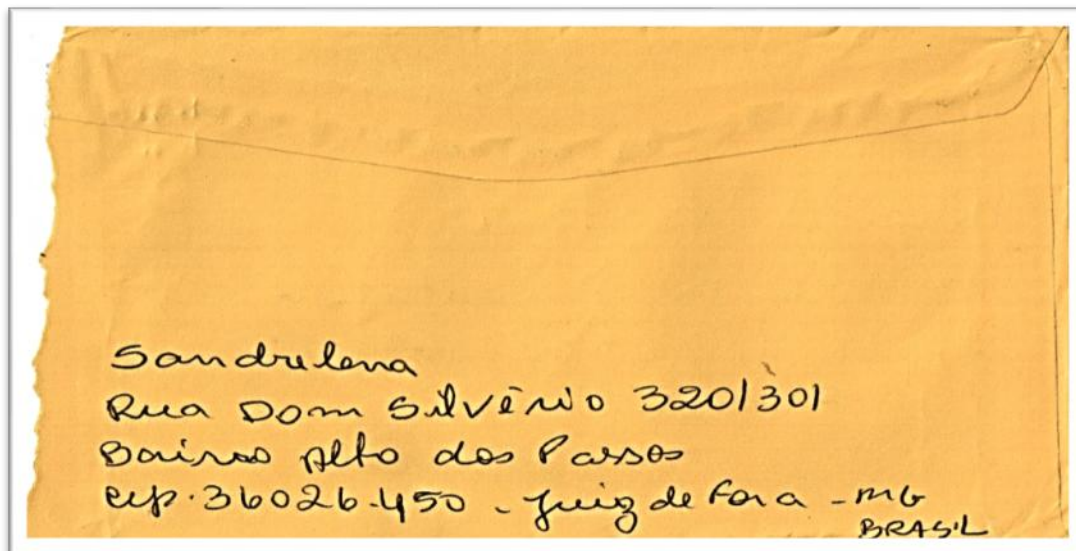
Agora, sobre ser mestre, como você carinhosamente compartilha com esta pesquisa. Você diz “é incentivar, é ser amiga dos alunos Compreender suas dificuldades e limitações e despertar em cada um deles a vontade de saber, a importância de saber, a maravilha que é descobrir coisas, fatos, informação”.

Obrigada minha querida Tia Sueli, por contar suas histórias. Fiquei muito curiosa para mais histórias, mesmo que elas tenham esse tom do “aluno desestimulado, sem apoio e que precisa além do mestre, do amigo que o conduz”. Larrosa, um dos autores que estudo, vai nos dizer que a experiência, essa que venho estudando, são coisas muito comuns, talvez repetitivas, mas que algo acontece que ela se tornará experiência. Acredito que mais histórias como foi a história dessa mãe e desse jovem poderão nos ajudar na pesquisa de um conceito sobre experiência no campo da formação de professores.

Um abraço carinhoso e um beijo em seu coração.

Renata

Anexo 10: Carta recebida de Sandrelena





Sweet
Care

Juiz de Fora 29 ♥ 03 ♥ 2016

Querida Renata,

Fui tomada de uma curiosidade im-
porrecível ao receber sua carta. Lembro que pensei que
era o convite para seu casamento. Que nada!
Ainda vou esperar por este mais um pouco.

Depois li a carta, uma, duas, três vezes, gostei!
Fui tomada de assalto pelas lembranças, que
ao se presentificarem, traziam contigo (toda)
emoções, sentimentos, palavras.

Resolvi que iria te responder, mas sem
rascunho, mas sim; no manuscrito original.
Aquilo que as lembranças, os pensamentos,
as palavras me permitissem. Assim, não vou
passar esta escrita a limpo, e nem irei digitar,
como uma boa carta entre amigas, ela
deverá ter as marcas do meu ir e vir, da
minha experiência, duragão, ao escrevê-la.

Optei por usar este "papel de carta", bonito!
Foi presente de uma outra amiga, a Karla.
Usando este papel sei que teria cuidado
redobrado ao escrever e, realmente, não
irei "passar a limpo".

Muito lem! bimeiro quero falar





Sweet
Care

da sua opção mais lógica, gostei. Diferente,
original e traz em seu bojo a valorização
da escrita "à mão", tão esquecida nos atuais
dias digitais. Faço-a com carinho.

Constituir-me professora? Longe disso, mãe é
um processo fácil e nem assim. É vibrante,
movimento intenso, às vezes, até mesmo doloroso.
Se chorei? Muitas vezes! E ainda o faço, por
motivos diversos: alegrias, medos, inseguranças,
conquistas e aparentes perdas. Sem nenhum
vício choro, mas sempre com "as mãos ocupadas",
e após o desafogar pelas lágrimas, levanto e
continuo a caminhar e trabalhar. É assim
que me constituo EU MESMA: mulher, mãe,
professora, esposa, filha, cidadã, religiosa,
pesquisadora, tia, amiga, dona de casa...
ou seja, eu mesma, na minha multiplicidade
que me faz única.


Mas, chega de blá, blá, blá e vamos aos
acontecimentos que me marcaram. Escolhi
alguns dentre vários outros. Escolhi estes
porque considero-os divisores de
caminhada em minha vida de professora.




2/7



Sweet
Care



O primeiro deles foi bem no início do magistério, no início dos anos 2000... Trabalhava com uma turma da educação infantil 4, 5 anos. Nossa sala ficava perto do banheiro. Tinha uma menininha, sorriso largo, olhos brilhantes, cabelos crespos. Esta menininha me marcou e me ensinou a ter olhos de ver a diversidade que constitui o grupo de alunos e alunas. Todos os dias, várias vezes por dia, ela pedia para ir ao banheiro. Eu não negava, mas seu comportamento repetitivo me chamou a atenção. Até que um dia resolvi "seguir-la" até o banheiro e que não foi a minha surpresa ao encontrá-la diante do grande espelho que ali havia, molhava as pequenas mãos na água da torneira, passava pelo rosto e cabelo e dizia: "Veja 'E'! Veja como você é linda!" Repetia esta afirmativa e bonica para si mesma "no espelho", fechava a torneira e voltava para a sala.



Surpresa pela descoberta, me propus a adiantar um "conteúdo" de estudo daquele ano: "minha casa". Descobri que aquela menininha morava em uma casa não acabada, sem água encanada,



Sweet
Care

sem vaso sanitário e havia apenas um espelho pendurado na parede. Ela não o alcançava.



O segundo aconteceu por algum tempo depois, já em outra escola, agora com uma turma de alfabetizados. O garotinho era daqueles que enlouquecia quando professorá agitado, falava alto batia as colegas, gritava "polarrês". Mas tinha um comportamento que realmente me afetava: ele tapava os ouvidos com as duas mãos e gritava guitarra de forma estridente, continua. Um dia ele começou a gritar, me lembro de ter ido até ele... Quando me dei conta, havia diante de mim dois olhos grandes negros, como se fossem duas enormes fábula cabas, daquelas bem doces, mas, ^{aqueles} olhos estavam inundados por lágrimas que não chegaram a cair. Aquela vez, após buche, me despertou: "Tia, você está gritando!" Como se tivesse saído de um transe, me vi diante do garotinho, olhos grandes, abarcada à sua altura e ouvindo: "Tia, você está gritando!". Como eu poderia pedir a ele que não gritasse se eu estava gritando? Nunca mais gritei ou falei mais alto em sala de aula.



4/7



Sweet
Care

Quero falar de coisas mais acasteci-
mentos, tudo bem?

O terceiro aconteceu logo após a conclusão
do Mestrado em Educação. Como toda professora
ingênua em seu conhecimento pensei que "agora
não havia mais problemas, já era mestre".

Trabalhava com a turma da 2^a série
de 8 anos (hoje 3^o ano). Uma alun~~a~~ chamou
minha atenção, era rápida em "resolver contínuas"
mas nunca ia ao quadro. Em seu caderno
de matemática havia o desenho da "reta numérica"
(de 1 a 9) no alto de todas as folhas. Era meu
costume parar perto dos alunos e alunas e observar
como realizavam as atividades. Fui tomada de
sentimento inexplicável ao observar esta aluna
realizar as "contínuas". Ela copiava as "contínuas
armadas" do quadro, contava nos dedos a soma
de números, mas na hora de colocar os resulta-
dos buscava na reta numérica desenhada no seu caderno
qual numeral representava a quantidade que
queria. Ela não era capaz de identificar o numeral
e a quantidade sem fazer a correspondência
na "reta numérica". Fui tomada de *instigação*.



5/8



Sweet
Care



Como? O que acontecia ali? Como entender?
Como ensinar aquela relação àquela turma?
Naquele momento "todas" as teorias estu-
dadas passaram pela minha "cabeça", nenhuma
delas me respondiam de ponto o que fazer,
como agir. Senti-me fraca, o chão se abriu
sob meus pés. Meus castelos teóricos desbararam
e a terrível sentença: TEORIA NA PRÁTICA É DIFERENTE

Eu aqui com choque língüístico, tudo isso em uma
pequena fração de tempo cronológico para
minimizar uma eternidade). Após alguns dias
refletindo e me ocupando com a questão,
finalmente entendi: a ^{relação} teoria e prática.

A teoria na prática NÃO É outra. São coisas
diferentes, diferença de natureza e não de grau.
A teoria não é para ser APLICADA à prática como
uma fórmula. A teoria é para nos ajudar a
conhecer, pensar e construir a prática mais
apropriada a cada turma e aluno. Conseguimos
aprender juntas, eu e a aluna!



Renata, finalmente chegou a um último
acontecimento, não menos importante,
mas já ocorrido na prática no ensino



5/7



Sweet
Care



superior. Não sei mais exatamente quando
fez. É comum encontrarmos ex-alunos
nas situações cotidianas da vida (festas,
supermercado, escolas, na rua etc). Pois bem
encontrei, em uma destas situações uma
ex-aluna, agora já professora. Estávamos
em uma roda de conversa entre conhecidos,
ela se identificou, disse ter sido minha aluna
no curso de pedagogia e concluiu "até hoje,
quando tenho algum problema costumo me
lembrar de você, do que falava em sala de
aula, do seu jeito: 'calma, observa, estuda!'"
Fico ainda hoje a pensar imagina se meu
comportamento fosse outro? Se minhas pala-
bras fossem outras? Realmente, não temos
domínio nenhum sobre o efeito de nossas
ações e palavras sobre aqueles que nos
rodeiam. Ainda falho, e muito, ^{por inacabado,} com certeza.
Mas tenho me preocupado em ser sempre eu
mesma. Ser ética e responsável!

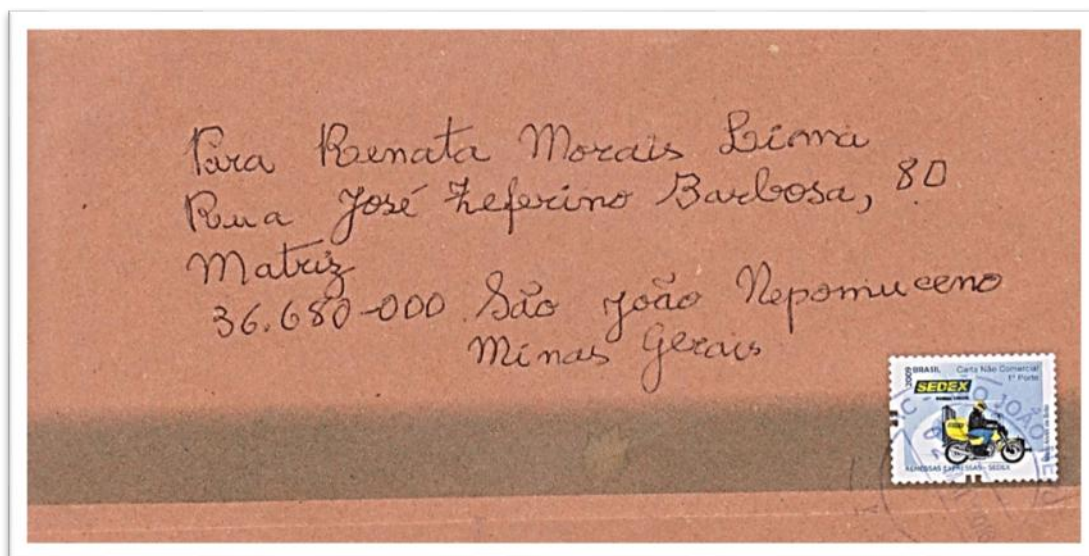
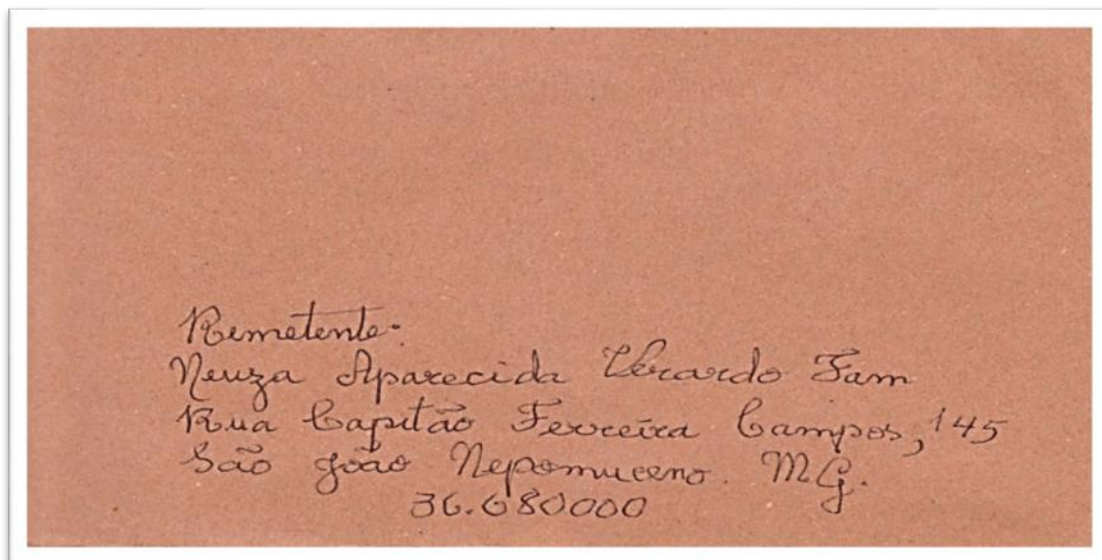


É isso, espero ter contribuído com seus
pensamentos. Até mais...

Com carinho,
Sandrelena.



Anexo 11: Carta recebida de Neuza



São João Nepomuceno, 02-05-2016

Querida Renata
 Como o filósofo francês Michel, citado
 em sua carta, pela parte da leitura
 tudo o que ele disse agiu sobre
 mim pois a reli várias vezes.

Portanto, não foi somente a influên-
 cia do mestre mas sim pelos ensina-
 mentos nesta sua carta que você me
 transmitiu: lembrei-me bem de suas
 corinhas lindas no seu rostinho nunca
 esquecido, seu estudo, sua conduta e
 de seus familiares.

Pelo Ensino Médio, pela Faculdade de
 Filosofia, pela docência na escola pú-
 blica de Guiz de Foz, pelo Mestrado no
 Rio de Janeiro a parabenizo e sinto-
 me orgulhosa de você.

O meu processo formativo
 de conseguir ser pro-
 fessora, além do amor
 pela profissão, foi

É uma felicidade
 ter coisas boas
 para recordar.



minha redação falando que tinha o sonho de ser professora mas que meus pais não tinham condição de bancar meus estudos.

Naquela época, minha professora se comoveu e como eu tinha de fazer admissão também remunerada pedi às minhas colegas que já estudavam para eu ir à noite estudar com elas, pois minha mestra D. Leonor e suas colegas deixaram que eu estudasse.

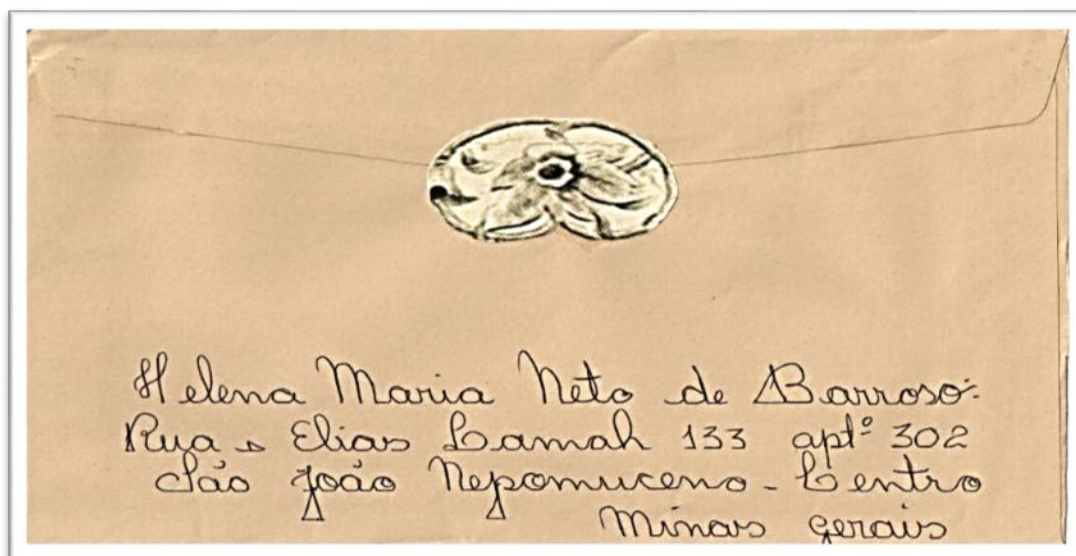
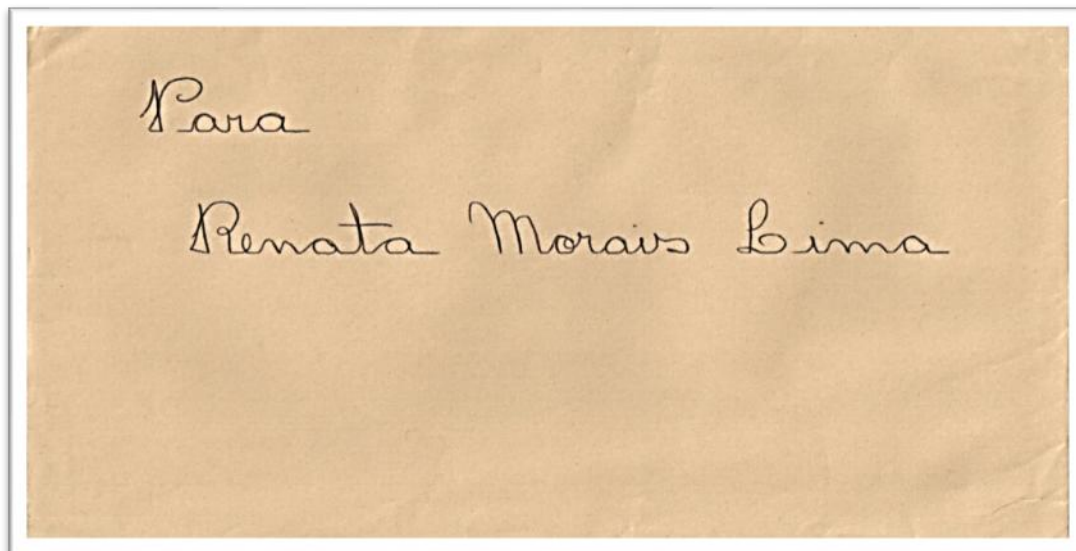
Este foi o ponto principal e depois avancei mais no meu sonho ao ser aprovada entre 50 alunos, em 1º lugar no concurso público, estudando 4 anos gratuitamente.

Dali para frente, no curso Normal consegui com um deputado mais 3 anos.

Fui transformada em uma professora e assim concretizando meu sonho até completar 59 anos: no setor público e no privado; graças a Deus. Carinhosamente

Tia Neusa

P.S. Não escrevi a mais tempo pois tive uns probleminhas.

Anexo 12: Carta recebida de Maria Helena

Minha querida e
para sempre, aluna
Renatinha,

Fui tomada por imensa
emoção ao receber sua carta
e ao lê-la agradei aos
céus.

Digo para sempre aluna,
mas ao ler sua carta,
aluna realmente me tornei.
Passamos de aluna para
professora e de professora a
aluna, enfim de professora
para professora.

Sempre converso com sua
mãe e falamos, com muito
orgulho, sobre você, sua vida,
suas conquistas.

Até me preocupei por você
no Rio de Janeiro. Tome
cuidado. Apesar de saber
que, por merecimento,
existe sobre você, uma
nuvem de proteção do

Senhor Jesus. Ao falar sobre
 você sinto imensa saudade,
 pois alunos marcam seus
 professores, ainda mais
 uma aluna tão querida
 como você.

Minha querida, quanto
 contentamento! Precisei pedir
 a minha filha Eduarda
 para que terminasse de
 ler sua carta para mim,
 pois a emoção e as lágrimas
 me impossibilitaram de con-
 tinuar. Com isso, mostrei
 para minha filha o quanto
 a amizade e reconhecimento,
 o amor entre as pessoas
 são importantes.

A emoção de sua carta me
 fez retornar aqueles tempos...
 nossa escola, nossa sala
 de aula, o lugar que
 você assentava, eu
 professora, você minha

querida aluna.
Quanta saudade!

Você me pede uma experiên-
cia como educadora e o
que me marcou como tal,
o que mais poderia ter
marcado mais a não ser,
hoje, a carta da minha
aluna Renata, que se tornou
uma filósofa?
Sua carta Renatinha, me
fez acreditar no ser humano,
na minha profissão que
ainda exerce me fez acre-
ditar na vida.

O que fica é o que marcou
e você marcou e está mar-
cando a minha vida fican-
do em mim como a lem-
brança de uma aluna de
ouro.

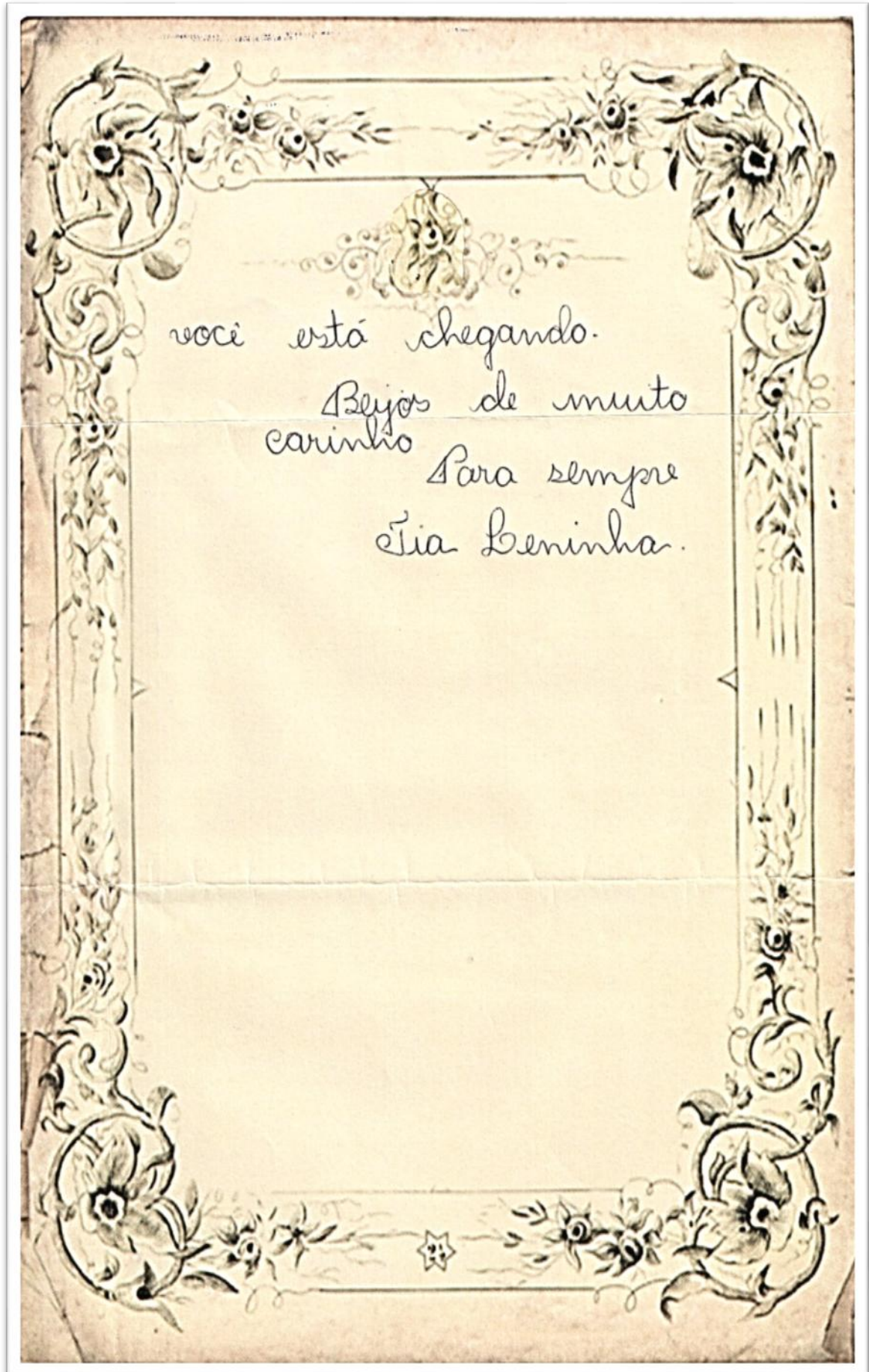
Sinto orgulho, pois se o
que você é hoje tiver
um pontinho do que

representei para você minha vida está completa. Menatinha você e o filósofo francês estão certos, li e reli sua carta e ela está agindo sobre mim.

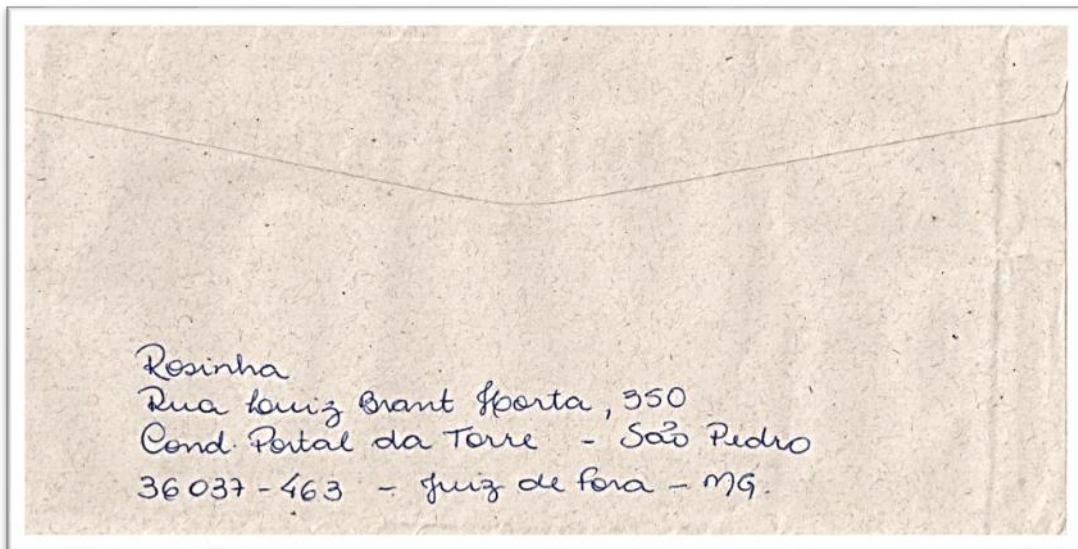
Quando a li pela primeira vez senti um lampejo de surpresa e emoção, quando a li pela segunda vez, contentamento e emoção, pela terceira vez orgulho e emoção e pela quarta, quinta e tantas vezes, pois sei que o farei, será sempre acreditar e emocionar.

Se você me der a liberdade irei compartilhar, semear, a todos de meu conteúdo sua carta e meu orgulho por você.

Visite-me quando puder, a receber como nos velhos tempos, sorrindo, feliz por



Anexo 13: Carta recebida de Rosinha



Juz de Fora, 11 de abril de 2016.

Querida Renata,

Primeiramente, gostaria de agradecer a consideração que você me dispensa ao dizer de nossos "encontros pela vida" como sendo momentos de aprendizado. Posso dizer que não há unilateralidade em tal consideração, tendo em vista que também pude aprender muito nesses mesmos encontros. E fiquei pensando... como esses encontros tornam-se aprendizados?

// A palavra "encontro" é muito interessante, significativa. Inspirando-me em Deleuze, que por sua vez inspira-se em Espinosa, eu diria que aprendemos quando produzimos "bons encontros", encontros em que somos afetadas/os pelo "outro" que nos interpela e que, pelo encontro, produz em nós um aumento de potência. Um encontro não se dá sem um "outro". Esse "outro" mistura-se com aquilo que está constituído em mim, mas que não tem rigidez suficiente para se tornar impenetrável e que é, portanto, passível de mudança. Aprender é, então, mudar. Encon-

cap. 7

tres assim são experiências -

- "encontroexperiências", em uma palavra só. Nesse sentido, sou também muito grata a você, tanto pela sua disponibilidade e abertura para ser afetada em nossos encontros, quanto pela sua potência em produzir em mim muitas afetações.

Assim, podemos dizer, na linguagem contemporânea das redes sociais:

"#somostodasmestres", "#somostodasaprendizes"

(rsrsrs)./

Começo assim, a perceber o quão difícil é responder ao seu comite e dizer dos acontecimentos que me tocaram/tocam, que me transformaram/transformam e que, de alguma forma me constituíram/constituem como professora. A própria palavra "acontecimento", usada em sua questão, também pode se relacionar com "encontro" e "experiência" em diálogo com os filósofos com quem temos conversado. É agora Foucault que me inspira, ao dizer do acontecimento como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar, provocando alguma transformação. Encontros, experiências, acontecimentos... transformações... constituições... Uma professora que se constitui por encontros, experiências, acontecimentos

que passam por ela e provocam transformações. A dificuldade da resposta se dá porque não temos domínio de nada disso. Esses encontros, experiências, acontecimentos, simplesmente nos acontecem, sem que possamos planejar, esperar e, na maioria das vezes, sem conseguirmos dar conta deles. Eles vão acontecendo, as transformações vão-se dando e, de repente, mas também, processualmente, a gente se encontra e se emerge de outra forma. Penso que é mais ou menos assim.

o
v
v

Algumas coisas, porém, passam pela minha cabeça ao pensar no assunto proposto. Algumas lembranças que até já foram antes escritas para compor alguns textos nos quais tive que dizer de minha formação.

Iniciei como professora de área técnica, lecionando disciplinas de Informática. Assuntos físicos me colocavam em um jogo em que procurava aproximação com meus alunos e alunas. O que me afetava era a distância, o não olhar nos olhos muitas vezes provocado pela necessidade que eles/as tinham de fixar o olhar nas telas dos computadores.

Eu precisava inventar formas e, nessa busca, eu me olhava, me avaliava, tentava mudar as didáticas usadas. Tinha bom rela-

cionamento com as turmas, mas muita insatisfação me acompanhava. Não tinha formação pedagógica que me apoiasse. Tinha que inventar. De repente, um acontecimento: um encontro (potente) com a periferia. Lugar desconhecido que, a princípio, me assustou. Crianças, jovens e adultos em situações apontadas socialmente como marginalidade, cercadas por preconceitos e histórias de abandonos - do governo, da sociedade, da escola, dos pais, das mães e tantos outros. Desafios se fizeram presentes no dia-a-dia. Pensar novas formas de lidar com as pessoas, lidar com os erros e as inseguranças, refazer propostas, avaliar, trabalhar em equipe... Jámos construindo o trabalho. Não era um trabalho escolar, mas religioso que, no entanto, se pretendia educativo. Meu entendimento era de que algo precisava mudar naquelas vidas. Este era o entendimento de vários companheiros e companheiras que, não conseguindo a mudança pretendida, acabaram optando por mais um abandono. Outras experiências, no entanto, passaram por mim e foram elas que me fizeram ficar e entender que a transformação acontecia comigo. Abandonava os planos para ariscar-me na aventura das imenções que aquele convívio suscitava. Nessas tentativas, não sei

bem onde é como, mas eu mudava. E se não
 tenho certezas, pelo menos, desconfio. Desconfio
 e sinto que experiências semelhantes aconte-
 cem também nestes tempos em que leciono
 Filosofia. Esta não é uma matéria muito
 bem aceita em épocas de tanta valorização
 de sistemas de ingresso em uma graduação.
 Entre PISM, vestibulares diversos e ENEM, o que
 importa é o que cai nas provas de lá.
 Mais um desafio se dá. E não será a mi-
 nha imposição que vai ajudar aí. Estou
 mais uma vez desafiada a inventar ma-
 neiras de estar em sala de aula.

Cap. 3. cont. /
 Três três momentos, que destaco como
 muito importantes, são recheados de ex-
 periências. Como já sinalizei, não consi-
 go identificá-las em suas singularida-
 des. Não posso dizer que foi isso ou aqui-
 lo que foi capaz de me constituir como
 professora, que me passou e me transfor-
 mou. Seguindo com as minhas desconfi-
 anças, arrisco no palpite de que, em todos
 esses momentos, o que mais se tornou po-
 tente em mim, o que mais provocou mu-
 danças e me constituiu enquanto esta profes-
 sora que hoje sou, foi a abertura que as atra-
 vessou. Ao pensar em mim, em minhas prá-
 ticas, sentia que meus momentos mais feli-
 zes se davam quando eu deixava de dizer
 e passava a ouvir; deixava de ser vista e

passava a olhar; me abria para o "outro" que se misturava a mim e me transformava. Seriam estas as tão ditas experiências? Querer e olhar com atenção para aquele que está ali para aprender comigo? E, ao aprender comigo, ensina comigo? Aceitar os desafios e inventar novas formas eram as exigências dessa abertura para "o outro".

Cap. 3 cont.
 É assim que tenho tentado caminhar, embora muitos momentos de arrogância ainda façam parte do meu cotidiano. Eles também me constituem, mas não me potencializam. São encontros ruins, como nos diria Espinosa. Quisera eu ser só potência, só abertura, só aptidão.

É o que posso responder por ora, querida Renata!

Grande beijo,

Da amiga,

Rosinha



Anexo 14: e-mail enviado a Antônio

Assunto: sobre nosso encontro no VIII Colóquio de Filosofia e Educação

De: renata morais lima (rmoraislima@yahoo.com.br)

Para: araxxnho@xxx.com;

Data: Terça-feira, 10 de Janeiro de 2017 19:49

Prezado Antônio,

Escrevo este e-mail com a intenção de conversar sobre o encontro, em outubro de 2016, no VIII Colóquio de Filosofia e Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Nós participamos do ateliê “CARTAS: COMO MÉTODO DE PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR”, no qual conto como surgiu as cartas como dispositivo para pesquisa com formação de professores. Você se recorda?

Gostaria de lhe convidar para podermos compor uma parte da pesquisa ao trocarmos nossas impressões daquele momento. O que acha?

Aguardo ansiosa sua resposta com o que ficou para você daquela conversa.

Grata por mais este encontro por escrito.

Renata

Anexo 15: e-mail recebido de Antônio

Assunto: Re: sobre nosso encontro no VIII Colóquio de Filosofia e Educação

De: Antonio Araujo Jr (araxxnho@xxx.com)

Para: rmoraislima@yahoo.com.br;

Data: Quarta-feira, 11 de Janeiro de 2017 17:11

Boa tarde, Renata!

Que bom, que você entrou em contato comigo. Eu anotei seu contato, sempre pensei que te escrever, mas no meio de todas as tarefas, eu fui deixando passar.

Claro que me recordo do ateliê que você nos ofertou. Foi uma experiência muito engrandecedora. Como disse, eu também trabalho com formação de professores na perspectiva das narrativas de vida, mas nunca havia pensado nas cartas como um método tão rico. Parabéns pela ideia. Lembro que no momento em que vi o título lembrei imediatamente do texto do Eduardo Galeano no Livro dos Abraços, que transcrevo aqui abaixo:

"E dizem por aí que ali havia um tesouro, escondido na casa de um velhinho todo mequetrefe. Uma vez por mês, o velhinho, que estava nas últimas, se levantava da cama e ia receber a pensão. Aproveitando a ausência, alguns ladrões, vindos de Montevideú, invadiram a casa.

Os ladrões buscaram e buscaram o tesouro em cada canto. A única coisa que encontraram foi um baú de madeira, coberto de trapos, num canto do porão. O tremendo cadeado que o defendia resistiu, invicto, ao ataque das gazuas.

E assim, levaram o baú. Quando finalmente conseguiram abrí-lo, já longe dali, descobriram que o baú estava cheio de cartas. Eram as cartas de amor que o velhinho tinha recebido ao longo de sua longa vida.

Os ladrões iam queimar as cartas. Discutiram. Finalmente, decidiram devolvê-las. Uma por uma. Uma por semana.

Desde então, ao meio-dia de cada segunda-feira, o velhinho se sentava no alto da colina. E lá esperava que aparecesse o carteiro no caminho. Mal via o cavalo, gordo de alforjes, entre as árvores, o velhinho desandava a correr. O carteiro, que já sabia, trazia sua carta nas mãos.

E até São Pedro escutava as batidas daquele coração enlouquecido de alegria por receber palavras de mulher.”

Por isso que te parablenizo pela ideia, as cartas não são só uma forma de comunicação. Se fossem, já não seriam algo simples. Mas as cartas são algo muito mais complexo, elas carregam um potencial de sensibilidade, de expectativa que permite que o texto do Galeano tenha toda essa magia. Eu não vejo nenhuma outra forma de comunicação que poderia gerar um texto com uma atmosfera tão mágica e nostálgica quanto as cartas o fazem. É isso. Carta é saudade. Digo isso por muitos motivos. É saudade porque a saudade nos faz escrever cartas. É saudade, porque temos saudade do tempo em que escrevíamos cartas. É saudade, porque a carta se guarda, dá pra encher um baú com cartas. É saudade, porque é relação: A carta é sempre escrita de alguém pra alguém, igual saudade, ela está sempre no percurso, no contato, ela nunca é só de quem escreve, nem só de quem recebe.

Você conhece os trabalhos da Marie-Christine Josso? Ela trabalho com a formação de professores nessa perspectiva das historias de vida e dos momentos formativos. O Nóvoa também tem umas ideias parecidas quando fala de professores referência.

Estou à disposição para o que precisar. Obrigado de novo.

Antônio

Anexo 16: carta recebida de Leidiane Macambira como atividade da disciplina Fundamentos da Educação do PPGedu Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores- UERJ

Maricá, 12 de junho de 2015.

Querida Renata,

Ainda embalada pelo encantamento da proposta feita por você e Allan na disciplina que cursamos na sexta-feira. Proponho-me neste registro escrever-lhe uma carta. Escrever-lhe sobre as experiências (LARROSA) que me atravessaram na leitura e apresentação do seu projeto de pesquisa... De tudo que me ocorreu enquanto ouvia sua fala. Escrever sobre estas experiências é também escrever COM elas, pois lembrá-las ao produzir esta carta, me fez pensar a minha pesquisa, pensar neste novo modo de vida que adotamos – de alunos do mestrado... Creio que este seja também um pensamento circulante entre os demais colegas.

Estamos estrangeiros neste novo território – O programa de pós-graduação em educação. Embora, para alguns – e até mesmo no meu caso, seja um sentimento de *estrangeiridade* numa terra já “habitada”... A terra da FFP... Que há tantos anos não deixa de ser a todo tempo atualizada em nós como terras estrangeiras...

E no seu caso, fico me perguntando... Como tem sido sua vida longe de seu estado natal? Temos mesmo um “estado natal”? Seria ele sempre o mesmo estado desde que nascemos? Seríamos nós, os mesmos desde que nascemos????

A forma como você fala de seu desejo de pesquisa transpira paixão, curiosidade, entusiasmo... Portanto, sua paixão está ligada, de maneira tão íntima, a interlocutores que outrora eu não conhecia, como o exemplo de Bergson. Lembro-me da primeira aula, no momento em que você se apresentava... Falava dele como se fosse uma pessoa tão próxima e tão viva na sua pesquisa, na sua vida! rrs

Na última aula, ao ouvir com mais detalhes sobre seu projeto, deparei-me com outro desconhecido, a pedagogia Waldorf. Que pedagogia é essa? É algo novo? É uma proposta que tenta vir como novidade? Ou um modo outro de habitar a educação? Enfim, fiquei com estas perguntas enquanto via as fotos expostas nos slides.

Pensava antes, que por ser uma proposta outra, deveria também ter uma configuração estrutural “nova”, mas o que vi foi um grande pátio central em que todas as crianças podem ser vistas e, talvez, vigiadas... Vi as cadeiras enfileiradas e apontadas para o quadro negro... Em outras palavras, o que via pôs-me a pensar sobre um trabalho pelas brechas, pelas fendas encontradas num sistema escolar tão rígido. Trabalho que, talvez, não se importe com feitura de grandes façanhas, mas que trabalha na dimensão do micro, dos pequenos – muito entre aspas – acontecimentos.

Entretanto, penso também que o olhar apaixonado, fixado, pode nos impedir de ver aquele espaço de outros modos. Há que necessário dar a volta para poder ver o

outro lado da coroa. Como nos alerta José Saramago num depoimento ao documentário "Janelas da Alma".

Portanto, uma frase latejava em mim durante sua apresentação e as conversas em torno de seu projeto: *É preciso desconhecer para ver.*

Gostaria de compartilhar contigo uma das experiências de Castañeda:

"Castañeda foi ao povoado de Sonora, no México, para conhecer um bruxo chamado Don Juan, a quem pediu que o ensinasse a ver. Assim Don Juan interna-se com Castañeda, no meio da selva mexicana. (...) e, de repente, Don Juan exclama: "Olha, olha o que há aí! Viste?" Castañeda lhe responde: "não... não o vi". Continuam caminhando e, uns dez minutos mais tarde, Don Juan volta a deter-se exclama: "Olha, olha aí! Viste?" Castañeda olha e responde: "Não... Não vi nada". "Ah!", é a lacônica resposta de Don Juan. Seguem sua marcha e volta a acontecer a mesma coisa duas ou três vezes, mas Castañeda nunca vê nada; até que, enfim, Don Juan encontra a solução: "Agora entendo qual é o teu problema!" – lhe disse: "Tu não podes ver o que não podes explicar. Trata de esquecer de tuas explicações e começarás a ver". (FOERSTER, 1996. P. 67. Grifo meu)"

Olha aí Renata! Viste?

Talvez seu (nosso) pensamento neste momento seja igual ao de Castañeda no relato de suas experiências em "Um estranha realidade":

_Não entendo como é que me está fazendo ver uma repetição do que eu vi antes. O que você me fez, Dom Juan?

Riu, mas não respondeu, e eu insisti para ele me contar como é que eu conseguia ver aquela folha caindo várias vezes. Disse que, segundo minha razão, isso era impossível.

Dom Juan falou que a razão dele lhe dizia o mesmo e, no entanto, eu presenciara a folha caindo várias vezes, Então, virou-se para Dom Genaro.

— Não é assim? — perguntou ele.

Dom Genaro não respondeu. Estava-me fitando.

— É impossível! — disse eu.

— Você está acorrentado — exclamou Dom Juan. — Está acorrentado a sua razão. [E nós? Também estamos acorrentados às nossas razões? Às certezas? Ao por demais conhecido?]

Explicou que a folha havia caído várias vezes daquela mesma árvore para eu parar de tentar entender. Num tom confidencial, disse-me que eu estava com tudo pronto e que, no entanto, minha mania sempre me cegava no final.

— Não há nada para entender. Tal faculdade é apenas uma coisa muito pequena, muito pequena mesmo — disse ele. (P. 294)

É preciso desconhecer para ver?

Faço-lhe esta pergunta, entretanto, sem pretensas respostas. Prefiro, ainda, guardá-la no desconhecimento. Confeço-lhe que tenho a ligeira impressão (e lhe digo isso quase que em tom de sussurro) que em mim há um cemitério, onde são enterradas todas as perguntas respondidas, todas as dúvidas desfeitas, todas as curiosidades resolvidas... tudo que era desconhecido... tudo... tudo que se mantinha vivo em mim, ao ser respondido, explicado... enterra-se neste cemitério. O qual, também, gosto de chamar de lugar das tranquilidades... Ou às vezes, lugar do conhecimento... Por ora, lugar das coisas demasiada vistas, e por fim, lugar das explicações.

Por isso te peço, mantenha viva a pergunta! Sinta mais o que se pode de antemão explicar... Desnaturalize o olhar, desconheça o demasiado conhecido... o demasiado visto... (LARROSA; SKLIAR)

Leidiane Macambira

Anexo 17: registro realizado por Rutyê Abreu como atividade que compôs a disciplina Cotidiano Escolar, Leitura e Escrita do PPGedu Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores- UERJ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
 Faculdade de Formação de Professores – FFP
 Mestrado em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais
 Disciplina: Cotidiano Escolar, Leitura e Escrita

Registro da aula 29/05

*“Eu hoje joguei tanta coisa fora
 Eu vi o meu passado passar por mim
 Cartas e fotografias gente que foi embora
 A casa fica bem melhor assim...”*
 Tendo a Lua – Os Paralamas do Sucesso

Após nosso encontro de sexta-feira, ouço essa música a caminho da escola. Parece vestir como uma luva para o nosso dia vivido. Nesta aula emoções afloraram e pareciam difíceis de serem contidas.

A proposta da aula anterior de Alan e Renata foi de produzirmos cartas que revelassem uma experiência docente. A princípio todos compreenderam que as cartas seriam endereçadas a alguém, apesar de Alan comentar que a intenção era outra, ele mesmo concluiu que a proposta saiu melhor que a ideia inicial.

A partir das leituras das cartas muito foi jogado fora, o momento, a entrega, as revelações provocaram um “rasgar-se e emendar-se”, foi preciso desabafar e deixar as emoções fluírem. Mediados pela leitura de Cearteau rasgamos cenas passadas e emendamos em nosso cotidiano, trouxemos memórias, dores, saudades, reflexões para nossa travessia de cartas... palavras... lágrimas... sorrisos... compaixão... amizade.

Será que Alan e Renata imaginavam o que escrever uma carta representaria para cada um de nós? O que cada um compreende por escrever uma carta? Ela é um documento? Ela é um chamado? Ela é uma revelação?

No primeiro momento Jorlandro inicia sua leitura, contando-nos um pouco de sua história diz que na aula anterior de quarta-feira, enquanto apresentava o seu pré-projeto foi questionado sobre a falta da escrita de sua trajetória, como chegou até ali? Sua carta não foi endereçada a ninguém. Parece que as pessoas ali que não são as mesmas de quarta, foram privilegiadas ao ouvir um pouco de sua história de vida.

Em seguida Regina mostra-nos a sua carta, diz que tem um destinatário: Leidiane. Regina lê alguns trechos e explica que foi motivada pela história dos avós de Leidiane, outro narrar que foi feito na aula anterior. Assim como os avós de Leidiane, os de Regina lhe trazem afetuosas memórias. Em alguns momentos se emociona tocando a todos com sua carta/relato.

Toma a vez, Leidiane que produziu sua carta para Alan. Leidiane nos conta sobre seu percurso até a universidade, o que a provoca, quais foram e são os seus desafios, a pessoa que se tornou e está se tornando. Choro e pausas interrompem o seu

contar e ninguém no momento pensava no tempo. Estávamos todos envolvidos pelo clima que tomava conta daquela aula, daquela manhã.

Pausa para todos respirarem, foi preciso. Os olhares se encontravam e demonstravam afetuosidade e emoção. Eu com meus botões pensava nos meus queridos avós, já falecidos. Importa dizer que pensar nos patriarcas e matriarcas de nossa família nos diz muito do que somos.

Simone toma a palavra e dá continuidade. Sua carta é misteriosa, ela não diz para quem a escreve, de início não se sabe. Provocada pelos versos de Drummond tece seus momentos de criança com o verbo ser. O que você vai ser quando crescer? Perguntavam a ela.

Em nossas leituras e conversas questionamos essa relação do adulto para a criança. Simone diversas vezes me conta sobre acontecimentos que a incomodam na pré-escola. Porque achamos que a criança ainda não é e que só o será quando crescer? O que ela já é? Nossos projetos se entrelaçam e aprendo muito nos curtos momentos que trocamos algumas palavras durante nossas aulas. Sua carta foi endereçada a mim com a seguinte proposta: Pensarmos juntas e com nossos pares, novas práticas "com" e não "para" as crianças.

Tomo a leitura de minha carta endereçada ao Diego, tenho curiosidades sobre a vinda de cada um para o mestrado, o que significa esse momento formativo que estamos? Faço perguntas ao Diego, talvez dizendo a mim mesma e aos demais que é preciso fê e coragem para seguir, sustentada pelos versos de Guimarães Rosa.

Diego faz sua leitura para Gracyelle, embora não tenhamos combinado anteriormente, percebo que sua carta é uma continuidade da minha, ele também se pergunta e pergunta aos demais através de Gracyelle, o que esperamos do mestrado.

Seguimos com Gracyelle que escreve para Regina. Sua carta nos conta sobre sua pesquisa, sua trajetória e o que a motiva estudar e escrever sobre a luta de classes, a questão da identidade e etnias. Tão forte, tão presente.

Passamos para Cristiane que endereçou à Alessandra. Cristiane relembra o livro da Moça Tecelã contando-nos os anseios partilhados na narrativa tanto do livro quanto em sua carta. Que a propósito foi escrita em papel de carta e à mão, finalizando com #tamojuntonomestrado.

Clarissa lê sua carta. É uma carta aberta para todos, pois assim, compreendeu que deveria ser escrita. Das memórias docentes escolhe uma para nos contar, ela fala sobre a amizade que fez quando se sentia sozinha na escola. Penso que assim como Clarissa, também passei por momentos semelhantes de difícil superação. Talvez muitos de nós.

Mairce finaliza nossa rodada de leitura, dizendo que produziu sua carta para Andréa. Entre seus dizeres inclui a leitura do livro: A Carta da Constituição de 87, seria esse o nome correto do livro?

O livro tem o formato de carta e narra outras cartas endereçadas entre amigos sobre palavras adormecidas e palavras acordadas. Essa sim, veste como luva e fecha o nosso momento íntimo de revelações.

Alguns comentários e muitos silêncios. Tentamos dar continuidade ao texto de Cearteau, mas não conseguimos. O tempo não contribuiu e nem nós, queríamos deixar

passar aquele momento de entrega e de escrita de si. Uma escrita formada com o outro e para o outro, que passa junto as manhãs de sextas. O que precisávamos naquele momento era de tempo para digerir tantas revelações.

Pego a estrada, meu destino é a escola. Enquanto faço o caminho sinto a mente cheia de informações, inundada de sentimentos, no rádio toca essa canção dos Paralamas: "Eu hoje joguei tanta coisa fora..."

Reflijo que coisas foram jogadas naquela manhã, não fora, mas para dentro de nós. Cartas e fotografias, gente que foi embora, a casa fica bem melhor assim... nos relatos breves de cada um, muito de um todo foi revelado. Talvez porque a história de um, faz nos identificar e nos tocar. Contar travessias, gente que foi embora, gente que chega traduz uma manhã de aula rica em narrativas repletas de significados e sentidos.

Olho para o Alan e pergunto sobre a sua carta, ele diz que vai ficar para a próxima, mas percebo que está como muitos de nós, cheio das memórias do todo.

Finalizo meu registro com um breve trecho do texto de Ricouer que em meu trabalho monográfico me deu literalmente a mão, para conseguir narrar fases tão sofridas e valiosas, pois foram um processo formativo que me constituiu:

*... é na narrativa que a memória é levada à linguagem.
Entendo aqui por "narrativa"
toda a arte de contar, narrar, que encontra, nas permutas da
vida quotidiana...
É, pois, ao nível da narrativa
que se exerce primeiro o trabalho de lembrança.
Paul Ricouer, 1996*

Ruttyê Abreu.